

DICIONÁRIO DA *ENEIDA*, LIVRO III
As errâncias de Eneias
(718 versos)

MILTON MARQUES JÚNIOR

DICIONÁRIO DA *ENEIDA*, LIVRO III
As errâncias de Eneias
(718 versos)

João Pessoa
2012

COLEÇÃO PósLetras

CONSELHO EDITORIAL

Ana Graça Canan (UFRN)
Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)
Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)
Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto)
Gastón A. Alzate (California State University)
José Rodrigues Seabra Filho (USP)
Juliana Luna Freire (Framingham State University)
Juliana Pasquarelli Perez (USP)
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)
Maurizio Gnerre (Università di Napoli Orientale)
Regina Dalcastagnè (UnB)
Saulo Neiva (Université Blaise Pascal - Clermont-Ferrand)
Simone Schmidt (UFSC)
Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)

Todos os textos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Capa / Diagramação
PAULO ALDEMIR DELFINO LOPES

Apêndice iconográfico (fotos do autor)



Editora tal
Impresso no Brasil.
Feito o depósito legal.

Pesquisadores colaboradores e coautores

Alcione Lucena de Albertim

Danniele Silva do Nascimento

Felipe dos Santos Almeida

Heloísa Hiranoyma Maia

Juvino Alves Maia Junior

Nathália Pinto do Rêgo

Prisciane Pinto Fabrício Ribeiro

Raphaella Barbosa Belmont

Vanessa Lima da Cunha

Yasmim Alcântara dos Santos Mendonça

COLEÇÃO PósLetras

O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba, pioneiro na Região Nordeste, existe há trinta e sete anos como Curso de Mestrado e há doze anos como Programa de Doutorado, tendo formado mais de seiscentos Mestres e cerca de duzentos Doutores, muitos dos quais ocupando hoje posições de destaque no cenário acadêmico em diferentes estados do Brasil.

Tendo se realinhado continuamente para atender a demandas externas ou para ajustar-se a transformações estruturais internas, o PPGL tem sempre demonstrado sua capacidade de expansão e sua disposição em enfrentar novos desafios. Concebido, originalmente, em 1975, como Curso de Mestrado em Letras, com uma única área de concentração em Língua Portuguesa, já no ano seguinte passou a configurar-se em três áreas: Literatura Brasileira, Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana, tendo permanecido, desde então, como importante centro de referência nos estudos de Literatura Anglo-Americana realizados no Brasil.

Ressalte-se que o vínculo do PPGL com as Literaturas Estrangeiras não permaneceu restrito à área de Língua Inglesa. Ao longo dos anos, o PPGL incorporou em suas atividades de ensino e pesquisa especialistas em Literaturas de Língua Francesa, Espanhola e Alemã. Esse vínculo de longa data com as Literaturas Estrangeiras Modernas sempre corroborou para fomentar políticas de internacionalização do Programa, embora a inserção de nossos docentes em cenários internacionais não esteja restrita àqueles envolvidos com as Letras Estrangeiras, havendo no PPGL projetos institucionais fortemente consolidados desenvolvidos por professores advindos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas junto a universidades estrangeiras.

Deve-se justamente a essa articulação entre docentes do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e docentes do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas o amplo espectro de atuação do PPGL no cenário das Letras, possível apenas através de trocas exemplarmente constituídas, sendo hoje desenvolvidos com êxito no programa tanto estudos baseados em perspectivas clássicas, canônicas, tradicionais, quanto estudos orientados por perspectivas contemporâneas, alternativas, marginais, populares. Essa mescla de experiências investigativas culturais é certamente a maior riqueza do legado que temos construído através dos anos.

Configurando esse mosaico de saberes, o PPGL caracteriza-se como um Programa misto, abrangendo duas grandes Áreas de Concentração: “Literatura e Cultura” e “Linguagens e Cultura”. No momento, compõem a área de “Literatura e Cultura” as seguintes linhas de pesquisa: “Memória e Produção Cultural”, “Estudos Comparados”, “Tradição e Modernidade”, “Cultura e Tradução”. A área “Linguagens e Cultura” inclui: “Estudos Semióticos”, “Discurso, Sociedade e Cultura”, “Estudos Clássicos”.

Tendo em vista o cumprimento responsável de suas atividades acadêmicas e formativas, o PPGL não pode prescindir de medidas que assegurem a qualidade do conhecimento produzido por seus quadros, docentes e discentes. Sabemos que somente o debate público pode conferir legitimidade aos resultados das pesquisas produzidas em nossas instituições. Também reconhecemos a necessidade imperiosa de garantir que esse conhecimento por nós produzido esteja sintonizado, ao mesmo tempo, com os mais recentes debates nos diversos campos teóricos, assim também com demandas da vida política, econômica e social sob perspectivas regionais, nacionais e internacionais.

Nesse sentido, um dos mais importantes objetivos do Programa tem sido dar, cada vez mais, visibilidade aos resultados

das nossas pesquisas, individuais ou coletivas, adotando políticas que visam favorecer a divulgação dos resultados alcançados, estimulando também meios de tornar mais concreta a aplicação prática desse conhecimento, tanto no que se refere às produções discentes como docentes. E não tem sido pequeno nosso esforço em apoiar a organização e a publicação de livros dos nossos docentes. A cada ano, o PPGL seleciona, dentre os trabalhos em preparação, aqueles a serem patrocinados pelo programa. Em 2011, seis livros de autoria dos nossos docentes foram dados a público com nossas próprias verbas.

Chegamos, portanto, ao ponto que nos interessa mais criteriosamente expor como justificativa à criação dessa *Coleção PósLetras*, sendo justamente para nos auxiliar a concretizar nossa política interna de publicações que decidimos operar com um selo do próprio PPGL, em parceria com a Editora da UFPB. Começamos por aduzir que, em nossa área, o livro ainda é o principal veículo de divulgação do conhecimento. Se em diversas áreas nas quais a objetividade das informações e o critério da inovação se revelam preponderantes, em nosso campo das Letras e das Linguagens, somos guardiões de um patrimônio cultural de 3.000 anos. Nosso presente e nosso futuro se recortam sempre em relação dialética com essa herança cultural. Dela provêm os fundamentos teóricos, as reflexões filosóficas, os gêneros literários, as fortunas críticas. Nada disso pode ser desconsiderado em nossas produções acadêmicas, nem mesmo naquelas sintonizadas com os mais recentes debates no campo do conhecimento humanístico. Daí que um artigo de poucas páginas em um periódico, por mais qualificado que este venha a ser, nem sempre se oferece como espaço ideal às nossas reflexões. Sequer temos um legado epistemológico exato ou estável, cada nova exposição ou discussão ensejando a delimitação de significados para os conceitos teórico-críticos que amparam

nossos estudos. Temos lutado com energia para que nossas especificidades sejam reconhecidas pelas agências de fomento e, a despeito das dificuldades que enfrentamos quanto à peculiaridade dos parâmetros de avaliação de nossa produção em relação a outras áreas do conhecimento, aos poucos vamos conseguindo afirmar a nossa especificidade e a criação do QUALIS LIVROS é, sem dúvida, uma evidência das nossas conquistas. Contudo, muito ainda precisamos fazer. Nossa Editora universitária, embora disponha de um Conselho Editorial, não tem catálogo específico na área das Letras. Outras editoras locais, sendo empresas comerciais, também carecem de catálogos especializados. Considere-se ainda que não é fácil conseguir viabilizar publicações através de grandes e reconhecidas editoras, a não ser em casos mais especiais, o que ocorre apenas eventualmente, embora nossa exigência por publicações seja algo constante e inamovível. Decidimos, portanto, em reunião colegiada e com o apoio unânime dos pares, criar nosso próprio selo e lançar em 2012 uma chamada interna para publicação de uma obra representativa de cada uma das sete linhas de pesquisa do PPGL.

A Coleção PósLetras surge, assim, como uma vitrine para a nossa produção acadêmica, contando com um Conselho Editorial composto por pesquisadores de reconhecida reputação nacional e internacional que certamente contribuirá de forma significativa para incrementar nosso índice de publicações qualificadas. Dentre os critérios para indicação dos trabalhos publicados nesta *Coleção PósLetras*, foram observados os seguintes parâmetros: tema geral e eixo temático do texto; problemática da obra; objetivos; resultados alcançados; pertinência do texto; clareza e objetividade; rigor científico; adequação e correção da linguagem; qualidade acadêmica.

Certos de que assim estamos a dar outro passo importante para o fortalecimento das nossas áreas e linhas de pesquisa, agradecemos a todos os que compõem o Programa de Pós-Graduação em Letras, docentes e discentes, sobretudo aos representantes das nossas linhas de pesquisa, nomeadamente os Professores Doutores Ana Cristina Marinho Lucio, Arturo Gouveia de Araújo, Elinês Oliveira, Fabrício Possebon, Ivone Lucena, Luciana Calado e Milton Marques Junior. Agradecimentos precisam ainda ser dirigidos a todos os que, em anos anteriores, contribuíram para o sucesso deste Programa, uma nota especial de reconhecimento sendo devida às ex-coordenadoras do PPGL, as Professoras Doutoradas Elisalva Madruga Dantas, Liane Schneider e Ana Cristina Marinho Lucio, sem as quais o ofício de administrar o PPGL teria sido bem mais difícil e a idealização desta *Coleção PósLetras* sequer teria sido possível. Agradecemos também a Paulo Aldemir Delfino Lopes, que tanto nos ajudou com o planejamento e a execução gráfica desta Coleção. Finalmente, não poderíamos deixar de conferir créditos os mais elogiosos àquela que tem se destacado à frente de nossa secretaria, Rosilene Marafon, a quem devemos muito da laboriosa organização de todo o Programa e em nome de quem registramos os louvores devidos a todos e todas que cultivam a excelência no desempenho de suas funções.

João Pessoa, 15 de outubro de 2012

Sandra Luna e Luciana Calado
COORDENADORA E VICE-COORDENADORA
do Programa de Pós-Graduação em Letras

SUMÁRIO

SOBRE O DICIONÁRIO.....	15
UM NOVO PROÊMIO NO LIVRO III DA <i>ENEIDA</i> - AS ERRÂNCIAS DE ENEIAS	22
ESTRUTURA NARRATIVA DO LIVRO III DA <i>ENEIDA</i>	39
DICIONÁRIO DA <i>ENEIDA</i> , LIVRO III AS ERRÂNCIAS DE ENEIAS (718 VERSOS)	51
<i>ENEIDA</i> – TEXTO EM LATIM	133
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	159
REFERÊNCIAS	174
APÊNDICE ICONOGRÁFICO	179

Sobre o Dicionário

A nossa pesquisa consiste na dicionarização da *Eneida*, de Virgílio. Como o poema virgiliano é composto de doze Livros, dividimos a pesquisa em três momentos: verbetização dos Livros I a IV; dos Livros V-VIII, e dos Livros IX-XII. O trabalho relativo aos Livros I-IV está terminado e estamos dando a lume a publicação do *Dicionário do Livro III*. A publicação do *Dicionário do Livro I da Eneida – Eneas na Líbia* foi, para nós, um teste, esperando que o público a quem o dicionário se destinava – inicialmente, os estudantes do curso de Letras – desse o seu retorno de leitura, sem o que não poderíamos corrigir as falhas, com o intuito de tornar melhor esta obra de referência.

Para a publicação do *Dicionário do Livro II da Eneida – A Narrativa de Eneas: A Destruição de Troia* –, realizamos algumas mudanças nas informações dos verbetes e na objetividade que se espera de uma obra dessa natureza, mudanças provenientes do uso do dicionário em sala de aula. Por outro lado, procuramos melhorar o aspecto visual do dicionário, separando cada seção de verbete com a letra capital correspondente e acrescentamos ilustrações a esse volume, com as fotos oriundas de uma viagem de estudos que, em 2011, fizemos a Roma e à Grécia – Atenas, Epidauro, Micenas, Olímpia e Delfos –, visitando museus e sítios arqueológicos importantes. Assim, acreditamos que a informação foi qualitativamente melhorada, com as

ilustrações proporcionando ao leitor um prazer visual.

Agora, estamos dando a lume o terceiro volume: *Dicionário do Livro III da Eneida – As errâncias de Eneias*. Para essa edição, que também conta com ilustrações, seguimos os mesmos critérios de verbetização do volume anterior, explicados a seguir.

A leitura frequente da *Eneida*, para ministração de aulas na graduação e na pós-graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba, fez-nos constatar a necessidade de um texto de apoio, de uma obra de referência – de que somos tão carentes no Brasil –, para a compreensão dessa obra virgiliana. Complexa na sua estrutura, complexa na sua linguagem, a *Eneida* é também complexa pela variedade e abundância de informações de toda sorte: histórica, filosófica, geográfica, religiosa... Apenas para estabelecer uma característica da *Eneida*, que nos parece bem nítida, é impossível ler e compreender esse poema épico sem o conhecimento da história de Roma, de seus primórdios à época de Augusto.

Foi pensando na dificuldade que encontra o leitor não iniciado, e mesmo alguns iniciados, nas obras clássicas, sem acesso ao texto em latim, que intentamos a realização de um dicionário da *Eneida*. Trata-se de trabalho lento e complexo, que faz jus às dificuldades que o texto nos apresenta a todo o instante. À frente do **GREC** – *Grupo de Estudos Clássicos e Literários*, da Universidade Federal da Paraíba –, o professor Juvino Alves Maia Junior e eu reunimos um grupo de pesquisadores, que conta com professores do curso de Letras Clássicas, estudantes da graduação e da pós-graduação, e começamos um trabalho que, a princípio, parecia de Sísifo,

pois se rolar o rochedo ao cume do monte já é bastante difícil, rolar o rochedo sem saber que caminho tomar torna bem pior esta empreitada. Contudo, uma vez traçado o caminho, a pesquisa pôde avançar, e se o rochedo não chegou ao cume, pelo menos não rolou mais montanha abaixo.

A primeira decisão que tomamos, que nos parecia óbvia, foi no sentido de realizar a verbetização a partir do texto em latim e não a partir de uma tradução. Embora nem sempre nosso público seja o aluno de Letras Clássicas, entendemos que uma obra que tem intenção elucidativa, como um dicionário, não pode confiar senão no texto lido na sua língua de origem. Além do mais, nossa experiência com traduções nos mostra que o que se traduz e se coloca no mercado não é exatamente o que se encontra no texto. Pode ser na sua essência, mas não nos seus detalhes. Como nosso trabalho objetiva um estudo da *Eneida*, o viés analítico se impõe, obrigando-nos a ir aos detalhes do original em latim.

O que verbetizar foi decidido ao longo do rolar a pedra montanha acima. Inicialmente, pensamos nos personagens – heróis e divindades –, depois verificamos que era necessário ampliar a verbetização para os espaços e acidentes geográficos, além de determinadas plantas e expressões. Como compreender a viagem *terra marique* de Eneias, no Livro III da *Eneida*, sem a preocupação de verbetizar cada local por onde o herói passa? E as várias expressões de relação metonímica, como um *velho Baco* (*ueteris Bacchi*, Livro I, verso 215), por um vinho envelhecido? Ou expressões estereotipadas como *juízo de Páris* (*iudicium Paridis*, Livro I, verso 27)? Desse modo, acreditamos ter dado mais

substância ao nosso trabalho.

Uma vez que o texto latino naturalmente se impôs, restava-nos escolher que texto seguir. Para um trabalho como este, torna-se evidente e imperioso o uso de um texto estabelecido filologicamente, por ser o mais confiável para o estudo. Optamos, pois, pela lição filológica de Jacques Perret, de 2006, procurando sempre confrontar com o texto estabelecido por Henri Goelzer e traduzido por André Belessort, de 1952. Em ambos os casos, a edição é da Les Belles Lettres de Paris. Apoiamo-nos em outras lições filológicas, como é o caso daquela sob os cuidados de Carlo Carena, edição da UTET de Torino. Todos estes textos estão devidamente elencados na bibliografia.

O uso de um texto crítico, estabelecido filologicamente, é de suma importância, pois nos aproxima das sutilezas do texto virgiliano, o que não encontramos em outras edições do texto latino. Por exemplo, fiéis ao texto estabelecido, mantivemos todas as formas arcaicas de Virgílio, como os acusativos plurais da terceira declinação em *-is*, como no verso "*Heu fuge crudelis terras, fuge litus avarum*" (*Ai, fuge destas terras cruéis, fuge deste litoral avaro*, Livro III, verso 44); ou as formas em *-uont*, da terceira pessoa do plural do presente do infectum, como no verso "*et uestigia foeda relinquont*" (*e nos deixam os vestígios repugnantes*, Livro III, verso 244); assim também as formas em *-uom* e *-um*, do genitivo plural da segunda declinação, como em *auguriis diuom* (*pelos augúrios dos deuses*, Livro III, verso 5), e outras formas semelhantes.

Como o Livro III trata da viagem de Eneias, numa errância *terra marique*, tivemos de recorrer a mapas do mundo antigo

para tentar estabelecer o roteiro percorrido pelo herói. A consulta dos mapas da edição do Gaffiot, dos mapas da edição italiana do Liddell & Scott, e da edição do mapa da Grécia antiga, preparado a partir da geografia de Estrabão foi imprescindível para essa compreensão.

As entradas no dicionário mostram o verbete em sua tradução portuguesa, mantendo, entre parênteses, a forma latina, no caso em que a palavra aparece no texto original. Quando o vocábulo vem acompanhado da conjunção enclítica *-que*, como em *Aeneadasque* (Livro VIII, verso 18), consideramos apenas a parte lexical (*Aeneadas*) e não a conjunção coordenativa aditiva (*-que*).

Como verbetizar os nomes foi outra grande dificuldade. Decidimos pela simplificação, para tornar a consulta mais rápida. Os nomes latinos ou gregos serão traduzidos para o português e aproximados, até onde for possível, da língua original. Em todo caso, simplificamos o *y* para *i*, o *ch* para *c* ou *qu*, conforme o caso; o *th* para *t* e assim por diante. Acreditamos que os problemas de tradução de nomes sempre existirão, mas eles nos parecem minimizados, pelo fato de que eles se encontram em sua forma original dentro dos parêntesis, que acompanham o verbete, e no *índice onomástico*, ao final do dicionário. Dois casos à parte subsistiram. O primeiro foi em relação a *Thétis*, mãe de Aquiles, e *Téthys*, a titã, cujas grafias mantivemos próximas ao original para evitar confundir-se uma com a outra. O outro foi com relação a *Júpiter*. Optamos pela verbetização das duas formas, *Jove* e *Júpiter*, mesmo sabendo que a forma *Jove* é o desdobramento em outros casos do nominativo *Júpiter*. No

entanto, na tradição poética da língua portuguesa, tanto permaneceu o caso lexicogênico *Jove (Iouem)*, como o nominativo *Júpiter (Iuppiter)*.

Já os nomes acompanhados dos epítetos, como *Pio Eneias*, ou apenas os epítetos, como *Pai dos deuses e dos homens*, foram verbetizados, pois os epítetos são comuns, frequentes e estruturais na poesia épica.

Com relação aos patronímicos, quando aparecerem isolados, como *Troianos* ou *Argivos*, ou acompanhando um substantivo designando a descendência de um herói, como *Anquises Dardânio*, isto é, descendente de Dárdanos, serão grafados com maiúscula; quando aparecerem como um adjetivo ligado a um substantivo comum, serão grafados com minúscula. Por outro lado, agrupamos todos os patronímicos iguais num mesmo verbete, quando se trata das formas de masculino, feminino, singular e plural – *Argivo, Argivos, Argiva, Argivas*. Cumpre-nos, ainda, dizer que procuramos observar ao máximo o texto original e manter o uso de *Argivos, Aqueus, Dânaos* e *Graios*, em lugar de Gregos, tradução corrente, mas que não se coaduna com o espírito do texto, que remonta a uma época em que não havia a Grécia, mas cidades-reino, que funcionavam independentemente, unindo-se contra o inimigo comum, quando necessário.

Por fim, mas não por último, temos consciência de quanto é extensa a tradição mitológica, tanto de poetas, quanto de mitógrafos, não sendo possível, portanto, exauri-la nos limites desse trabalho. Faremos, no entanto, todas as relações transtextuais que nos forem possíveis fazer, de Homero aos tragediógrafos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides –,

chegando até os contemporâneos de Virgílio.

Entendendo o texto literário como um tecido que se compõe de outros textos, vemos como, por exemplo, o poeta latino Ovídio (43 a. C. – 17 a. D.) se torna uma fonte importante para a leitura da *Eneida*, embora suas obras sejam posteriores à obra-prima de Virgílio. Mesmo sendo as *Metamorfoses* do ano 1 a. C. e os *Fastos* do ano 3 a. D., podemos ver como alguns mitos que estão em Virgílio são desenvolvidos por Ovídio nessa duas obras, ajudando o leitor que conhece ambos os autores a entender melhor o complexo tecido da *Eneida* – uma das fontes de Ovídio – e a perceber a influência do mantuano sobre o poeta de *Arte de amar*.

Um Novo Proêmio no Livro III da *Eneida* - As Errâncias de Eneias

Conforme vimos em um ensaio anterior, o Livro II da *Eneida* é um livro augural, tendo em vista que os anúncios da destruição de Troia e os presságios e augúrios da necessidade de fundação de uma nova Troia, com a permissão dos deuses, são apresentados paulatinamente a Eneias, ao longo da narrativa. Por outro lado, o Livro II abre a perspectiva da viagem a que Eneias está obrigado a fazer, de acordo com a vontade dos deuses. Tendo em vista a força do fado que impele Eneias, a contragosto, ao exílio, podemos observar como o Livro II também é o momento da ruptura com o ideal da bela morte, rompimento com o ideal do herói individual, cujo objetivo é morrer no campo de batalha, coberto de feitos gloriosos, cantados futuramente pelos aedos, como se pode constatar, por exemplo, no Canto XXII da *Ilíada*, na fala de Heitor, na iminência do enfrentamento a Aquiles (versos 304-305).

A Eneias não é dada a escolha. Ele não pode morrer a bela morte, mesmo que seja o seu desejo, defendendo Troia do invasor Argivo (*furor iraque mentem/praecipitat, pulchrumque mori succurrit in armis* - o furor e a ira precipitam meu ânimo e apresenta-se belo ser morto nas armas, Livro II, versos 316-317; *moriatur et in media arma ruamus./Vna salus uicitis nullam sperare salutem* - morramos e em meio às armas lancemo-nos. A única salvação para os vencidos é não esperar nenhuma salvação, versos 353-354). Os deuses o impelem a

um destino maior: ser o fundador de uma nova Troia, mais duradoura, com a anuência dos deuses, e isto só será possível com um herói que represente essa nova nação. Daí a ruptura com o ideal da bela morte e do individualismo guerreiro, para dar lugar ao herói coletivo, representativo de uma nacionalidade, tornando, assim, Eneias diferente e oposto a Aquiles e a Heitor, mas não menos herói. Por outro lado, o novo herói coletivo deve ser piedoso, isto é, temente aos deuses, respeitador dos seus desígnios e também oferecedor de sacrifícios e cumpridor de rituais. Daí o epíteto *pius Aeneas* que será uma constante dentro da *Eneida*.

O herói a fundar a nova Troia não pode ser qualquer um, mas aquele que possa seguir as determinações do destino, respeitando-o e temendo-o. Isto o tornará um herói civilizador, fundador, que expandirá a nação aos lugares mais remotos, porque estará expandindo o culto a seus deuses também. Eneias é obrigado a levar consigo os Penates de Troia e o fogo sagrado de Vesta, recomendações feitas pelo espírito de Heitor (*Sacra suosque tibi commendat Troia penatis - Troia te confia seus objetos sagrados e seus penates*, Livro II, verso 293), antes de trazer-lhe, do mais recôndito do templo, Vesta, os nastos e o fogo potente e eterno da deusa (*Sic ait et manibus uittas Vestamque potentem/aeternum adytis ecfert penetralibus ignem*, versos 296-297). Para que o herói se complete, é preciso que ele passe por provações e persevere na busca de cumprir o destino que os deuses lhe impuseram como forma de testar a sua têmpera.

O Livro III da *Eneida* é o momento em que Eneias irá provar a sua têmpera, passando por uma viagem das mais

difícultosas, cheia de provações, sendo jogado lá e cá pelo mar, em busca da terra prometida pelos deuses. Antes de a essa terra chegar o herói, o entanto, sofrerá a maior e mais cruel das provações: a morte do pai. O entendimento de tais provações só se fará pleno com o conhecimento dos primeiros doze versos desse Livro III, construídos à maneira de um novo Proêmio. Propomos, portanto, uma tradução e análise do trecho a seguir:

Postquam res Asiae Priamique euertere gentem
 immeritam uisum superis, ceciditque superbum
 Ilium et omnis humo fumat Neptunia Troia,
 diuersa exsilia et desertas quaerere terras
 auguriis agimur diuom, classemque sub ipsa 5
 Antandro et Phrygiae molimur montibus Idae,
 incerti quo fata ferant, ubi sistere detur,
 contrahimusque uiros. Vix prima inceperat aestas
 et pater Anchises dare fatis uela iubebat,
 litora cum patriae lacrimans portusque relinquo 10
 et campos ubi Troia fuit. Feror exsul in altum
 cum sociis natoque penatibus et magnis dis.

Depois que o reino da Ásia e a gente injusta de Príamo
 Pareceu bem aos súperos destruir e caiu a soberba
 Ílion e toda a Troia Netúnia fumea pela solo,
 exílios diversos e terras selvagens a procurar
 fomos levados pelos augúrios dos deuses; a frota 5
 construímos sob a própria Antandro, nas montanhas do Ida Frígio;
 incertos para onde os fados nos conduziam, e de onde nos fosse dado parar,
 reunimos os heróis. O primeiro ano apenas começara
 e o pai Anquises mandava dar velas aos fados,

quando, chorando, deixo os litorais da pátria e os portos 10
e os campos onde Troia existiu. Sou levado ao exílio pelo alto mar
com os companheiros e o meu filho, os Penates e os grandes deuses.

Podemos extrair alguns ensinamentos desse início do Livro III, que, conforme já anunciamos, é construído à maneira de um segundo Proêmio da *Eneida*. Inicialmente, elencaremos os fatos para, em seguida, comentá-los um a um:

1. A raça de Príamo não merece ir junto com o escolhido Eneas (*gentem immeritam*, versos 1-2);
2. a vontade dos deuses é a única responsável pela destruição de Troia (*res Asiae euertere uisum superis*, versos 1-2);
3. Ílium caiu por sua soberba (*superbum Ilium*, versos 2-3);
4. os augúrios dos deuses apontam exílios e terras (*diuersa exsilia et desertas quaerere terras auguriis agimur diuom*, versos 4-5);
5. não há, para Eneas, certeza do local para onde os fados o conduzem (*incerti quo fata ferant, ubi sistere detur*, verso 7);
6. começava o primeiro ano das errâncias de Eneas (*Vix prima inceperat aestas*, verso 8);
7. o exílio é pelo alto mar (*Feror exsul in altum*, verso 11);
8. Eneas não vai para o exílio sozinho (*cum sociis natoque penatibus et magnis dis*, verso 12).

Passemos aos comentários de cada um dos fatos.

1. A raça de Príamo não merece ir junto com o escolhido Eneias (*gentem immeritam*, versos 1-2)

A tradução do adjetivo *immeritus*, *a*, *um* traz, naturalmente, controvérsia. As edições são unânimes em traduzir como *injusto*, *injusta*, atribuindo a um ato de injustiça dos deuses não só a destruição de Troia, mas também a gente de Príamo. Essa interpretação nos remete a um problema precedente, que consiste na tradução de *gens*, *gentis*. Começemos por ele. Dentre as várias acepções propostas, encontramos as possibilidades de traduzir *gens* por *raça*, *origem*, *povo*, *descendência*, *família*, *linhagem*, *estirpe*... Proveniente de *gigno*, o sentido do termo é o de *criar*, *engendrar*, *dar à luz a uma descendência*. Ernout ensina que *gens*, *gentis* "é o grupo de todos aqueles que se ligam pelos machos a um ancestral macho (e livre) comum" (2001, p. 271). Continua Ernout:

"*Gens*, na origem, designa portanto o 'clan'. Mas o sentido da palavra se alargou ou se retraiu à medida que a noção de 'clan' desaparecia, e *gens* serviu para designar a família, a descendência, a raça e também a nação, o povo;" (id. *ibid.*)

Dentro da estrutura da *Eneida*, *gens* se refere à família de Príamo, àqueles que descendem diretamente do velho rei e do seu pai, Laomedonte. Trata-se, portanto, de um vocábulo que restringe o seu sentido ao âmbito da família. Não é o caso de traduzi-lo por povo ou nação de Príamo. Mas a família, a raça, os que descendem diretamente de Príamo.

A partir desse entendimento, podemos chegar, sempre tomando como base a estrutura do poema, ao entendimento do termo *immeritam*. Uma das possibilidades de tradução do acusativo *immeritam* é a mais óbvia: *imerecida*. Tal tradução não ajuda à compreensão do que diz o texto, porque ambígua. *A raça imerecida de Príamo* é imerecida porque não mereceu ser destruída pelos deuses ou foi por eles destruída por ser imerecida, isto é, injusta? Tal ambiguidade se justifica pelo fato de que o adjetivo é originário do verbo *mereo*, significando *receber como parte ou como prêmio, merecer (em boa ou má parte)*, conforme o ensinamento de Ernout (2001, p. 399). Por outro lado, a ligação etimológica de *mereo* é com o verbo médio-passivo grego *μείρομαι*, significando *receber em partilha para si*, ligado, sem dúvida, a *μοῖρα*, o destino, a partilha. Para entendermos o que o vocábulo quer dizer, precisamos voltar ao Livro II e buscar fora da *Eneida*, porém sempre no mito, a explicação necessária.

Sabemos que Eneias é escolhido pelos deuses por sua piedade. É essa qualidade que o torna eleito para a fundação de uma nova Troia. Como herói piedoso, ele deve fugir da cidade em destruição pelos Argivos e buscar o destino ditado pelos deuses superiores. Sabemos, ainda, que os deuses não permitem sua esposa, Creúsa, acompanhá-lo nessa missão. O *nefas* com referência a Creúsa é bem claro no Livro II (versos 778-779), pois ela faz parte da raiz que cometeu ofensas aos deuses, a raiz ímpia. Creúsa é filha de Príamo, que acolheu a debaixo de seu teto o filho Páris, após a sua ofensa aos laços sagrados da hospitalidade, roubando a mulher do homem que o hospedou. O ato de Páris roubando Helena, mulher de

Menelau, ofende menos ao marido do que aos deuses, principalmente a Ζεὺς Χένιος, o Zeus Hospedador. Príamo, por sua vez, é filho de Laomedonte, que quebra o acordo de pagamento feito com os deuses Apolo e Posídon, para a construção das muralhas de Troia. Não só Laomedonte não lhes paga o combinado, como os ameaça. Se formos mais para trás no mito, encontraremos ainda mais traços de ὕβρις, o descomedimento, espalhando o seu μίασμα, a contaminação, sobre o γένος, a descendência de Príamo. Fiquemos com os dois principais: a ofensa de Laomedonte e de Páris aos deuses.

Ao receber sob seu teto um filho que praticou uma ὕβρις, Príamo contamina a si mesmo e a sua família. Daí a destruição da raça de Príamo. Uma raça injusta, como podemos ver. Uma raça imerecida, no sentido de que não merecia ser poupada. A maior prova do fato é que Creúsa não pode acompanhar Eneias, cuja genealogia não está contaminada pela ὕβρις. Acrescente-se a isso o fato de que os filhos e filhas de Príamo não sobrevivem à guerra de Troia, salvo Heleno, cuja função de sacerdote de Apolo é primordial para que Eneias siga o roteiro do seu destino, conforme se constata no Livro III da *Eneida*.

2. A vontade dos deuses é a única responsável pela destruição de Troia (*res Asiae euertere uisum superis*, versos 1-2)

Retoma-se aqui o que já fora revelado por Vênus a Eneias, no Livro II (versos 604-623), quando do momento da destruição de Troia. Troia é destruída pela vontade dos deuses, por causa da sua impiedade, inclusive a impiedade da *gens priameia*. Não se trata, no entanto, de destruição *tout court*. É a destruição da Troia material e do tronco que a contaminou, mas a Troia espiritual está salva com os Penates que Eneias leva consigo, de modo a poder construir uma nova Troia. Dialeticamente, o verso mostra que a destruição requer uma construção. Do mesmo modo que pareceu bem (*uisum est*) aos deuses destruir a velha Troia, pareceu-lhes bem determinar a construção da nova cidade, por um herói piedoso. Não cabe, portanto, a Eneias a inglória missão de querer defender a cidade. Por isto mesmo o herói individual dá lugar ao herói de uma coletividade, um herói fundador e civilizador.

3. Ílium caiu por sua soberba (*superbum Ilium*, versos 2-3)

O adjetivo *superbus*, *a*, *um* só reafirma a ὑβρις de Troia. Dentre as possibilidades de tradução, além de *soberbo*, encontra-se *orgulhoso* e *insolente*. É por causa da insolência de Laomedonte, associada à de Páris, que Troia tombará do seu alto cume e jazerá por terra, fumegante. Aquela que antes fora a Troia de Netuno, um dos deuses responsável pela construção de suas muralhas, agora vê-se reduzida a cinzas, destruída pelos próprios deuses, dentre eles o próprio Netuno (*Neptunus muros magnoque emota tridente/fudamenta quatit*

totamque a sedibus urbem/eruit - Netuno sacode os muros e, com seu grande tridente, as fundações deslocadas, e arranca toda a cidade desde suas bases, versos 610-612). Os Argivos foram apenas o instrumento da vontade dos Súperos.

4. Os augúrios dos deuses apontam exílios e terras (*diuersa exsilia et desertas quaerere terras auguriis agimur diuom, versos 4-5*)

Em consonância com o fato anterior, vemos que os deuses apontam nos seus augúrios exílios e terras. A utilização do termo *augurium* aqui, revela-nos que a determinação dos deuses a Eneias levará o povo remanescente de Troia e a própria cidade a algo melhor. Sabemos que *augurium* provém do verbo *augeo*, cujo sentido é *fazer crescer, aumentar*. A nova cidade, portanto, aumentará em seu prestígio e poder, mas para que isso aconteça, será necessário que o herói enfrente provações diversas (neste Livro III, o termo *augurium* aparece nos versos 5 e 89. Em complementação ao seu sentido, surgem ainda os termos *omen*, verso 36; *omina*, verso 408; *auspiciis*, verso 499, e *omen*, verso 537). Lembramos que uma das palavras marcantes no primeiro bloco da *Eneida* (Livros I-IV) é *labor*, presente desde o *Proêmio* (Livro I, verso 10). Neste Livro III, o termo aparece quatro vezes, nos versos 145, 368, 459 e 714, sendo essa última utilização a que expressa a maior de todas as provações para Eneias - *labor extremus* -, a morte de Anquises. As provações, que já se realizaram com a destruição de Troia e com a perda de Creúsa, serão retomadas com o exílio a que o herói é

submetido. Se os deuses lhe prometem pelos augúrios uma nova e poderosa Troia, futura Roma (vide *Proêmio* do Livro I, versos 1-11), o herói deve fazer a sua contrapartida, buscando tais terras e enfrentando o exílio. São as provações que confirmarão a piedade e a têmpera de Eneias, e concretizarão os augúrios recebidos. Não existe heroísmo, sem a conquista desse mérito. A Eneias foi negado o heroísmo individual e a bela morte. Em compensação, os deuses lhe concederam a oportunidade de mostrar-se o herói de um povo, enfrentando e vencendo as adversidades, cuja finalidade é a construção das muralhas da Roma altiva - *altae moenia Romae* (Livro I, verso 7).

É nesse sentido que devemos entender a voz passiva em *agimur - somos levados -*, em geral traduzido como ativo. Eneias não age por vontade própria, mas levado, submetido pelos augúrios dos deuses, que exigem o enfrentamento de exílios diversos (no sentido de opostos, contrários e longínquos), condição para encontrar as terras selvagens, desertas, que foram prometidas. Não é suficiente, porém, chegar às terras, após longos exílios (*longa exilia*, fala de Creúsa, Livro II, verso 780), Eneias deve lutar por elas e transformá-las de selvagens em civilizadas, como herói civilizador, que é, dando-lhes leis.

5. Não há, para Eneias, certeza do local para onde os fados o conduzem (*incerti quo fata ferant, ubi sistere detur*, verso 7)

Eneias não sabe exatamente para onde vai, apesar dos presságios provenientes dos simulacros de Heitor e de Creúsa, no Livro II (versos 289-297 e 780-784, respectivamente). Há dois fatos, no entanto, a considerar. O primeiro diz respeito à obediência de Eneias aos augúrios dos deuses, o que significa que seu exílio resultará em aumento, conforme se pode ver na previsão de Creúsa. O segundo fato a considerar está intrinsecamente ligado ao primeiro: o herói haverá de cumprir os destinos, pois eles revelam a vontade dos deuses, e outra Troia, cujo poder será sem fim (*imperium sine fine dedi*, Livro I, verso , 279), deverá ser fundada. Por outro lado, os destinos são incertos apenas momentaneamente, para que a têmpera do herói seja submetida às provações. Em meio ao itinerário atribulado de sua viagem, Eneias terá, contudo, a presença marcante do deus Apolo, que, através de seus oráculos - Ânio, os Penates, Celeno e Heleno -, redireciona sempre o herói para o curso correto. Este verso 7 é o que melhor sintetiza as errâncias de Eneias, errâncias, porém, devidamente controladas, pois conduzidas pela profecia, conforme se pode observar com a utilização do verbo *cano*: *canit*, verso 115; *canebat*, verso 183; *canit*, versos 366 e 373; *cane*, verso 438; *canit*, verso 444; *canat* verso 457; *canebat*, verso 559.

6. Começava o primeiro ano das errâncias de Eneias (*Vix prima inceperat aestas*, verso 8)

Este verso é particularmente problemático, pois os tradutores não se entendem, quanto à tradução de *aestas*, divergindo entre *primavera*, *verão*, *estação*... Uma das

acepções possíveis é *ano*, usado por Virgílio, na mesma *Eneida*, no Livro I, quando Dido pede a Eneias para contar-lhe as suas errâncias por terras e por mares, que já duram sete anos (*septima...aestas*, versos 755-756). A tradução deve atrelar-se à estrutura do texto, não devendo jamais perdê-la de vista. O Livro I, como sabemos, é o início da narrativa, mas não é o início da viagem de Eneias, pois, é característico do poema épico o início *in medias res*. Quando Eneias chega ao norte da África e é acolhido por Dido, já fazia sete anos que ele deixara Troia. Para saber como tudo aconteceu, a rainha Dido pede ao seu hóspede que lhe conte os fatos desde o início. É assim que Eneias narra a destruição de Troia, no Livro II, e a sua viagem no Livro III. Observe-se que o Livro III tem um início à maneira de um próêmio, recuperando a destruição de Troia, assunto do Livro II, e abrindo o tema da viagem, a ser desenvolvido por todo o Livro III. Eneias, portanto, diz que a saída de Troia, por Antandro marca o início do primeiro ano de sua viagem, de suas errâncias, de suas tribulações pelo mar. As tribulações em terra já haviam acontecido, agora serão pelo mar e mais demoradas. Acreditamos que as opções de tradução por *primavera* e/ou *verão*, ambas possíveis, tenham se dado pelo fato de que só se navegava a partir da abertura de tais estações.

7. O exílio é pelo alto mar (*Feror exsul in altum*, verso 11)

Igualmente ao verso 5, a voz passiva aqui se impõe. Impulsionado para a frente pelos augúrios divinos (*auguriis agimur diuom*, verso 5), Eneias vê-se agora levado ao exílio

(*feror*). As traduções insistem numa voz ativa, que não tem cabimento quando levamos em conta a estrutura do texto. A vontade dos deuses se impõe a Eneias, ele é empurrado, tocado, levado por ela. O banimento ou exílio do herói, ordenado pelos deuses, tem razão de ser, pois a destruição de Troia é inevitável, conforme já vimos, não cabe a Eneias, portanto, tentar salvar o que não tem salvação. Daí a ideia do passivo. O herói quer resistir, ficar, defender a pátria, morrer a bela morte lutando por ela, se necessário. Os deuses o obrigam, no entanto, a uma missão maior, em prol da coletividade, não da individualidade. Embora Eneias possa pensar em realização de sua vontade pessoal, diante da obrigação de defesa da cidade, ele não pode resistir à vontade dos deuses ou não será o *pious Aeneas*. *Agimur*, portanto, no verso 5, tem como consequência *feror*, no verso 11.

Já o exílio pelo alto mar, onde Eneias será jogado de um lado para o outro - *iactatus* (Livro I, verso 3) - obriga-o a enfrentar a adversidade necessária à formação da têmpera do herói. Para alcançar os campos férteis banhados pelo Tibre, Eneias, no dizer de Creúsa, deverá ir arando o mar, domando-o, assim como se aram os campos, domando-os para a produção do alimento e de riquezas - *uastum maris aequor arandum* (Livro II, verso 780).

8. Eneias não vai para o exílio sozinho (*cum sociis natoque penatibus et magnis dis*, verso 12)

Por fim, este novo *Proêmio* nos informa que Eneias não vai sozinho para o exílio, o que ratifica o argumento de que

não se trata de uma punição individual, mas de um ganho coletivo. O herói deixa Troia choroso (*lacrimans*, verso 10), acompanhado de outros guerreiros, do filho, dos Penates e dos grandes deuses. Os companheiros de armas (*sociis*) são importantes para a conquista da nova terra, pois a nova Troia não será dada de mãos beijadas, pronta, a Eneias. É preciso conquistá-la pelas armas. É isto que Júpiter diz a Vênus, ao descobrir-lhe os destinos do filho dela: *bellum ingens geret Italia populosque ferocis/contundet moresque uiris et moenia ponet* - [Eneias] *levará guerra ingente à Itália e aniquilará os povos ferozes, tanto quanto estabelecerá costumes e muralhas aos homens* (Livro I, versos 263-264).

A presença do filho, Iulo ou Ascânio, é fundamental, pois dele nascerá a cidade de Alba Longa, sede do novo reino, depois do desaparecimento de Eneias, de cujos descendentes nascerão Rômulo e Remo, dando origem a Roma (vide Livro I, versos 265-277), finalidade do exílio do herói, pois como diz Dumézil, Eneias trabalha pela maturação de Roma (1995, p. 365).

Os Penates e os grandes deuses fecham esta parte da narrativa, demonstrando que se eles determinaram a saída do herói, eles não o abandonaram. Mais uma vez, o exílio é um bem coletivo decidido pela vontade dos deuses. Eneias leva consigo os Penates, pois não fundará uma cidade qualquer, mas uma nova Troia, desta feita com a anuência dos deuses. Fazendo uma rápida leitura do Livro I ao VI, vemos as seguintes ações dos deuses em prol de Eneias: Netuno o salva da tempestade desencadeada pelos ventos de Éolo (Livro I, versos 124-143), Júpiter descortina a Vênus o seu (de Eneias)

destino benéfico (Livro I, versos 254-296) e ratifica a saída de Troia, com presságios (Livro II, versos 679-704); Apolo o guia pelo mar (Livro III) e pelos infernos, através da Sibila (Livro VI); Júpiter, através de Hermes, ordena a sua partida (Livro IV, versos 219-278) e salva as naus de Eneias do incêndio (versos 685-699), e Netuno negocia com Vênus a salvação de todos em troca da vida de Palinuro (Livro V, versos 799-863). Eneias é, pois, o herói guiado pelos deuses a um destino benéfico que o fará pai de uma nova nação, o *pater Aeneas*, como é chamado no fecho deste Livro III (verso 716).

Façamos apenas algumas considerações gerais para fechamento desse ensaio. Como sabemos, o Livro III é uma narrativa de viagens, aos moldes da *Odisseia*, inclusive traçando roteiro semelhante pelo Egeu e pelo Jônio, além do fato de que Eneias resgata da Ilha dos Ciclopes, Aquemênides, um companheiro de Ulisses, ali esquecido há três meses. Mais do que um livro de viagens aos moldes da *Odisseia*, Eneias e Ulisses se cruzaram pelos mares...

Todas as viagens empreendidas por Eneias são no sentido de cumprimento de seu destino e enfrentamento de suas provações. Também o Livro III nos revela, com mais nitidez, o Eneias empreendedor, cumprindo a terceira função do indo-europeu, além das outras duas - guerreiro (Livro II) e sacerdote (Livro V). Eneias funda cidades (na Trácia e em Creta) e dá leis aos homens por onde passa, conforme já se anuncia na *Proposição* (Livro I, versos 1-7). Ali já se veem as três funções do indo-europeu sintetizadas no herói piedoso profetizado (verso 1, o verbo *cano* não deixa dúvidas a esse respeito, e verso 10), que deverá fundar um novo reino, de

onde se originará a altiva Roma (versos 5-6), depois de passar muitas guerras e muitas provações (versos 5 e 10). Em síntese: o rei-guerreiro enfrentará as guerras pela conquista do novo reino; o rei-empendedor fundará o novo reino, que será mais poderoso que os demais; o rei-sacerdote desempenhará as duas funções anteriores sem perder de vista a sua condição de piedoso, com relação aos deuses e ao pai, sobretudo ao realizar a fundação da cidade a partir dos ritos sagrados.

Para entendermos a fundação a partir dos ritos sagrados, é preciso compreendermos o sentido do verbo *condo* (Livro I, verso 5). O sentido desse verbo não é apenas o de fundar, mas também o de esconder. Esconde-se dentro da vala aberta para a fundação da cidade parte das primícias colhidas e torrões da própria terra. Conforme diz CARANDINI (2009, p. 47), encontra-se aí o esconder, *condere*, ritualmente significando fundar. Tal rito é necessário, para que a cidade nasça sob o signo da prosperidade. Pensemos que neste Livro III, Heleno prevê a Eneias várias situações, mas dentre elas, prevê o reconhecimento do local da nova cidade, fim das provações do herói (*requies certa laborum*, verso 393): à margem do Tibre, sob uma azinheira, onde se encontram uma porca e seus trinta leitões recém-nascidos (versos 388-393). Os elementos simbólicos presentes nos *signa* mostrados a Eneias por Heleno (*signa tibi dicam*, verso 388) revelam bem a prodigalidade da fundação da nova cidade.

Em primeiro lugar, a nova cidade está predita pela vontade dos deuses, pois o verbo *dico* está circunscrito à esfera do religioso e do direito, conforme nos ensina Ernout (2001, p. 172-173), e o herói a quem esta previsão se destina

deverá ter dentro de si os sinais - a piedade e aqueles revelados por Heleno sobre seu futuro. Este não existirá sem aqueles. Daí o sentido de *insignem* na Proposição, no Livro I (verso 10), daí o conselho de Heleno a Eneias para ele manter na mente, guardado, escondido na mente - *tu condita mente teneto* (Livro III, verso 388). O emprego do imperativo futuro é essencial, bem como a utilização, mais uma vez, do verbo *condo*, em sua forma participial. Eneias deverá sempre ter arraigado, escondido no espírito como elemento fundador de sua natureza de herói os sinais dos deuses, para que possa cumprir a sua missão, qual seja a fundação da nova cidade. Enfim, o Tibre, a azinheira, a porca e os trinta leitõezinhos são a fartura proveniente da água fertilizadora, sob a proteção de Júpiter, vez que a azinheira é da família dos carvalhos, árvore consagrada ao deus máximo. Resta ao herói, o embate com as provações anunciadas.

Mais haveria para dizer, pois, como sabemos, o texto literário é inexaurível. Deixaremos, contudo, para outra oportunidade, em outros ensaios que se seguirão ao longo da publicação do *Dicionário da Eneida. Utinam*.

Milton Marques Júnior
Professor da Universidade Federal da Paraíba

Estrutura Narrativa do Livro III da *Eneida*

Livro III: As Errâncias de Eneias (718 versos)

1. Sinopse

Eneias continua a sua narrativa a Dido. Depois de Troia destruída, o herói parte com o pai, Anquises, com o filho, Ascânio, e os companheiros, à procura das terras de Hespéria, onde, sob as ordens do destino, ele deve fundar uma nova Troia. O caminho é longo, Eneias faz muitas paradas, passa por muitas terras e por muitos perigos – impiedade contra os deuses na Trácia, peste em Creta, tempestade no mar, luta com as Harpias, nas Estrófades; Cila e Caríbdis, no estreito siciliano; Ciclopes, na costa da Sicília... Não sabendo ainda como interpretar as profecias, ele constrói as bases de duas cidades – uma na Trácia e outra em Creta –, mas os deuses o empurram para o destino certo: a Itália. Na última parada antes das terras italianas, no Épiro, Eneias ouve de Heleno, seu compatriota, as previsões e o que ele tem de fazer para chegar ao lugar determinado pelos deuses. Em chegando à Itália, Eneias bordeja toda a região sul, pelo Golfo de Tarento, vai em direção à Sicília, contornando o seu litoral e faz uma última parada em Drépano, onde lhe morre o pai. Para o herói, a maior de todas as suas provações.

2. Núcleos Narrativos

– **Partida de Eneias:** Após a queda de Troia, os Troianos, levando consigo os Penates e com a anuência dos deuses, partem de Antandro, aos pés do monte Ida, onde construíram uma frota sob o comando de Eneias e Anquises. É o início do exílio e da errância por mar e por terra (Versos 1-12).

– **Chegada à Trácia e construção de muralhas:** Pensando haver atingido o seu destino, na Trácia, Eneias dá início à construção das primeiras muralhas, base de uma nova cidade, que nomeia, a partir de seu nome, de Enéades. Em seguida, ele realiza oferendas a Vênus e aos deuses protetores do empreendimento. A Júpiter, especificamente, o herói sacrifica um touro gordo (Versos 13-21).

– **Prodígio de Polidoro:** Procurando cobrir os altares com ramos frondosos, Eneias se depara com um prodígio horrendo: de cada arbusto retirado do solo, correm gotas de sangue negro que maculam a terra. Com medo, Eneias invoca as Ninfas dos campos e o pai Gradivus (Marte), para livrá-lo de tais presságios. É quando ele houve um lamento choroso, vindo dos arbustos, que se identifica como Polidoro e o aconselha a fugir daquelas terras malditas (Versos 22- 48).

– **Trácia, terra contaminada:** Polidoro, um dos filhos de Príamo, havia sido confiado pelo pai, com uma grande quantia de ouro, ao rei da Trácia, antigo aliado de Troia, de modo a preservar o filho de uma eventual vitória dos Gregos. Quando o destino

começou a se inclinar a favor de Agamêmnon, o rei Trácio tornou-se seu aliado, matou Polidoro e se apossou do tesouro, enterrando o rapaz no local onde Eneias o encontrou. Reportando o fato a Anquises e a outros líderes Troianos, todos respondem a Eneias que devem partir dali, pois a Trácia tornara-se terra criminosa, onde a hospitalidade foi conspurcada (Versos 49-61).

– **Funerais de Polidoro:** Antes de partir, Eneias cuida dos funerais de Polidoro, erguendo-lhe um túmulo no alto, erigindo altares para os Manes e realizando os devidos ritos, com a ajuda das mulheres Troianas (Versos 62-68).

– **Partida da Trácia, chegada a Delos:** Eneias parte da Trácia, chegando à ilha de Delos, terra de Apolo, onde reina Ânio, sacerdote da divindade, antigo amigo de Anquises. Em Delos, Eneias venera o templo de Apolo e suplica ao deus que guie os Troianos, concedendo-lhes um sinal para que eles se dirijam ao local onde devem se fixar (Versos 69-89).

– **Profecia de Apolo:** A voz do deus se faz ouvir, dizendo a Eneias para se deslocar com os seus para a Mãe Antiga, a terra de origem de seus ancestrais, onde o herói e seus descendentes dominarão (Versos 90-101).

– **Creta, berço da ancestralidade Troiana:** Anquises lembra que de Creta partiu Teucros, ancestral dos Troianos, para fundar seu reino, em Troia. Berço da raça Troiana, Creta é onde se encontra o monte Ida, que deu nome a seu homônimo na Tróade; é também de

onde partiu o culto à deusa Cibele. Invocando a ajuda dos deuses e imolando-lhes oferendas, Anquises dá a ordem de partir para Creta (Versos 102-120).

– **Chegada a Creta e construção de Pergameia:** A Fama se encarregou de noticiar que Idomeneu, grande inimigo de Troia, havia sido expulso de Creta e que as margens da ilha se encontravam vazias e abandonadas. Deixando Ortígia (Delos), os Troianos navegam pelas Cíclades e atingem Creta. Imediatamente, Eneias começa a erigir uma cidade que nomeia de Pergameia, exortando o povo a erigir a sua cidadela (Versos 121-134).

– **Peste em Creta:** Pergameia, a nova cidade, toma forma com os casamentos, os campos e a força da juventude. Eneias distribui as moradas e as leis, mas a ocorrência de uma peste põe a perder todo o trabalho realizado. Anquises deseja retornar a Delos e suplicar a Apolo o fim das provações (Versos 135-146).

– **Nova profecia de Apolo:** Os Penates, pronunciando as ordens de Apolo, aparecem como em sonho a Eneias e indicam o novo caminho – a Itália, as terras de Hespéria para os gregos –, de onde saíram os ancestrais da raça Troiana, Dárdanos e Iásio. Eneias deve dizer ao pai para buscar Corito e as terras de Ausônia (147-171).

– **Obediência a Apolo:** Atônito com a visão dos deuses, Eneias faz uma libação e conta a Anquises o que eles lhe determinaram. Anquises lembra de uma profecia de Cassandra que falava da Hespéria e da Itália, e, cedendo à vontade de Febo, ele ordena a

todos abandonar Creta e ir em busca das terras anunciadas (Versos 172-191).

– **Tormenta e chegada às Estrófades:** Partindo de Creta, Eneias é surpreendido por uma tormenta, que dura três dias, dispersando os navios e fazendo-os errar pelo mar escuro. No quarto dia, eles conseguem aportar nas ilhas Estrófades, no mar Jônio, onde habitam as Harpias, comandadas pela sinistra Celeno (Versos 192-218).

– **Luta contra as Harpias:** Tão logo chegam ao porto, Eneias e seus companheiros matam as cabras e os bois gordos da ilha para se alimentar. Tentam comer duas vezes e são impedidos pelas Harpias, que contaminam sua comida. Na terceira vez, Eneias tenta dar combate às Harpias, mas não consegue feri-las, tendo, novamente, sua comida contaminada (Versos 219-244).

– **Profecia de Celeno:** A harpia Celeno, furiosa com a matança de seu gado e com a guerra que Eneias lhe faz, anuncia uma profecia terrível, que passa de Júpiter a Apolo, de Apolo a ela e dela aos Troianos: Eneias e os seus irão chegar à Itália, mas antes de cingir a cidade com muralhas, sofrerão grande fome, que os obrigará a comer suas mesas (Versos 245-258).

– **Partida das Estrófades:** Com medo, os companheiros de Eneias pedem que ele faça as pazes com as Harpias; Anquises dirige-se aos deuses, suplicando-lhes que dos Troianos afastem a ameaça anunciada por Celeno. Em seguida, lançam-se ao mar, evitam Ítaca,

reino de Ulisses, e passam além da Leucádia, para nova parada (Versos 259-277).

– **Jogos Ilíacos em Áccio:** Eneias chega em Áccio, onde sacrifica aos deuses e institui os Jogos Ilíacos. Após ter colocado um escudo que pertencera a Abas, na fachada do templo, em Áccio, Eneias decide partir, chegando a Butroto, no Épiro (Versos 278-293).

– **Eneias em Butroto:** Ao aportar em Butroto, Eneias tem notícia de que Heleno, filho de Príamo, está vivo, com a posse do cetro e da mulher que fora do Eacida Pirro. Ansioso por encontrar um compatriota, Eneias adentra a terra e encontra Andrômaca, agora mulher de Heleno, fazendo libações fúnebres, em honra do antigo esposo morto, Heitor (Versos 294-305).

– **Eneias e Andrômaca:** Andrômaca vê Eneias e espanta-se a quase desfalecer, pensando tratar-se de uma imagem. Chorando, ela fala a Eneias, que lhe diz de sua infelicidade na viagem e pergunta pelo seu destino. Comparando-se a Polixena que, sacrificada a Aquiles, não seguira como serva do vencedor, Andrômaca fala de sua infelicidade de cativa de Pirro, a quem deu um filho, mas deixada a Heleno, quando Pirro se volta para o casamento com Hermíone. Pirro morto por Orestes, Heleno herda parte do reino do Eacida e, em homenagem a Cáon, nomeia as terras de Caônia, erigindo, em seguida, uma cidadela que chamou de Pérgamo. Ansiosa, Andrômaca faz várias perguntas a Eneias, sobretudo a respeito do pequeno Ascânio (Versos 306-343).

– **Eneias e Heleno:** Enquanto Andrômaca chora e geme, aparece Heleno, que reconhece os Troianos e os conduz ao seu palácio. Eneias vê uma pequena Troia, uma reprodução da Pérgamo troiana, um riacho com o nome de Xanto e as portas Escaias, cuja soleira ele beija. Os Troianos também se regozijam com o que veem. Heleno os recebe para um banquete, fazendo libações a Baco (Versos 344-355).

– **Consulta a Heleno:** Vendo o tempo propício a partir, Eneias busca saber de Heleno, diante da sinistra previsão de Celeno, que perigos iria enfrentar e que atitudes tomar, de modo a superar as provações (Versos 356-368).

– **Ritos para proferir os oráculos:** Imolando uns jovens touros a Apolo e implorando a paz dos deuses, Heleno conduz Eneias diante do altar do deus, a fim de proferir os seus oráculos: Eneias partirá pelos mares, sob os mais altos auspícios, esta é decisão do destino, ordenada por Júpiter. As palavras do sacerdote apenas esclarecerão alguma coisa, de modo que Eneias tenha menos risco na travessia que o levará a se fixar na Ausônia. O restante, as Parcas não deixam Heleno saber e Juno o proíbe de dizer ao herói (Versos 369-380).

– **Profecias de Heleno – 1) Sinal de chegada ao destino:** a Itália ainda está longe. Antes de conseguir chegar a seu destino, Eneias deverá passar pela ilha Trinácia, levar seus navios sobre as águas do mar Ausônio, aos lagos infernais e à ilha de Circe. O herói saberá que chegou ao destino, quando vir uma porca branca, com trinta

filhotes recém-nascidos, deitada às margens de um rio, sob as azinheiras. Eneias não deve ter medo de morder as mesas, pois os destinos encontrarão um meio e, invocado, Apolo o assistirá (Versos 381-395). **2) Evitar os litorais e ser piedoso:** Eneias deve evitar os litorais Ítalos próximos de Butroto, pois estão cheios de Gregos. Uma vez passado para a outra borda e erigido altares, Eneias e seus companheiros, no momento dos votos, devem cobrir a cabeça com um véu púrpura, para que a visão de um possível inimigo não venha perturbar os presságios. Se observarem tais ritos, todos terão descendentes piedosos (Versos 396-409). **3) Evitar Cila e Caríbdis:** Ao chegar às costas da Sicília, Eneias deve evitar o estreito entre a ilha e a Itália, de modo a poder escapar dos perigos de Cila e de Caríbdis (Versos 410-432). **4) Adoração a Juno:** Eneias deve, em primeiro lugar, nas suas súplicas, adorar Juno, endereçando-lhe votos fervorosos, assim ele terá a via livre até a costa Ítala (Versos 433-440). **5) Consulta à Sibila:** Eneias deve aportar em Cumas, de modo a buscar a Sibila e ouvir seus oráculos. Ela profetizará a Eneias os povos da Itália, as guerras que os esperam e a maneira como Eneias deve proceder para fugir às provações (Versos 441-462).

– **Presentes de Heleno:** Ao término de suas profecias, Heleno distribui presentes a Eneias, dentre os quais as armas de Neoptólemo. Anquises também recebe presentes. Cavalos, pilotos, complementação dos equipamentos e armas aos companheiros do

herói, são os demais dons de Heleno aos seus compatriotas (Versos 463-471).

– **Conselho a Anquises, presentes a Ascânio:** Dando as ordens de partida, Anquises ouve de Heleno que ele deve dirigir-se às terras da Ausônia, que tem diante de si, não devendo senão bordejá-las, pois encontra-se longe o lugar na Ausônia que Apolo lhe concederá. Entre outros presentes, Andrômaca dá uma rica clâmide a Ascânio, para ela a única imagem do seu filho Astiânax (Versos 472-491).

– **Votos de Eneias na partida:** Chorando, Eneias deseja os melhores votos a Heleno, que já tem a sua Troia construída. O herói espera que, chegando, enfim, ao seu destino, nos campos do Tibre, ele possa juntar a Hespéria e o Épiro em uma só Troia. Que tal querer seja também dos seus descendentes (Versos 492-505).

– **Partida de Butroto e chegada à Itália:** Tendo Palinuro observado os ventos e os astros, Eneias se põe a caminho da Itália, com um céu sereno. À aurora, Eneias e os seus veem a Itália. Anquises faz uma libação aos deuses, para que tenham boa rota e bons ventos. À visão de um templo de Minerva, as naus se dirigem para as margens Italianas (Versos 506-532).

– **Presságio de guerra e de paz:** A visão de quatro cavalos brancos, depois de os Troianos aportarem, é um presságio que Anquises sentencia como prenunciador da guerra que Eneias está levando à Itália e, ao mesmo tempo, prenunciador da paz, quando

forem conduzidos os cavalos pelo jugo da concórdia. Eneias, então, invoca Palas, cobre a cabeça com um veu frígio e, atento ao que Heleno recomendou, queima oferendas a Juno (Versos 533-547).

– **No Golfo de Tarento:** Terminados os rituais, os Troianos partem dos inquietantes campos Gregos, chegando ao golfo de Tarento, onde divisam o templo de Juno, a deusa Lacínia (Versos 548-553).

– **Fuga de Caríbdis e chegada à ilha dos Ciclopes:** Contornando a costa Italiana, Eneias avista o Etna e ouve o fragor das ondas nas rochas. Anquises adverte para o perigo de Caríbdis e todos se esforçam para dali se distanciar, de modo a não serem sorvidos pelo redemoinho. Escapam a Caríbdis, mas chegam à terra dos Ciclopes (Versos 554-569).

– **Visão do Etna:** Tendo chegado à terra dos Ciclopes, Eneias e seus companheiros veem, bem próximo, o Etna em atividade, lançando fumaça, cinzas e fogo. Diz-se que Encélado, sob o Etna aprisionado, ao se revolver, faz toda a Trinácia tremer, rugir e cobrir seu céu com fumaça. Os vapores do vulcão tornam a noite escura para Eneias e os seus (Versos 570-587).

– **Encontro com Aquemênides:** Na terra dos Ciclopes, Eneias encontra um grego, sujo, barbado e maltrapilho, que lhe suplica a salvação, pois é preferível morrer nas mãos do inimigo, mas por mãos humanas, a ser morto pelos ciclopes. O grego, dizendo chamar-se Aquemênides, narra-lhe a sua história: tendo

acompanhado Ulisses a Troia, na volta a Ítaca foi esquecido na ilha do ciclope Polifemo, terrível monstro que devora carne humana, cegado por Ulisses e por seus companheiros (Versos 588-638).

– **Terror de Aquemênides:** Aquemênides exorta os Troianos a partir, imediatamente, e a levá-lo consigo, podendo dispor de sua vida, pois na ilha, além de Polifemo, existem outros cem ciclopes. Há três meses que, aterrorizado, ele vive escondido pela floresta, comendo os poucos frutos das árvores e as raízes que consegue arrancar (Versos 639-654).

– **Visão de Polifemo:** Eneias vê Polifemo, acompanhado de seu rebanho, ir lavar a ferida do olho. Assustado, Eneias dá ordem de partir, mas o ciclope tendo ouvido as vozes dos companheiros do herói e sem poder alcançá-los com as mãos, dá um urro enorme que atrai os demais ciclopes às margens, numa visão horrenda para os Troianos (Versos 655-681).

– **Partida da ilha dos Ciclopes:** Temendo os ciclopes, Eneias decide partir e, levando em consideração o que lhe aconselhou Heleno, ele decide retornar e não cruzar o estreito, de modo a evitar Cila e Caríbdis. Já na ilha de Ortúgia Sicânia, Eneias venera os deuses locais, segundo os conselhos de Heleno, para em seguida costear a Sicília até o promontório Lilibeu (Versos 682-706).

– **Morte de Anquises e fim da narrativa de Eneias:** Chegando a Lilibeu, Eneias aporta em Drépano, onde lhe morre o pai, Anquises.

Esta provação extrema é o fim da narrativa do herói a Dido (Versos 707-718).

**Dicionário da *Eneida*, Livro III
As Errâncias de Eneias (718 versos)**

A

Abas (*Abantis*, v. 286): Guerreiro Argivo a quem Eneias arrancou o escudo e o pendurou na porta do templo de Apolo, com a inscrição *Aeneas haec de Danais uictoribus arma* (*Eneias estas armas [conquistou] dos Dânaos vitoriosos*, verso 288), durante os jogos Ilíacos, celebrados nos litorais Áccios, na parada do herói na Arcanânia, parte ocidental da Grécia. Não confundir este Abas com o outro Abas, companheiro de Eneias, que aparece no Livro I (verso 121).

Acates (*Achates*, v. 523): Fiel amigo de Eneias, o primeiro a divisar as terras da Itália (*Italiam primus conclamat Achates*, verso 523). Vide **Acates**, no Livro I da *Eneida*.

Áccios (*Actia*, v. 280): Relativos a Áccio, cidade da Arcanânia. Vide **Litorais Áccios**.

Adamasto (*Adamasto*, v. 614): Pai de Aquemênides. De acordo com a narrativa de Aquemênides a Eneias, foi por causa da pobreza do pai que ele partiu para Troia. Vide **Aquemênides**.

Agamenônias (*Agamemnonias*, v. 54): Relativo a Agamêmnon. A expressão vem de *res Agamemnonias*, dita pela alma de Polidoro a Eneias, significando as relações militares do rei Trácio, que o matou, com Agamêmnon e suas armas vitoriosas. A morte de Polidoro revela uma infração à lei da hospitalidade, protegida pelos deuses (*ille...res Agamemnonias uictriciaque arma secutus fas omne abruptit*, versos 53-55).

Agrigento (*Acragas*, v. 703): Cidade de Agrigento, no sudoeste da Sicília. Elevada, com rochedos escarpados, em cujo cimo se

encontram as suas muralhas. Outrora, Agrigento fora geradora magnânima de cavalos. No tempo de Augusto, Agrigento foi umas das cidades favorecidas pela *ius Latii* (*The Oxford Classical Dictionary*).

Alfeu (*Alpheum*, v. 694): Rio da Élide, na parte ocidental do Peloponeso, Alfeu, segundo Hesíodo, é um dos muitos “rios rodopiantes” (Ποταμοὺς δινῆεντας), gerados por Téthys e Oceano (*Teogonia*, versos 337-338). O rio Alfeu, apaixonado por Aretusa, ninfa do séquito de Ártemis, transforma-se em caçador para persegui-la e, depois, quando a ninfa é transformada em uma fonte, Alfeu fura um caminho por baixo do mar e suas águas se encontram com as da amada na Sicília. O mito é narrado por Ovídio, nas *Metamorfoses* (Livro V, versos 572-641). Vide **Aretusa**.

Andrômaca (*Andromachen*, v. 297; *Andromache*, v. 303; *Andromache*, v. 319; *Andromache*, v. 482; *Andromachae*, v. 487): Viúva de Heitor, tomada por Pirro como cativa, após a destruição de Troia. Pirro a leva para o Épiro, onde Eneias vai encontrá-la já como esposa de Heleno, irmão de Heitor. Ao ver Eneias com suas armas Troianas, Andrômaca fica como perdida, não sabendo ao certo se Eneias morrera ou não. E se morreu, por que Heitor não está com ele? Interrogada por Eneias, Andrômaca lhe fala de sua situação, não antes de exaltar a felicidade de Polixena (*Priameia uirgo*, verso 321), que preferiu ser morta sobre o túmulo de Aquiles à escravidão. Como as demais mulheres Troianas (vide *Hécuba* e *As Troianas*, de Eurípidés), Andrômaca foi sorteada entre os chefes vencedores. Como cativa, ela coube a Pirro ou Neoptólemo, filho de Aquiles, tendo tido um filho do jovem guerreiro – do qual ela nada diz, senão o fato em si mesmo. Por ter casado com Hermíone, filha de Helena e Menelau, Pirro passa Andrômaca a Heleno, filho de Príamo e sacerdote de Apolo, também seu cativo, como se ela fosse

uma coisa (*me famulo famulamque Heleno transmisit habendam, – sua serva, ele me transmitiu como bem ao servo Heleno, verso 329*). Com a morte de Pirro por Orestes, uma parte do reino de Pirro é herdada por Heleno, que lhe dá o nome de Caônia e no alto erige uma cidadela, uma nova Troia, uma nova Pérgamo. Andrômaca também quer saber sobre Ascânio, se ele ainda vive, embora não diga nada a respeito do filho que teve com Pirro. Depois da conversa de Eneias com Heleno, Andrômaca se afasta dos ritos fúnebres e se aproxima de Ascânio para lhe dar alguns presentes, lembrando-se de seu próprio filho Astiânax, morto em Troia. Ao expressar seu carinho por Ascânio, Andrômaca se refere a si mesma como cônjuge de Heitor, apesar de o marido estar morto e de ela ter desposado, após a sua morte, Pirro e Heleno, respectivamente (*Andromachae...coniugis Hectoreae, versos 487-488*). Vide **Andrômaca**, no Livro II da *Eneida*.

Ânio (*Anius, v. 80*): Rei de Delos e sacerdote de Apolo – *Rex Anius, rex idem hominum Phoebique sacerdos* (verso 80) –, velho amigo de Anquises. É através de Ânio que Apolo fala a Eneias e aos Troianos, mandando-os em busca da Mãe Antiga, onde deverão fundar seu reino.

Anquises (*Anchises, v. 9; Anchisen, v. 82; Anchisen, v. 179; Anchises, v. 263; Anchises, v. 473; Anchisa, v. 475; Anchises, v. 525; Anchises, v. 539; Anchises, v. 558; Anchises, v. 610; Anchisen, v. 710*): Pai de Eneias, que o acompanha ao exílio decretado pelos deuses (vide Livro II da *Eneida*). Interpretando o oráculo de Apolo, a partir da voz de Ânio, Anquises acha que a terra prometida a Eneias é a Ilha de Creta, de onde saiu Teucro para fundar seu reino na Tróade. Desejando chegar a Creta sem enfrentar adversidades, Anquises pede a proteção de Júpiter e realiza sacrifícios aos deuses: um touro a Netuno, outro a Apolo, uma ovelha negra à Tempestade e uma

ovelha branca aos favoráveis Zéfiro. Advertido por Eneias, em Creta, sobre a revelação dos Penates de que essa ilha não é o destino dos Teucros, Anquises se lembra, então, das profecias de Cassandra sobre as terras de Hespéria e o reino Ítalo, embora ninguém acreditasse nelas. Cedendo a Apolo, Anquises exorta todos a seguir caminho em busca da Hespéria. Nas Estrófades, Anquises suplica aos deuses, prometendo-lhes justos sacrifícios, contra as sombrias previsões da harpia Celeno. Já no Épiro, Heleno dirigindo-se respeitosamente a Anquises mostra-lhe a terra da Ausônia que se encontra diante de si, mas o adverte que ele não se deterá nela, apenas a bordejará, pois a terra a ele destinada por Apolo ainda está longe. Trata-se de uma fala ambígua e oracular. A terra destinada a Anquises e aberta a seus olhos por Apolo está longe, pois o pai de Eneias morrerá em Drépano, na Sicília. Mas também a fala pode se referir ao Lácio, terra destinada aos Troianos. Ao avistarem as terras da Itália, Anquises faz os primeiros ritos de agradecimento aos deuses, solicitando bom tempo e vento favorável à navegação (*Di maris et terrae tempestatumque potentes, / ferte uiam uento facilem et spirate secundi – Deuses do mar e da terra e soberanos das tempestades, / trazei o fácil caminho e soprai favoráveis com vento*, versos 528-529). No primeiro presságio que se apresenta aos Troianos – quatro cavalos brancos como a neve, que se alimentam numa planície imensa, nos versos 537-538 –, Anquises vê o prenúncio da guerra e também uma esperança de paz (*spes et pacis*, verso 543). À visão de Caríbdis, Anquises exorta a todos a impelir força nos remos e desviar do perigoso sorvedouro. Tendo os Troianos aportado na ilha dos Ciclopes, Anquises mostra sua grandeza de alma, ao dar a mão direita ao Grego ali encontrado e que pede a ajuda aos Troianos. Partindo da ilha dos Ciclopes, contornando a Sicília, Eneias chega a Drépano, onde Anquises morre. Vide **Anquises**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Antandro (*Antandro*, v. 6): Cidade da Tróade, situada a sudeste de Troia, aos pés do Monte Ida, no Golfo Adramiteno, por onde Eneias foge, durante a destruição da sua cidade pelos Gregos.

Antro do Ciclope (*Cyclopolis...antro*, v. 617): Caverna do ciclope, onde Ulisses e seus companheiros ficam presos (vide *Odisseia*, Canto IX, versos 105-566), referida por Aquemênides na sua narrativa a Eneias.

Apolo (*Apollinis*, v. 79; *Apollo*, v. 119; *Apollo*, v. 154; *Apollo*, v. 162; *Apollo*, v. 251; *Apollo*, v. 275; *Apollo*, v. 395; *Apollo*, v. 434; *Apollo*, v. 479): Deus da profecia, entre outros atributos, nascido em Delos, Apolo é quem dirige Eneias a seu destino, através de seus oráculos: o rei-sacerdote Ânio, os Penates Troianos, a harpia Celeno e o Priamida Heleno. A voz do deus se faz ouvir, através de Ânio, dizendo a Eneias para se deslocar com os seus para a Mãe Antiga, a terra de origem de seus ancestrais, que o herói e seus descendentes dominarão. Julgando ser a ilha de Creta, Anquises sacrifica um touro ao belo Apolo (*pulcher Apollo*, verso 119) e outras vítimas a outros deuses, pedindo uma boa navegação. É a voz de Apolo que se expressa através dos Penates a Eneias, em Creta, dizendo-lhe para ir buscar as terras de Hespéria, a Itália, de onde saíram os ancestrais da raça Troiana, Dárdanos e Iásio. Nas Estrófades, a harpia Celeno, furiosa com a matança de seu gado e com a guerra que Eneias lhe faz, anuncia uma profecia terrível, que passa de Júpiter a Apolo, de Apolo a ela e dela aos Troianos: Eneias e os seus chegarão à Itália, mas antes de cingir a cidade com muralhas, sofrerão grande fome, que os obrigará a comer suas mesas. As últimas profecias, nesse Livro III, se dão no Épiro, feitas por Heleno, apontando o que os Troianos devem fazer para chegar à Ausônia, cujas terras, no dizer do sacerdote, Apolo abre diante dos olhos de Anquises. Vide **Febo** e **Heleno**.

Apolo Délio (*Delius...Apollo*, v. 162): Apolo, deus de Delos, ilha no Mar Egeu, onde o deus nasceu. Vide **Apolo**.

Apolo Febo (*Phoebus Apollo*, v. 251): Vide **Febo e Apolo**.

Aquemênides (*Achaemenides*, v. 614; *Achaemenides*, v. 691): Companheiro do infeliz Ulisses (*comes infelicis Ulixi*, verso 613), esquecido pelo herói na ilha dos Ciclopes e encontrado por Eneias, ao aportar naquela ilha. Aquemênides implora ser levado por Eneias, para qualquer lugar, desde que saia daquela ilha. Se os Troianos quiserem matá-lo pelo crime de ter levado a guerra a Troia, e se quiserem dispersar seus membros no mar, eles podem fazê-lo, pelo menos sua morte seria pelas mãos de homens. Aquemênides é descrito com uma magreza suprema, acabada, vindo da floresta, o aspecto miserando, avançando para os Troianos com as mãos suplicantes; uma sujeira sinistra, a barba crescida livremente e as vestes pregadas por espinhos. Por causa da pobreza do pai, Adamasto, Aquemênides partiu para Troia. Ele narra a Eneias e seus companheiros o que se passou no antro do ciclope Polifemo: os companheiros devorados, a embriaguez com o vinho, o olho perfurado pela astúcia de Ulisses (vide *Odisseia*, Canto IX, versos 105-566). Ao final de sua narrativa, ele exorta os Troianos a fugir, pois além de Polifemo existem ali outros cem Ciclopes. Há três meses nessa ilha, Aquemênides é, finalmente, recolhido por Eneias. Vide **Ciclopes**.

Aquileia (*Achilleae*, v. 326): Referência à descendência de Aquiles. Vide **Estirpe Aquileia**.

Aquiles (*Achilli*, v. 87): Maior dos heróis Argivos, Aquiles, filho de Peleu e Thétis (Θέτις), é um dos responsáveis pela queda de Troia, mesmo que ele tenha sido morto por Páris, em frente às Portas Escaias, e não tenha visto a tomada da cidade. Eneias considera os

Troianos por ele liderados como “restos dos Dânaos e do cruel Aquiles” (*reliquias Danaum atque immitis Achilli*, verso 87). Essa mesma expressão se encontra no Livro I, verso 30. Vide **Aquiles**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Aquilões (*Aquilonibus*, v. 285): Vento Norte, relacionado ao grego Bóreas (Βόρεας). Nessa passagem são os ventos glaciais de inverno (*et glacialis hiems Aquilonibus asperat undas* – e o inverno glacial com seus Aquilões eriça as ondas, verso 285).

Arcturo (*Arcturum*, v. 516): Arcturo, estrela do norte, é o guardião da Ursa e estrela alfa da constelação do Boieiro. No momento da travessia do Épiro para a Itália, o piloto Palinuro, para poder dar a ordem de partida, observa as estrelas, olhando para o norte e para o leste, ali vendo as duas Ursas, Arcturo, as Híades e Órion. Virgílio repete neste Livro III, verso 516, o mesmo verso – *Arcturum pluuiasque Hyadas geminosque Triones* –, que se encontra na narrativa de Iopas sobre as constelações, no Livro I, verso 744. A genealogia masculina de Arcturo nos é dada pelo próprio Virgílio, nas *Geórgicas* – *claramque Lycaonis Arcton* (Livro I, verso 138) –, numa alusão a Licáon, pai da ninfa Calisto, que virá a ser a mãe de Arctos. Segundo a tradição de Ovídio (*Metamorfoses*, Livro I, versos 409-531; *Fastos*, Livro II, versos 153-192), Júpiter se inflama de amor pela ninfa Calisto e a aborda sob as feições de Diana, a cujo séquito ela pertence. Grávida de Júpiter, Calisto é expulsa por Diana de sua companhia, por ter perdido a virgindade. Calisto dá à luz Arcas, o que enfurece Juno, que, enciumada, transforma-a em ursa, *arctos* (ἄρκτος), em grego. Quinze anos depois, quando Arcas já é um caçador, ele encontra uma ursa em seu caminho e intenta matá-la, não reconhecendo no animal a própria mãe. Júpiter impede que o filho mate a mãe e transforma ambos em estrelas próximas, a Ursa Maior (*Arctos*) e o Guardião da Ursa, *Arctophylax* (

Ἄρκτοφύλαξ), que conhecemos mais com o nome de Arcturo (Ἄρκτοῦρος). Juno, ainda mais enfurecida, desce até Téthys (Τηθύς), esposa de Oceano, para ordenar-lhe jamais deixar que o *Septentrião* – a *Ursa Maior* – se banhe nas águas de seu marido. Ainda nas *Geórgicas*, Virgílio se refere ao medo das duas Ursas se banharem no Oceano (Livro I, versos 246). Literalmente, o nome *Arcturo* significa, em grego, o mesmo que *Arctophylax*, o *Guardião da Ursa*. Higino também se refere ao mito em *Astronomia* (Livro II, 1, 1-14; 4, 1). Na fábula CLXXVII, Higino se refere apenas a Calisto (*Fábulas*). Vide **Arcturo**, no Livro I da *Eneida*.

Aretusa (*Arethusa*, v. 696): Ninfa do séquito de Ártemis, por quem o rio Alfeu se apaixona, perseguindo-a. Suplicando a proteção da deusa, para escapar à perseguição de Alfeu, Aretusa é transformada em fonte. Ártemis abre um buraco no chão, por onde ela se enfia, e suas águas vão ressurgir em Ortígia da Sicília. Demonstrando seu amor pela ninfa, Alfeu mistura suas águas às dela, embora o seu leite seja no Peloponeso, na Grécia (vide *Metamorfoses* de Ovídio, Livro V, versos 572-641). Vide **Alfeu**.

Argiva Juno (*Iunoni Argivae*, v. 547): Juno, deusa protetora dos Argivos na guerra de Troia. Vide **Juno**.

Argólico, Argólicas (*Argolicas*, v. 283; *Argolici*, v. 637): Relativo a Argos, aos Argivos, designação genérica para os Gregos.

Ascânio (*Ascanius*, v. 339; *Ascanio*, v. 484): Filho de Eneias e Creúsa, Ascânio é também conhecido com o nome de Iulo. O menino recebe presentes de Andrômaca, na partida do Épiro, por ela lembrar-se do próprio filho, Astiânax. Vide **Ascânio**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Ásia (*Asiae*, v. 1): Referência ao império ou estado da Ásia (*res Asiae*), como Troia era chamada, por sua localização no Helesponto,

litoral ocidental da Ásia Menor, hoje Estreito de Dardanelos, território da Turquia.

Astiânax (*Astyanactis*, v. 489): Filho de Heitor e Andrômaca, morto, ainda criança de colo, no momento da derrocada de Troia. Pirro, filho de Aquiles e posterior senhor de Andrômaca, joga-o de cima das muralhas, matando-o, para evitar uma futura vingança (vide *As Troianas*, de Eurípides). Para Andrômaca, Ascânio é a única imagem que lhe restou de Astiânax (*o mihi sola mei super Astyanactis imago - ó única imagem, para mim, viva do meu Ascânio*, verso 489). Vide **Astiânax**, no Livro II da *Eneida*.

Aurora (*Aurora*, v. 521; *Aurora*, v. 589): Deusa que traz a manhã. Homero a chama de “a bela Aurora dos dedos cor de rosa”. Virgílio diz que a *Aurora rubescebat* (a Aurora enrubescia), quando os Troianos avistaram a costa da Itália, saindo do Épiro. A segunda referência à Aurora vincula-se à aparição de Aquemênides, na ilha dos Ciclopes, após o afastamento das sombras úmidas da noite (*umentemque Aurora polo dimouerat umbra – e a Aurora do polo dispersara a sombra úmida*). Vide **Aurora**, no Livro I da *Eneida*.

Ausônia (*Ausoniae*, v. 477; *Ausoniae*, v. 479; *Ausoniae*, v. 496): Ausônia é o antigo nome da Itália. Nas *Geórgicas*, Virgílio diz que os colonos da Ausônia são a raça enviada de Troia (*Ausonii, Troia gens missa, coloni – Livro II, verso 285*). A raiz **ausos* é indo-europeia e significa Aurora (DELAMARRE, 1984), o que nos leva a crer que o termo primitivamente se refereria à Itália oriental.

Ausônio, Ausônias (*Ausonias*, v. 171; *Ausonio*, v. 378; *Ausonii*, v. 385): Relativo à Ausônia. Vide **Ausônia**.

Austros (*Austros*, v. 61; *Auster*, v. 70; *Austro*, v. 357; *Austros*, v. 481): O Austro é a personificação do vento Sul, relacionado ao

Grego Notos (Νότος), encontra-se, a exemplo do África, representado descalço na Torre dos Ventos de Atenas. Eneias a ele se refere como o “túmido Austro” (*tumido...Austro*, v. 357). Quando chega a hora de Eneias partir, Heleno se refere aos “Austros que se levantam” (*surgentis...Austros*, verso 481). Vide **Austros**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Averno (*Auerna*, v. 442): Referência ao lago Averno de florestas ressoantes, entrada para o mundo inferior. Na profecia de Heleno, Eneias encontrará ali a Sibila de Cumas. Vide Livro VI da *Eneida*.

Azinheira (*ilicibus*, v. 390): Árvore da família das fagáceas, cujo nome científico é *Quercus Ilex*. Segundo BAILLY, trata-se de uma espécie de carvalho que produz glandes comestíveis. Em sendo o carvalho a árvore consagrada a Zeus/Júpiter, o fato de a porca, com seus trinta filhotes, encontrar-se embaixo da azinheira simboliza a certeza de que Eneias erigirá a sua nova cidade, obtendo fartura e fertilidade, sob a proteção do deus.

B

Bacante ou Bacata (*bacchatam*, v. 125): O adjetivo se refere à Ilha de Naxos, tida como ilha de Baco (*bacchatam Naxum*). Trata-se do particípio do verbo *bacchor*, que tem o sentido de *ter o delírio inspirado por Baco, estar nos transportes báquicos*. Vide **Naxos Bacata**.

Baco (*Bacchi*, v. 354): Deus do vinho, filho de Júpiter e Sêmele, mas nascido da coxa de Júpiter. Em honra a Baco ou Dionisos, faziam-se as libações nos banquetes. Além dos hinos homéricos a Dionisos (*Hinos homéricos*, 2010), temos como uma das principais fontes do mito a tragédia *Bacantes*, de Eurípides. Vide **Baco**, no Livro I da *Eneida*.

Bebidas de Baco (*pocula Bacchi*, v. 354): Vinho.

Bóreas (*Boreas*, v. 687): Bóreas (Βόρρεας) é o vento Norte, relacionado ao latino Aquilão. É Bóreas, soprando desde o Peloro, pelo estreito da Sicília, que ajuda Eneias e os companheiros a retroceder no caminho, de modo a evitar Cila e Caríbdis.

Butroto (*Buthroti*, v. 293): Cidade do Épiro, parte ocidental da Grécia, hoje Butrinto. Nesse local, Eneias faz sua última parada, antes de chegar à Itália. É em Butroto que o herói encontra Heleno, a quem a tradição atribui a fundação da cidade (*The Oxford Classical Dictionary*).

C

Camerina (*Camerina*, v. 701): Cidade da costa sudoeste da Sicília, entre Gela e o Promontório Paquino.

Campos Caônios (*Chaonios...Campos*, v. 334): Trata-se da terra Caônia, no Épiro, assim denominada por Heleno, seu rei, em homenagem ao troiano Caón. Vide **Caón**.

Campos Dicteus (*Dictaea...arua*, v. 171): Referência metonímica à ilha de Creta, onde se situa o monte Dicte, a noroeste da ilha, e onde existia um culto ao *Zeus Dicteu*. No caso da passagem específica da *Eneida*, Júpiter nega a Eneias e aos seus se estabelecerem nos campos Dicteus (*Dictaea negat tibi Iuppiter arua*, verso 171).

Campos Gelos (*campi Geloj*, v. 701): Referente às planícies da cidade de Gela, na costa sudoeste da Sicília. Vide **Gela**.

Campos Salentinos (*Sallentinos...campos*, v. 400): Os Salentinos eram povos da Calábria, região do sul da Itália. O promontório Salentino fica exatamente no salto da bota italiana, hoje Cabo de Santa Maria di Leuca.

Caón (*Chaone*, v. 335): Troiano, provável filho de Príamo, em cuja homenagem Heleno, seu irmão ou companheiro, nomeia a parte do Épiro em que reina e que lhe coube como herança de Pirro. A única referência a Caón encontra-se em Sérvio Honorato, comentador de Virgílio.

Caônia (*Chaoniam*, v. 335): Caônia, região do Épiro, em cujo porto Eneias atraca, de modo a ir à cidade de Butroto. Parte do Épiro em que Heleno reina. Vide **Caón**.

Caônio, Caônios (*Chaonio*, v. 293; *Chaonios*, v. 334): Relativo à Caônia. Vide **Caônia**.

Caríbdis (*Charybdis*, v. 420; *Charybdis*, v. 558; *Charybdim*, v. 684): Redemoinho à esquerda do atual Estreito de Messina, que sugava os navios para dentro de si, matando os navegantes. Filha de Terra e de Posídon, Caríbdis é fulminada por Zeus, que a precipita no mar, onde ela se torna um monstro, por ter devorado os bois de Gerião, roubados por Hércules (GRIMAL, 2007). Quem escapava de Cila não escapava de Caríbdis e vice-versa. Virgílio a chama a “insaciável Caríbdis” – *implacata Charybdis* (verso 420). Segundo o poeta, três vezes ao dia, Caríbdis sorvia as ondas em sua garganta para vomitá-las depois. Heleno adverte Eneias para evitar Cila e Caríbdis. Chegando à costa italiana, Eneias procura escapar ao perigo de Caríbdis, mesmo assim, necessita de muito esforço dos companheiros para que o redemoinho não os sorva e os afogue. Por três vezes, os navios são elevados ao cimo das ondas e são baixados com violência, como se as ondas os jogassem nos Manes profundos. A referência mais antiga a Caríbdis encontra-se na *Odisseia* (Canto XII, versos 73-126; 222-262; 426-450). Vide **Cila** e **Manes**.

Carvalho (*quercus*, v. 680): O trecho diz respeito à comparação da altura dos Ciclopes aos carvalhos das florestas de Júpiter (versos 680-681). O carvalho é a árvore consagrada a Zeus/Júpiter, sendo famosos os carvalhos falantes do templo de Dodona, no Épiro, o mais velho oráculo da Grécia. Na *Odisseia*, há duas referências, tratando da *dendrimancia*, a revelação pelos carvalhos (Canto XIV, versos 327-329, e Canto XIX, versos 296-298). Vide **Azinheira**.

Casa Fineia (*Phineia...Domus*, v. 212-213): Referência a Fineu e ao episódio que o envolveu com as Harpias, cuja história se encontra nas *Argonáuticas*, de Apolônio de Rhodes (Canto II, versos 178-300). Fineu, rei da Trácia, era rico e tinha poderes proféticos, mas

abusando deles, ao revelar aos homens os desígnios dos deuses, foi punido por Zeus com a cegueira e com uma velhice interminável. Cego, Fineu foi atormentado pelas Harpias que não o deixavam comer: ou roubavam-lhe a comida ou a impregnavam com as imundícies que soltavam de seus ventres. São dois dos Argonautas, Zetes e Calais, filhos de Bóreas, cumprindo uma decisão de Zeus, que livram Fineu das Harpias, acuando-as nas Estrófades. Agradecido, o rei Trácio ensina aos Argonautas como chegar à Cólquida. Depois de vencidas, as Harpias deixam o reino de Fineu e se enfiam em uma caverna em Creta. Vide **Harpias**.

Cassandra (*Cassandra*, v. 183; *Cassandra*, v. 187): Filha de Príamo, sacerdotisa de Apolo, a quem o deus concedeu o dom da profecia, mas retirou a credibilidade. Cassandra já havia falado a Anquises sobre o reino Ítalo e as terras de Hespéria, mas ninguém havia acreditado que ali estava o destino dos Teucros (*Sed quis ad Hesperiae uenturos litora Teucros/crederet? aut quem tum uates Cassandra moueret?* – Mas quem creia os Troianos haverem de chegar aos litorais da Hespéria?/ ou quem então a profetisa Cassandra comoveria?, versos 186-187).

Caulônia (*Caulonis*, v. 553): Cidade da região de Bruttium, abaixo do Golfo de Cilaceu, no sul da Itália. Vide **Cidadelas da Caulônia**.

Celeno (*Celaeno*, v. 211; *Celaeno*, v. 245; *Celaeno*, v. 365; *Celaeno*, v. 713): A mais importante e sinistra das Harpias. Virgílio a nomeia *dira Celaeno* – *cruel Celeno* (verso 211; verso 713), e *infelix uates* – *profeta infeliz* (verso 246), o que condiz com a etimologia de seu nome, proveniente do grego κελαινός, com o sentido de *funesto*, *negro*, *sombrio*. Celeno, combatida por Eneias, decide recriminá-lo, fazendo uma previsão das mais terríveis: o herói e os seus companheiros conseguirão chegar à Itália, com vento favorável, sob

os auspícios de Apolo Febo, mas só cingirão com muralhas a cidade a construir, depois de passar uma fome que os obrigará a comer as mesas. Celeno se considera a maior e mais importante das Fúrias – *Furiarum ego maxima* (verso 252), apesar de Harpias e Fúrias serem, na tradição, divindades diferentes. As Harpias são filhas de Taumas e Electra (*Teogonia*, versos 265-267). Vide **Harpias**.

Cerâunias (*Ceraunia*, v. 506): Montanhas do Épiro, acima da Caônia, no extremo oeste. Eneias diz que, através do mar, as Cerâunias eram o caminho mais curto para a Itália (*Prouehimur pelago uicina Ceraunia iuxta, unde iter Italiam cursusque breuissimus undis – Fomos transportados pelo mar, lado a lado às vizinhas Cerâunias, de onde o caminho para a Itália e curso brevíssimo sobre as ondas*, versos 506-507).

Cibeles (*Cybeli*, v. 111): Referência ao monte Cibeles, na Frígia, onde os Coribantes cultuavam a deusa homônima, guardando um silêncio fiel aos mistérios (*fida silentia sacris*, verso 112), e mantinham a tradição de apresentá-la num carro atrelado a leões. O culto de Cibeles teria sido, segundo Virgílio, transportado de Creta para a Frígia por Teucro, ancestral dos Troianos.

Cíclades (*Cyclades*, v. 127): Grupo de ilhas ao sul do mar Egeu, acima de Creta, tendo a oeste a Grécia continental (Eubeia, Ática e Peloponeso) e a leste, a Ásia Menor.

Ciclopes (*Cyclopum*, v. 569; *Cyclopis*, v. 617; *Cyclopes*, v. 644; *Cyclopas*, v. 647; *Cyclopum*, v. 675): Seres monstruosos, carnívoros, de grande estatura, com um único olho no meio da testa, os Ciclopes são filhos de Posídon. Eneias os descreve com um olho torvo, portando suas altas cabeças ao céu, numa assembleia horrenda. Eram tão altos quanto os cimos altivos dos carvalhos aéreos de Júpiter e dos ciprestes dos bosques sagrados de Diana

(*Cernimus astantis nequiquam lumine toruo/Aetnaeos fratres caelo capita alta ferentis,/concilium horrendum: quales cum uertice Celso/aeriae quercus aut coniferae cyparissi/constiteturunt, silua alta louis lucusue Dianae*, versos 677-681). O mais famoso deles era Polifemo, de quem Eneias tem uma visão terrível, quando o ciclope vai lavar o olho cegado por Ulisses/Odisseu, na água do mar (vide *Odisseia*, IX, versos 105-566). Na passagem de Eneias pela ilha Trinácia (Sicília), o herói encontra e resgata, na ilha dos Ciclopes, Aquemênides, um companheiro de Ulisses/Odisseu, ali esquecido há três meses. Aquemênides compara o olho do ciclope a um escudo argólico ou à lâmpada de Apolo (*Argolici clipei aut Phoebae lampadis instar*, verso 637). Vide **Aquemênides**.

Cidade Cúmea (*Cumaeam...urbem*, v. 441): Referência à cidade de Cumas, na baía de Nápoles, região da Campânia, onde Eneias deve encontrar a Sibila, sacerdotisa de Apolo, para poder descer aos infernos e ir ter com o pai, Anquises.

Cidade de Apolo (*Apollinis urbem*, v. 79): A Ilha de Delos, parte do grupo das Cíclades, no Mar Egeu, onde Apolo nasceu. Na ilha, Eneias busca o santuário consagrado ao deus, cujo sacerdote é o rei Ânio. Vide **Délio**.

Cidadela Ilíaca (*Iliacam...arcem*, v. 336): Referência a uma cidadela construída por Heleno, em Butroto, no Épiro, à maneira da Pérgamo Troiana.

Cidadelas da Caulônia (*Caulonis arces*, v. 553): Fortalezas que guardavam a cidade da Caulônia, na região de Bruttium, sul da Itália, próximo ao promontório Lacínio, no Golfo de Cilaceu.

Cidadelas dos Feácios (*Phaeacum arces*, v. 291): Vide **Feácios**.

Cidadelas Pérgamas (*arces Pergameae*, v. 109-110): Cidadela que defendia Troia.

Cidades Argólicas (*urbes Argolicas*, v. 282-283): Referência às fortalezas gregas, de um modo geral, visto que se toma comumente a região da Argólida, no Peloponeso, como o berço da Grécia. Argos, filho de Zeus e Níobe, obteve, por partilha, a realeza no Peloponeso e deu ao seu reino o seu próprio nome (Apolodoro, 2. 1. 1-2).

Cidades Graias (*Graias...urbis*, v. 295): As cidades gregas. No caso específico, as cidades no Épiro, sob a regência de Heleno. Vide **Graios**.

Cila (*Scylla*, v. 420; *Scyllam*, v. 424; *Scyllam*, v. 432; *Scyllam*, v. 684): Rochedo que se situa do lado direito do atual Estreito de Messina, onde habitava o monstro carnívoro de mesmo nome. Cila era uma bela jovem que se apaixonara por Glaucos, por quem Circe também era apaixonada. Com ciúmes, a feiticeira transformou a bela Cila num monstro de seis braços, devorando os marinheiros que se aventuravam passar pelo estreito que separa a Itália da Sicília (Vide *Odisseia*, Canto XII, versos 80-100; 222-257). Segundo Virgílio, Cila, escondida numa caverna, atira os navios contra os rochedos. A parte de cima de seu corpo é humana, o seio de uma bela jovem, mas a partir da cintura, é um animal marinho, provavelmente uma baleia, de corpo monstruoso (*immani corpore pistris*, verso 427), com ventre de lobo e cauda de delfim. Diz Virgílio ainda que os rochedos ressoam com os latidos dos cães azul-escuros de Cila. Heleno adverte Eneias para evitar Cila e Caríbdis. Vide **Caríbdis**.

Cilaceu (*Scylaceum*, v. 553): Promontório Cilaceu, na região de Bruttium, sudoeste do Golfo de Cilaceu, hoje Squillace. Virgílio o chama de *navifragum Scylaceum*, o Cilaceu que quebra os navios, por ser região rochosa e de muitos escolhos.

Ciprestes (*cupresso*, v. 64; *cyparissi*, v. 680): Árvore da família do *Cupressus sempervirens*, o cipreste aparece quase sempre ligado a cemitérios ou lugares sagrados. Neste Livro III, aparece um negro cipreste decorando o túmulo de Polidoro, erigido por Eneias e os seus. Já os Ciclopes são comparados por Eneias aos ciprestes coníferos dos bosques sagrados de Diana (versos 680-681).

Ciprestes Coníferos (*coniferae cyparissi*, v. 680): Vide **Ciprestes**.

Circe (*Circae*, v. 386): Feiticeira, habitante da ilha de Eeia, que aprisiona e transforma os companheiros de Ulisses/Odisseu em animais (vide *Odisseia*, Canto X). Ulisses consegue escapar ao feitiço de Circe e cohabitar um ano com ela. É ela quem diz ao herói de sua parada obrigatória no Hades e da consulta a Tirésias, se ele quiser voltar para casa. Neste Livro III, a ilha de Circe é apenas citada nas profecias de Heleno, como um dos pontos do roteiro de Eneias, que ele tem de bordejar, antes de chegar à Itália prometida.

Clâmide Frígia (*Phrygiam...chlamydem*, v. 484): A clâmide é um manto ou veste militar. No caso específico, trata-se de um presente de Andrômaca a Ascânio, ambos Troianos. Vide **Frígio, Frígia**.

Claros (*Clarii*, v. 360): Cidade da Jônia, na Ásia Menor, onde existia um templo de Apolo, em meio a um bosque de loureiros. Do outro lado, mais ao sudeste, fica a cidade de Éfesos, onde existiu o santuário de Ártemis, irmã de Apolo.

Cnóssios (*Gnosia*, v. 115): Relativo a Creta. Vide **Reinos Cnóssios**.

Cônjuge de Vênus (*Coniugio...Veneris*, v. 475): Trata-se de Anquises que, unido a Vênus, gera Eneias. Vide **Anquises**.

Cônjuge Heitórea (*coniugis Hectoreae*, v. 488): Vide **Andrômaca**.

Costa Hespéria (*Hesperium...latus*, v. 418): Costa ocidental do sul da Península Itálica, hoje correspondendo à Sicília. O mar, com sua força, havia separado ao meio o sul da Itália, criando, assim, a Sicília e formando o estreito em que se encontram Cila e Caríbdis, atual Estreito de Messina.

Coribantes (*Corybantia*, v. 111): Sacerdotes de Cibele e guardadores de Dionisos criança, nos mitos órficos, os Coribantes dançavam também para Zeus recém-nascido. Filhos de Apolo e Talia, os Coribantes são comumente confundidos com os Curetes. Nos *Fastos* (Livro IV, versos 207-210), Ovídio apresenta os Coribantes tocando sobre capacetes vazios e os Curetes sobre escudos com paus. Formado por *κορύς*, *capacete*, e *βαίνω*, *andar*, os Coribantes seriam *os que andam com capacetes*. Vide **Curetes**.

Corito (*Corythum*, v. 170): Corito era filho de Zeus, marido de Electra, a irmã de Atlas, e irmão de Dárdanos e Iásios. Quando os Troianos estão em Creta, já há um ano, e veem seu trabalho ir por água abaixo com uma peste, os Penates aparecem a Eneias e, falando como oráculos de Apolo, dizem ao herói para deixar aquelas paragens e procurar Corito e as terras de Ausônia. Corito foi rei dos Tirrenos na Itália, antepassado dos Etruscos, fundador de Cortona, na Etrúria, de onde emigraram seus filhos para a Tróade. Nessa passagem da *Eneida*, Corito é tomado como o antepassado mais antigo dos Troianos e metonímia da Itália, mais especificamente, de Roma. Vide **Iásio**.

Corniso (*cornea*, v. 22): Arbusto da família das cornáceas (*Cornus mas*), de fruto vermelho e comestível, nativo da Europa e da Ásia. Também conhecido como pilrita ou pilriteira. Trata-se de arbusto de cor sanguínea.

Creta (*Creta*, v. 104; *Cretae*, v. 122; *Cretam*, v. 129; *Cretae*, v. 162): A maior ilha do Mar Egeu, centro do Mediterrâneo arcaico. Anquises, por haver Teucro saído de lá para fundar seu reino na Tróade, pensa que a terra prometida a Eneias pelos deuses é Creta. Creta é também a ilha onde Júpiter/Zeus foi criado, escapando de ser devorado pelo pai (*Teogonia*, versos 467-484). Hesíodo apresenta Lictos, região onde Zeus foi criado, como “terra gorda, farta” (πίος δῆμος, *Teogonia*, verso 477). Para Virgílio, Creta é reino riquíssimo (*uberrima regna*, verso 106), possuindo cem grandes cidades-estado. Na visão errônea dos Troianos, a ilha de Creta era o país dos ancestrais, para onde eles se dirigem, quando saem de Delos, após ouvirem o oráculo de Apolo. Os Penates, no entanto, aparecendo como uma visão a Eneias, e falando por Apolo, orientam o herói, dizendo-lhe que Creta não é o lugar destinado à fixação dos Troianos, mas a Hespéria.

Creta de Jove (*Creta Iouis*, v. 104): Vide **Creta**.

Creteus (*Cretaeis*, v. 117): De Creta. Vide **Litorais Creteus**.

Cúmea (*Cumaeam*, v. 441): Referente a Cumas, na Baía de Nápoles. Vide **Cidade Cúmea**.

Curetes (*Curetum*, v. 131): Sacerdotes Cretenses que velaram sobre a infância de Júpiter/Zeus e em cuja gruta divina o deus nasceu (vide Eurípidés, *Bacantes*, versos 120-122). Com suas canções e batendo nas armas, eles abafavam o choro de Zeus para Cronos não escutar o filho que julgava ter devorado. Segundo Virgílio, nas *Geórgicas*, Júpiter recompensou as abelhas com o espírito empreendedor, responsável pela união por alianças (*foedere pacto*, Livro III, verso 158), pelo fato de elas, atraídas pela música barulhenta dos Curetes, terem-no nutrido, no antro do Dicteu, quando o deus era menino (Livro IV, versos 150-152). Com o auxílio

de um bastão, os Curetes tocavam em escudos, enquanto os Coribantes tocavam em capacetes ocos, segundo Ovídio (*Fastos*, Livro IV, versos 207-210). Lucrecio, em *De rerum natura* (Livro II, versos 629-643), também apresenta os Curetes como protetores do pequeno Zeus. No “Hino a Zeus” (*Hinos*, versos 52-54), Calímaco apresenta a mesma versão. Vide **Coribantes**.

D

Dânaas (*Danais*, v. 602): Referência às frotas Dânaas (*Danais e classibus*). Vide **Dânaos**.

Dânaos (*Danaum*, v. 87; *Danais*, v. 288): Referência aos Gregos descendentes de Dânaos, que emigra do norte da África para o Peloponeso com as filhas, retornando às origens, de onde partira a sua ancestral Io (vide *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo). A emigração de Dânaos com as filhas para o Peloponeso é também o tema de *As Suplicantes*, de Eurípides. Vide **Dânaos**, no Livro I e II da *Eneida*.

Dardânia (*Dardania*, v. 156): Região da Tróade, tomada metonimicamente por Troia. Dárdanos, ancestral dos Troianos, denomina assim a região, depois da morte de Teucro. Os Penates falam de *Dardania incensa*, a Dardânia incendiada pelos Gregos. Vide **Dárdanos**.

Dardânias, Dardânios (*Dardaniae*, v. 52; *Dardanios*, v. 596): Adjetivo que se refere aos Troianos, de um modo geral: armas, vestes, costumes.

Dardânidas (*Dardanidae*, v. 94): Troianos, de modo geral, descendentes de Dárdanos.

Dárdanos (*Dardanus*, v. 167; *Dardanus*, v. 503): Ancestral dos Troianos, filho de Zeus, saído da Península Itálica para fundar a região da Dardânia, de onde surgirá Troia. É essa a explicação dos Penates a Eneias, para mandá-lo, novamente, em busca de seu destino (vide *Ilíada*, Canto XX, versos 292-308, a referência à genealogia de Dárdanos). Eneias, em seu discurso final para Heleno,

se refere a Dárdanos como o criador, o autor dos habitantes do Épiro daquela ocasião e dos da Hespéria (*quibus idem Dardanus auctor*, verso 503), para onde o herói se dirige. Vide **Iásio**. Para a genealogia do herói, vide **Dárdanos**, no Livro II da *Eneida*.

Délio (*Delius*, v. 162): Epíteto de Apolo, deus da ilha de Delos, uma das Cíclades, no Mar Egeu, onde ele nasceu. Vide **Apolo** e **Ortígia 1**.

Deusa Lacínia (*diua Lacinia*, v. 552): Epíteto de Juno. À entrada do Golfo de Tarento, na parte ocidental, foi construído pelo rei Lacínio um templo para Juno, no promontório Lacínio, daí o nome da deusa.

Deuses Superiores (*superis*, v. 2; *superos*, v. 600): Deuses que habitam o Olimpo, para diferenciar dos deuses que habitam o Hades (vide *Eneida*, Livro I, verso 4).

Diana (*Dianae*, v. 681): Deusa da floresta e dos animais, irmã de Apolo Febo, grande caçadora e arqueira. Na mitologia grega corresponde a Ártemis. A alusão à deusa surge com a comparação dos Ciclopes, altos como os ciprestes dos bosques sagrados de Diana.

Dicteus (*Dictaea*, v. 171): Relativo ao monte Dicteu, em Creta. Vide **Campos Dicteus**.

Dioneia (*Dionaeae*, v. 19): Relativo a Dione, mãe de Vênus/Afrodite, na tradição homérica. No verso em questão, o epíteto se refere à própria Vênus.

Dodônios (*Dodonaeos*, v. 466): Relativo a Dodona, cidade da Caônia, no Épiro, onde havia um grande templo e oráculo de Zeus, o mais antigo da Grécia. Virgílio se refere aos vasos Dodônios

(*Dodonaeos lebetas*), que recebiam a água lustral, para a purificação antes dos rituais, vasos dados a Eneias por Heleno como presente.

Donusa (*Donusam*, v. 125): Pequena ilha do Mar Egeu. Para Virgílio é a verde Donusa (*uiridem Donusam*).

Drépano (*Drepani*, v. 707): Cidade da costa ocidental da Sicília, no contorno para o Mar Tirreno. Eneias trata Drépano, local onde morre Anquises, seu pai, como *inlaetabilis ora* (verso 707), margem triste.

Dulíquio (*Dulichium*, v. 271): Ilha que faz parte das Equínades, no Mar Jônio, no sul da Acarnânia, parte ocidental do continente grego.

E

Eacida (*Aeacidae*, v. 296): Filho ou descendente de Éaco. Vide **Eacida Pirro**.

Eacida Pirro (*Aeacidae Pyrrhi*, v. 296): Referência a Pirro, filho de Aquiles, neto de Peleu e bisneto de Éaco. Tanto Pirro como Aquiles podem receber o mesmo epíteto – Eacida (*Eneida*, Livro I, verso 99). Vide **Pirro**.

Eeia (*Aeaeae*, v. 386): A ilha em que habita a feiticeira Circe (vide *Odisseia*, Cantos X e XII).

Egeio (*Aegaeo*, v. 74): Oriundo do Mar Egeu ou relativo ao Mar Egeu, mar da Grécia oriental. Diz o mito que Egeu, rei de Atenas, achando que seu filho Teseu teria morrido devorado pelo Minotauro, jogou-se no mar, que tomou o seu nome.

Élida (*Elidis*, v. 694): Região ocidental do Peloponeso, onde corria o rio Alfeu.

Eloro (*Helori*, v. 698): Rio da Sicília, desaguando no Mar Jônio, entre o promontório Plemúrio e o promontório Paquínio.

Encélado (*Enceladi*, v. 578): Um dos gigantes que se rebela contra Zeus, sendo derrotado e aprisionado sob o Etna. Atribuem-se as erupções do Etna a sua movimentação sob o vulcão, fazendo toda a Trinácia/Sicília tremer, rugir e cobrir seu céu de fumaça. O mito de Encélado encontra-se na *Gigantomaquia*, narrativa que sobreviveu na *Biblioteca* de Apolodoro, que nos narra o fato de que Encélado foi jogado por Atena na Sicília (I, 6). Ovídio faz um sumário da *Gigantomaquia*, em *Metamorfoses* (I, 151-162), mas não se refere a Encélado.

Enéadas (*Aeneadas*, v. 18): Nome dado por Eneias, a partir de seu próprio nome, às primeiras muralhas por ele construídas. O herói julgava que a Trácia era o local para onde os destinos hostis, de peso excessivo, (*fatis...iniquis*, verso 17) o obrigaram a fugir para fundar a nova Troia.

Eneias (*Aenea*, v. 41; *Aeneae*, v. 97; *Aeneas*, v. 288; *Aeneas*, v. 343; *Aeneas*, v. 716): Eneias continua a sua narrativa a Dido, iniciada no Livro II. Neste Livro III, o herói narra a sua fuga e os caminhos errantes que fez pelo mar e pela terra, sob a ordem dos deuses. Os doze primeiros versos retomam a queda de Troia e a fuga pelo mar, saindo de Antandro, aos pés do monte Ida. Iniciava-se, assim, o primeiro dos muitos anos de exílio, em busca das terras desertas e longínquas. Eneias deixa chorando as terras de Troia, forçado ao exílio, levando consigo os companheiros, o pai Anquises, o filho Ascânio e os deuses Penates. A primeira parada é na Trácia, onde o herói se depara com um horrível prodígio (*horrendum...monstrum*, verso 26), ao catar galhos para cobrir o altar – o espírito de Polidoro, filho de Príamo, morto pelo rei da Trácia, aparece-lhe para falar de sua morte (*Mihi frigidus horror/membra quatit gelidusque coit formidine sanguis - a mim, o frígido horror agita os membros e, gélido, o sangue se condensa, com o pavor*, versos 29-30). Embora Eneias tenha erigido as primeiras muralhas de uma cidade, a que chamou Enéadas, ele tem que deixar a terra da Trácia, porque impura, tendo em vista que o rei Trácio havia quebrado os laços sagrados da hospedagem, ao matar Polidoro, o filho de Príamo, seu antigo aliado, tendo-o recebido como hóspede (*Fas omne abrumpit - ele rompeu todo o permitido pelos deuses*, verso 55). Antes de Eneias abandonar a Trácia, ele realiza os funerais de Polidoro. Abandonando aquela terra impura, Eneias se dirige a Delos, ilha onde Apolo nasceu. Consultando o oráculo do deus-arqueiro, Eneias sabe, por intermédio de Ânio, rei de Delos e sacerdote de Apolo,

que os Troianos devem se dirigir em busca da Mãe Antiga, onde deverão se estabelecer e onde Eneias, seus filhos e os filhos de seus filhos reinarão. Anquises interpreta como se fosse a Ilha de Creta, de onde saiu Teucro, um dos ancestrais dos Troianos, que escolheu a Tróade como lugar para fundar seu reino. Partindo de Delos, Eneias relata a passagem pelas Cíclades até a chegada a Creta, onde imediatamente inicia a construção de mais uma cidade, Pergameia, cujo nome é homenagem à cidadela de Troia. Construindo a cidade e atribuindo as leis, Eneias revela-se não só um mito fundador, como um mito civilizador. Depois de um ano, no entanto, todo o trabalho mostra-se perdido, pois uma peste violenta devastará pessoas, as árvores e as plantações, levando morte e desolação ao herói e aos seus. Eneias pensa em voltar a Delos (Ortígia) e consultar novamente o oráculo de Apolo, de modo a saber com certeza de seu destino. Mas os Penates aparecem em sonho e lhe dizem do seu destino, adiantando a glória de Roma (vide Livro I, a profecia de Júpiter a Vênus, versos 254-296). Com medo, Eneias envia preces ao céu e faz libações, advertindo o pai Anquises sobre o sonho. Anquises se lembra, então, das profecias de Cassandra sobre as terras de Hespéria e sobre o reino Ítalo. Cedendo ao oráculo de Apolo, Anquises exorta todos a seguir caminho em busca da Hespéria. Ganhando o mar, rumo ao ocidente, Eneias e seus companheiros enfrentam uma tempestade que dura três dias. No quarto dia, com a tempestade amainada, eles aportam nas Estrófades, onde habitam as Harpias. Contentes por avistar um rebanho de bovinos e caprinos, Eneias parte com os companheiros para a caça e abate dos animais, convidando Júpiter e os demais deuses a acompanhá-los, de modo a garantir a comida. As Harpias, no entanto, impedem-nos de comer, contaminando os pratos com o líquido fétido de seus ventres. Eneias e os companheiros decidem, pois, dar combate às Harpias, mas elas são invulneráveis. Celeno, a mais terrível delas, recrimina Eneias pelo fato e faz, então, uma

previsão das mais funestas: Eneias e os seus conseguirão chegar à Itália, com vento favorável, sob os auspícios de Apolo Febo, mas só começarão a construção das muralhas depois de passar uma fome que os obrigará a comer as mesas. O episódio das Ilhas Estrófades encontra paralelo no Canto XII da *Odisseia*, quando os companheiros de Odisseu comem os bois do Sol e são castigados por isto. Tomados de medo, Eneias e seus companheiros veem Anquises apelar para os deuses, prometendo-lhes os sacrifícios devidos e ordenando a partida. Fugindo das Estrófades, Eneias passa ao largo de Zacintos, Dulíquio e entre a Cefalônia e Ítaca, de modo a ver a cidade de Same e o monte Néritos, respectivamente. Os Troianos fogem dos escolhos de Ítaca e execram a terra nutriz de Ulisses. Eneias aporta em Leucatas, alcança o templo de Apolo e, purificando-se em honra a Júpiter, oferece sacrifícios aos deuses e celebra os litorais Áccios com jogos Ilíacos. Na porta do templo de Apolo, enquanto os companheiros de Eneias se exercitam nos combates, o herói fixa o escudo tomado a Abas. Deixando os litorais Áccios, Eneias rumo a Butroto, no Épiro, última parada antes da Itália. Em sua chegada a Butroto, Eneias se depara com Andrômaca rendendo honras às cinzas de Heitor e se admirando de ver o herói vivo, mas não sabendo ao certo se ele está morto. Eneias lhe responde que o que ela vê é uma dura realidade que ele carrega consigo desde a saída de Troia (*Viuo equidem uitamque extrema per omnia duco;/ne dubita, nam uera uides*, versos 315-316). Interrogada por Eneias, Andrômaca lhe fala de sua situação, não antes de exaltar a felicidade de Polixena, que preferiu ser morta sobre o túmulo de Aquiles à escravidão. Como as demais mulheres troianas (vide *Hécuba* e *As Troianas*, de Eurípides), Andrômaca foi sorteada entre os chefes vencedores, cabendo a Pirro/Neoptólemo. Com a morte de Pirro, parte do reino do Eacida é herdada por Heleno, com quem Andrômaca se casara, que o nomeia Caônia e no alto erige uma cidadela, uma nova Tróia, uma nova Pérgamo.

Andrômaca também quer saber sobre Ascânio, se ele ainda vive. Em seguida, Eneias se dirige a Heleno e pede-lhe, como intérprete dos deuses e conhecedor das vontades de Apolo, que lhe diga sobre o seu destino, pois os oráculos são favoráveis a sua caminhada em busca da Itália, apenas Celeno lhe acenara com um destino terrível de fome. Heleno cumpre os rituais e diz a Eneias que ele percorre o oceano sob os auspícios dos deuses e que o rei dos deuses – Júpiter – já dispôs o seu destino, as vicissitudes e a ordem em que eles devem acontecer. Heleno diz ainda que revelará apenas algumas coisas a Eneias que o ajudarão a chegar a um porto na Ausônia, o mais as Parcas o proíbem saber e Juno o proíbe de dizer. Traçando o roteiro de Eneias, Heleno lhe diz que ele saberá, depois de muitas provações, que chegou à terra destinada quando ele achar à margem de um rio solitário, sob os carvalhos, uma porca com trinta leitõezinhos brancos, em torno de suas tetas. Ali estará o fim de suas provações. Heleno aconselha Eneias a fugir da costa sul italiana, próxima à Grécia – posterior Magna Grécia –, pois ela está habitada por gregos maus. Eneias, ainda, uma vez transposto o mar, deve cumprir os ritos e cobrir a cabeça com um manto púrpura, para que os presságios não sejam perturbados. Seus companheiros e seus descendentes devem sempre guardar fidelidade à religião. Heleno traça o roteiro para Eneias, dizendo-lhe para fazer uma grande volta pela Sicília, evitando passar pelo atual estreito de Messina e, assim, não ser colhido por Cila ou por Caríbdis. Ao final de seu relato, Heleno dá um conselho a Eneias: adorar com preces o nume da deusa Juno, oferecer-lhe os votos e triunfar sobre a sua dominação com oferendas suplicantes. Só assim, Eneias chegará à Itália. Em ali chegando, o herói deverá dirigir-se a Cumas e consultar a Sibila em cujo antro ela guarda os destinos escritos em folhas. Ouvindo os oráculos da Sibila, Eneias saberá quais são os povos da Itália, as guerras que ele enfrentará, como evitar ou suportar as provações. Venerada por Eneias, ela lhe dará um roteiro feliz. Antes

de partir, Eneias deseja a felicidade a Andrômaca e a Heleno, pois eles já têm uma estabilidade, a fortuna para eles terminou o seu curso. Com relação a si mesmo e aos seus, eles têm que passar ainda por muitas provações, pois os destinos os chamam de uma dificuldade a outra (*nos alia ex aliis in fata uocamur*, verso 494). Ao despedir-se de Heleno, Eneias deseja que o Épiro e a Hespéria, unidos pelo mesmo ancestral, Dárdanos, sejam uma única Troia pelo espírito, o que, na realidade, consiste numa utilização por Virgílio da dominação romana sobre os Gregos, a partir do século III a. C. Eneias parte do Épiro, após a investigação das constelações por Palinuro. As terras da Itália são divisadas, em primeiro lugar, pelo herói. Anquises faz os primeiros ritos de agradecimento aos deuses, solicitando bom tempo e bom curso para a navegação. Em sua chegada à Itália, Eneias vê o primeiro presságio (*primum omen*, verso 537): quatro cavalos de brancura de neve, sobre um prado, devorando uma planície imensa. Anquises vê neles o anúncio da guerra e a esperança de paz. Eneias invoca o nume sagrado de Palas e sobre os altares da Argiva Juno, ele queima as oferendas à deusa, com a cabeça coberta por véu frígio, segundo as instruções de Heleno. Sem demora, o herói contorna a terra cheia de Gregos e divisa o Golfo de Tarento, o templo de Juno Lacínia, as fortalezas da Caulônia e o promontório Cilaceu. Partindo em direção à Sicília, Eneias e os seus vêem o Etna e a terrível Caríbdis, de que se desviam a conselho de Anquises, mas aportam na ilha dos Ciclopes e passam a noite sem ver os astros, por causa do vapor que se elevava do Etna. Aportando na ilha dos Ciclopes, Eneias encontra um Grego que havia lá ficado, esquecido por Ulisses, Aquemênides. Esse Grego implora ser levado por Eneias, para não importa onde, desde que saia de lá. Eneias escuta a narrativa de Aquemênides sobre a sua permanência de três meses na ilha dos Ciclopes. Ao cabo dessa narrativa, Eneias vê a figura horrenda de Polifemo, tangendo suas ovelhas e entrando no mar para lavar o olho ainda

ferido. Aterrado, o herói recolhe Aquemênides e dá a ordem de partida. Ouvindo o barulho dos remos, Polifemo, sem poder alcançar o barco, dá um urro grande, chamando a atenção dos outros Ciclopes, numa visão monstruosa e aterradora para Eneias e seus companheiros. Seguindo os conselhos de Heleno, ele evita passar o *Siculum Fretum* (atual Estreito de Messina), para não correr o risco de perecer sob Cila ou sob Caríbdis, e costeia a Sicília, em direção ao ocidente, chegando ao promontório Lilibeu e aportando em Drépano, onde morre Anquises, seu pai. Para Eneias a morte do pai é a provação extrema (*labor extremus*, verso 714). Também é o término de sua narrativa a Dido, fechando o Livro III da *Eneida*.

Enótrios (*Oenotri*, v. 165): Antigos habitantes de Bruttium e da Lucânia, no sul da Itália, entre Paestum e Tarentum, descendentes de Enotros, filho de Licáon e Cilene. Passavam por Arcádios que emigraram para aquelas regiões, 500 anos antes da guerra de Troia. Os descendentes dos Enótrios chamaram a região de Itália, por causa do nome de seu chefe, Ítalo, considerado, às vezes, irmão de Enotros (*nunc fama minores/Italiam dixisse ducis de nomine gentem*, verso 165-166). Vide **Enótrios**, no Livro I da *Eneida*.

Eos (*Eoo*, v. 588): A estrela da manhã para os Latinos, que nasce no oriente, trazendo a Aurora. Na mitologia grega, Eos (Ἑως) é a própria Aurora.

Épiro (*Epiri*, v. 292; *Epiro*, v. 503): Região a noroeste da Grécia continental, em que Eneias chega para se encontrar com Heleno, filho de Príamo. É a última parada de Eneias antes de chegar à Hespéria.

Escudo Argólico (*Argolici clipei*, v. 637): Aquemênides se refere ao olho de Polifemo como sendo grande, igual a um escudo argólico.

Espineiro (*uirgulta*, v. 23): Espineiro, sarças, urzes que cobriam o túmulo de Polidoro.

Estígias (*Stygiis*, v. 215): Referente ao Estiges, rio do Hades, responsável pelos juramentos sagrados. Vide **Ondas Estígias**.

Estirpe Aquileia (*stirpis Achilleae*, v. 326): A raça de Aquiles. Referência a Pirro/ Neoptólemo, filho do herói.

Estrófades (*Strophadum*, v. 209; *Strophades*, v. 210): Ilhas Estrófades, no Mar Jônio, onde Eneias e os seus aportam, após a partida de Creta, fugindo de uma tempestade. As ilhas, que se encontram na curva do Egeu para o Jônio, de acordo com a *Eneida*, são habitadas por Celeno e as outras Harpias. Nas *Argonáuticas*, encontra-se a explicação para o nome das Estrófades (*retorno, volta*). Antes chamadas ilhas Flutuantes, é para lá que Zetes e Calais expulsam as Harpias da ilha de Fineu. Depois que Íris, jurando pelas águas do Estiges que elas não mais atormentariam Fineu, impede os dois Argonautas de matá-las, eles dão meia volta, retornando ao navio (versos 282-297). Vide **Casa Fineia** e **Harpias**.

Etna (*Aetna*, v. 554; *Aetna*, v. 571; *Aetnam*, v. 579; *Aetna*, v. 674): Vulcão Etna, na parte oriental da Sicília/Ilha Trinácia, sob o qual se encontra aprisionado Encélado, para Virgílio, origem dos tremores de terra e da erupção do Etna. Já Ovídio atribui a Tifeu ou Tifon essas origens. As Musas, sendo desafiadas pelas Piérides, cantam a verdadeira façanha dos deuses contra Tifeu. Vencido Tifeu, os deuses o aprisionam sob o solo da Sicília. Tifeu tem a mão direita presa pelo Peloro, a mão esquerda presa pelo Paquino, os pés presos pelo Lilibeu (os três promontórios, cujos picos dão à Sicília o nome de Trinácia, *três cumes*). Já a cabeça está presa sob o Etna. Quando Tifeu tenta libertar-se e não consegue, os tremores ocorrem. Irritado, por não conseguir libertar-se, expele fogo e

vomita cinzas, que saem pela chaminé do Etna, causando assim as erupções (*Metamorfoses*, Livro V, versos 346-355). Vide **Encélado**.

Etna Trinácrio (*Trinacria...Aetna*, v. 554): Vide **Etna**.

Étneos (*Aetnaeos*, v. 678): Do Etna. Vide **Irmãos Étneos**.

Êureo (*euroo*, v. 533): Relativo ao Euro, vento do Leste. Virgílio se refere ao porto próximo ao Golfo de Tarento, curvado em arco pela ação da onda Êurea, a onda impelida pelos Euros (*euroo fluctu*). Vide **Euro**, no Livro I da *Eneida*.

F

Fados Ilíacos (*Iliacis... fatis*, v. 182): Os destinos que submetem os Troianos ao exílio provisório até encontrarem as terras de Hespéria – a Itália.

Fama (*Fama*, v. 121; *Fama*, v. 578): Deusa que difunde os rumores, Fama é um mito propagado por Virgílio. Na passagem do verso 121, a Fama se encarregara de espalhar a notícia de que Idomeneu fora expulso do reino de Creta. Na passagem do verso 578, mostra-se que a Fama espalhou encontrar-se Encélado, depois de fulminado, preso sob a massa enorme do Etna. A primeira referência à deusa encontra-se no Livro I da *Eneida*. Trata-se do momento em que Eneias se emociona ao ver cenas da guerra de Troia nas paredes do templo de Juno, em Cartago, e diz que a Fama já a difundiu por toda a terra. É no Livro IV, porém, que Virgílio nos faz um retrato detalhado dessa divindade (versos 173-197), que se encarrega de difundir a união de Dido e Eneias. O retrato feito por Virgílio mostra Fama percorrendo as grandes cidades Líbias, mais rápido que qualquer calamidade, e quanto mais ela caminha, mais adquire força; de início, humilde e medrosa, subitamente eleva a si mesma às alturas; caminha pelo solo e esconde a cabeça entre as nuvens. Filha da Terra e última irmã de Encélado e Coios, Fama é um monstro horrendo e enorme, com pés prontos e asas rápidas, tantas são as plumas no seu corpo, quantos são seus olhos vigilantes, tantas línguas, bocas sonantes e orelhas em pé... A Fama voa durante a noite, pelo céu e pela terra, nas sombras, sempre estridente, para que o doce sono não a faça dormir; aterrando as cidades, ela é tenaz mensageira tanto da verdade, quanto da mentira e do disforme. Enchendo os povos de múltiplas palavras, a deusa se rejubilava igualmente em dizer o que acontecera e o que

não acontecera.

Feácios (*Phaeacum*, v. 291): Povos que habitam a Feácia, reino de Alcínoos, onde Ulisses/Odisseu faz sua última parada antes de chegar a Ítaca (vide *Odisseia*, Cantos VI-VIII). Eneias vê as cidadelas aéreas dos Féacios, quando se dirige para Butroto, no Épiro (*Protinus aerias Phaeacum abscondimus arces – Durante a viagem, perdemos de vista as cidadelas aéreas dos Féacios*, verso 291).

Fêbea (*Phoebae*, v. 637): Relativo a Apolo Febo, por extensão, ao Sol. Vide **Lâmpada Fêbea**.

Febo (*Phoebi*, v. 80; *Phoebus*, v. 99; *Phoebus*, v. 101; *Phoebum*, v. 143; *Phoebo*, v. 188; *Phoebo*, v. 251; *Phoebus*, v. 251; *Phoebi*, v. 359; *Phoebe*, v. 371; *Phoebi*, v. 474): Epíteto de Apolo, significando *Brilhante*. Filho de Zeus e de Leto, nascido em Delos, Apolo é o deus da Profecia e portador do arco, entre outros atributos. Apolo Febo é muito importante dentro dos Livros II e III de *Eneida*, pois será ele o guia, através de seus vários oráculos, do roteiro de Eneias e dos Troianos até o Lácio. Sua presença será marcante em outros momentos, como nos Livros VI e VII, por exemplo. Vide **Ânio, Apolo, Celeno, Heleno e Penates**.

Filho de uma deusa (*nate dea*, v. 311; *nate dea*, v. 374; *nate dea*, v. 435): Eneias, filho de Vênus/Afrodite.

Filoctetes (*Philoctetae*, v. 402): Filoctetes era o chefe dos Melibeus, povos que habitavam a Melibeia, cidade da Tessália. Segundo o catálogo das naus de Homero (vide *Ilíada*, Canto II, versos 716-726), Filoctetes foi mordido por uma serpente e os Argivos o deixaram na Ilha de Lemnos. Mais tarde, curado pelos sacerdotes de Hefestos, Filoctetes será resgatado para ser levado ao palco da guerra. Troia não seria tomada sem o seu concurso (vide *Filoctetes*, de Sófocles).

Segundo Heleno, a pequena cidade de Petélia teria sido fundada pelo herói. Vide **Petélia**.

Fineia (*Phineia*, v. 212). Relativo a Fineu, rei da Trácia. Vide **Casa Fineia**.

Fortuna (*Fortuna*, v. 53): Deusa da abundância, Fortuna apresentava-se com a cornucópia, o corno ou chifre da abundância, e cega para os homens. O único homem para quem ela abriu os olhos, segundo Ovídio (*Fastos*, Livro VI, versos 569 e ss.), foi o terceiro rei de Roma, Servius Tullius, que lhe erigiu um altar. Fortuna está relacionada ao grego Τύχη. Na passagem em questão, o termo diz respeito à desventura de Troia, narrada pelo espírito de Polidoro a Eneias. Vide **Polidoro**.

Frígia (*Phrygiae*, v. 6): Região da Ásia Menor, situada a leste de Troia.

Frígio, Frígia (*Phrygii*, v. 148; *Phrygiam*, v. 484; *Phrygio*, v. 545): Relativo à região da Frígia, a leste de Troia.

Fúrias (*Furiarum*, v. 252): Deusas infernais correspondentes às Erinias gregas, as Fúrias são perseguidoras dos que cometeram o crime de derramamento de sangue parental. Essas divindades nasceram, segundo Hesíodo, do sangue respingado na terra, dos órgãos genitais de Uranos, decepados por seu filho Cronos (*Teogonia*, versos 178-187). A harpia Celeno se considera a mais importante delas, mesmo que a tradição diga que as três Fúrias eram Tisífone, Alecto e Megera.

G

Genitor (*genitor*, v. 102): Relativo ao pai de Eneias, Anquises. Vide **Anquises**.

Genitor Anquises (*genitorem...Anchisen*, v. 709-710): Relativo ao pai de Eneias, Anquises. Vide **Anquises**.

Gela (*Gela*, v. 702): Cidade do sudoeste da Sicília, fundada por Cretenses e Ródios, no século VII a. C. Gela recebe esse nome por causa do rio que a banha, tornando férteis suas planícies (*The Oxford Classical Dictionary*).

Gelos (*Geloi*, v. 701): Referente a Gela. Vide **Gela**.

Getas (*Geticis*, v. 35): Povos provenientes da Trácia, estabelecidos sobre o Danúbio, a sudeste dos Cárpatos (*The Oxford Classical Dictionary*).

Giaros (*Gyaro*, v. 76): Ilha do Mar Egeu, uma das Cíclades, próxima à região da Ática.

Golfo da Tarento de Hércules (*sinus Herculei...Tarenti*, v. 551): Golfo que fica no sul da Itália, cuja cidade principal é Tarento. Segundo a tradição mítica, Hércules seria o fundador dessa cidade. Vide **Hércules** e **Tarento**.

Golfos Mégaros (*Megaros sinus*, v. 689): Golfos de Mégara, cidade da Sicília, próxima a Siracusa.

Golfo Sicânio (*Sicanio...sinu*, v. 692): Golfo de Siracusa, na Sicília, próximo do promontório Plemírio ou Plemúrio, hoje Ponta do Gigante.

Gradivo (*Gradiuom*, v. 35): Vide **Pai Gradivo**.

Graio, Graios, Graias (*Grai*, v. 163; *Graio*, v. 210; *Graias*, v. 295; *Grais*, v. 398; *Grais*, v. 499; *Graius*, v. 594): Nome que designa os Gregos, de modo geral. O termo, segundo Chantraine (1999), pode ter sido dado aos Gregos de Dodona, no Épiro, pelos Ilírios, seus vizinhos e, provavelmente, tenha entrado na língua latina sob a forma de *Graius*, emprestado do Etrusco. Para Ernout (2001), o termo pertence à língua épica ou poética e é notável o fato de os Latinos terem usado para designar os Gregos um nome raro na literatura grega, atestado tardiamente, em lugar de Helenos, a forma corrente. Ernout acredita ainda tratar-se de uma forma popular emprestada por via oral, provavelmente da Ilíria. Vide **Graios**, no Livro I da *Eneida*.

H

Harpia, Harpias (*Harpyiae*, v. 212; *Harpyiae*, v. 226; *Harpyias*, v. 249; *Harpyia*, v. 365): Segundo Virgílio, não há monstro mais lúgubre, nem peste mais cruel, que possa ter emergido das águas do Estiges, engendrado pela cólera dos deuses. Com rosto de virgens, aladas, com um ventre que solta imundícies, garras nos dedos e o palor da fome sempre no rosto (versos 214-218), as Harpias são filhas de Thaumás (filho de Pontos, o Mar) e da Oceânide Electra (Hesíodo, *Teogonia*, versos 265-267). Elas contaminam a comida de Eneias e seus companheiros, sendo combatidas por eles. Irritada com a guerra que Eneias conduz contra ela e suas irmãs, Celeno, a mais importante das Harpias, faz a terrível previsão de que os Troianos passarão fome e comerão as próprias mesas, antes de cingir com muralhas a cidade a ser fundada. Higino apresenta o nome das três Harpias: Aellópoda, Celeno e Ocípete (*Fábulas*, XIV, 18). Vencidas pelos Argonautas Calais e Zetes, filhos de Bóreas, elas se refugiam numa caverna em Creta. Vide **Casa Fineia** e **Estrófades**.

Harpia Celeno (*Harpyia Celaeno*, v. 365): Vide **Celeno** e **Harpias**.

Heitor (*Hector*, v. 312; *Hectoris*, v. 319; *Hector*, v. 343): Heitor, filho de Príamo e de Hécula, maior herói troiano, morto por Aquiles na guerra de Troia. Casado com Andrômaca e pai de Astiânax. Vide **Heitor** nos Livros I e II da *Eneida*.

Heitóreo, Heitórea (*Hectoreum*, v. 304; *Hectoreae*, v. 488): De Heitor. Trata-se de uma referência ao túmulo de Heitor (*Hectoreum ad tumulum*, verso 304), próximo ao qual Eneias encontra Andrômaca realizando oferendas fúnebres. Andrômaca se diz cônjuge de Heitor, apesar de o marido estar morto e de ela ter

desposado, após a sua morte, Pirro e Heleno, respectivamente (*Andromachae...coniugis Hectoreae*, versos 487-488). Vide **Andrômaca**.

Heleno (*Helenium*, v. 295; *Heleno*, v. 329; *Heleno*, v. 334; *Helenus*, v. 346; *Helenus*, v. 369; *Helenium*, v. 380; *Heleno*, v. 433; *Heleni*, v. 546; *Helenus*, v. 559; *Heleni*, v. 684; *Helenus*, v. 712): Filho de Príamo, sacerdote de Apolo, único a salvar-se da destruição de Troia pelos Gregos. Heleno é chamado por Virgílio de Intérprete dos deuses (*interpres diuom*, verso 359) e intérprete de Febo (*Phoebi interpres*, verso 474). Feito servo por Pirro, filho de Aquiles, Heleno desposa Andrômaca, após o casamento de Pirro com Hermíone. Morto Pirro, Heleno herda parte do Épiro, no noroeste da Grécia, a que vai chamar de Caônia, e constrói uma cidadela no alto, chamando-a Pérgamo, em alusão a Troia. Eneias consulta Heleno sobre seu destino e sobre a previsão funesta de Celeno. Após cumprir os rituais, Heleno diz a Eneias que ele percorrerá o oceano sob os auspícios dos deuses e que o rei dos deuses – Júpiter – já dispôs o seu destino, as vicissitudes e a ordem em que eles deverão acontecer. Heleno diz ainda que revelará apenas algumas coisas a Eneias que o ajudarão a chegar a um porto na Ausônia, o mais as Parcas o proíbem saber e Juno o proíbe de dizer (*prohibent nam cetera Parcae/scire Helenium farique uetat Saturnia Iuno*, versos 379-380). Traçando o roteiro de Eneias, Heleno lhe diz que ele saberá, depois de muitas provações, ter chegado à terra destinada, quando ele achar à margem de um rio solitário, sob os carvalhos, uma porca com trinta leitõezinhos brancos, em torno de suas tetas. Ali estará o fim de suas provações. Heleno aconselha Eneias a fugir da costa sul italiana, próxima à Grécia, posterior Magna Grécia, pois ela está habitada por Gregos maus. Heleno diz ainda para Eneias, uma vez transposto o mar, cumprir os ritos e cobrir a cabeça com um manto púrpura, para que os presságios não sejam perturbados,

e que seus companheiros e seus descendentes devem sempre guardar fidelidade à religião. Heleno traça o roteiro do herói, dizendo-lhe para fazer uma grande volta pela Sicília, evitando passar pelo atual Estreito de Messina e, assim, não ser colhido por Cila ou por Caríbdis. Ao final de seu relato, o profeta dá um conselho a Eneias: adorar com preces o poder da deusa Juno, oferecer-lhe os votos e triunfar sobre a sua dominação com oferendas suplicantes. Só assim, Eneias chegará à Itália. Em lá chegando, Eneias deverá dirigir-se a Cumas e consultar a Sibila, em cujo antro ela guarda os destinos escritos em folhas. Ouvindo os oráculos da Sibila, Eneias saberá quais são os povos da Itália, as guerras que ele enfrentará, como evitar ou suportar as provações. Venerada por Eneias, ela lhe dará um roteiro feliz. A ele, Heleno, não é permitido dizer mais do que isto, por isso mesmo, ele não se referirá de modo claro à morte de Anquises. Eneias deve partir e elevar ao éter o nome de Troia com os seus feitos (*Vade age et ingentem factis fer ad aethera Troiam*, verso 462). Em seguida, Heleno cumula Eneias de presentes de ouro e de marfim, prata trabalhada, bacias de Dodona, uma couraça em malhas trançadas de três fios de ouro, a parte cônica de um notável capacete e seus penachos cabeludos (*et conum insignis galeae cristasque comantis*, verso 468), armas de Neoptólemo. O sacerdote dá presentes a Anquises e complementa os de Eneias dando-lhe cavalos e pilotos, completando a tripulação de remadores e fornecendo armas aos companheiros do herói. Para terminar, Heleno se dirige a Anquises com muito respeito, a fim de lhe mostrar as terras da Ausônia, que se abrem diante do velho herói. Diz-lhe, porém, que as terras que Apolo lhe reservou ainda estão longe e que ele, Anquises, deve aproveitar os Austros que se levantam, pois não lhe cabe, a ele, Heleno, dizer mais. Trata-se, a nosso ver, de uma fala profética, que encerra o segredo da morte de Anquises, em terras mais longe do que aquelas que ele tem à sua frente – o Golfo de Tarento –, pois Anquises morrerá em Drépano,

na Sicília. Ao mesmo tempo, estão longe as terras que Apolo reservou aos Troianos, pois estas se encontram no Lácio.

Hércules (*Herculei*, v. 551): Hércules ou Héracles, maior dos heróis gregos, filho de Zeus e Alcmena. Para a tradição mítica, Hércules seria o fundador da cidade de Tarento. Nessa passagem do verso 551, Virgílio refere-se ao Golfo da Tarento de Hércules (*sinus Herculei... Tarenti*).

Hermíone (*Hermionen*, v. 328): Filha de Menelau e Helena, Hermíone torna-se esposa de Pirro. Por sua causa, Orestes, enciumado, mata Pirro. Virgílio se refere à *Ledaeam Hermionen – Lêdea Hermíone*, ou seja, a descendente de Leda, tendo em vista que Leda é a mãe de Helena, por conseguinte, Hermíone é sua neta.

Hespéria (*Hesperiam*, v. 163; *Hesperiam*, v. 185; *Hesperiae*, v. 186; *Hesperiam*, v. 503): As terras de Hespéria são as terras ocidentais. No caso específico, trata-se da Itália, que, em relação a Troia, fica no ocidente. É para lá que os Penates ordenam a ida de Eneias. Cassandra vaticinara sobre os destinos dos Teucros nas terras de Hespéria, segundo relato de Anquises a Eneias. Na conversa final de Eneias com Heleno, o herói deseja que o Épiro e a Hespéria, já unidos pelo mesmo ancestral, Dárdanos, sejam, no futuro, uma única Troia pelo espírito.

Híades Chuvosas (*pluuias Hyadas*, v. 516): As Híades são filhas de Atlas e da Oceanina Aethra, irmãs de Hias, jovem de notável beleza, forte e rápido. Hias tendo sido morto por um leão, as irmãs sofrem e choram a sua perda. Elas são transportadas para o céu como constelação, tomando o nome de *Híades*, em homenagem ao irmão (Ovídio, *Fastos*, Livro V, versos 163-182). As *Híades* são um aglomerado da constelação de Touro e estão associadas à chegada das chuvas. Higino, em sua *Astronomia*, situa as *Híades* junto às

estrelas que delimitam a cabeça da constelação de Touro (Higino, II, **21**, 1), para, em seguida, narrar a história das estrelas, conforme nós conhecemos. O elemento novo é colocar as *Híades* como irmãs das Plêiades, sete das outras dez irmãs de Hias, que se suicidam por causa da morte do irmão (Higino, II, **21**, 2). Nas *Fábulas* (CXCI), Higino dá o nome das cinco *Híades* – Phaesyta, Ambrosia, Coronis, Eudora e Polyxo –, informando que, para alguns, o nome de *Híades* se dá pela disposição das estrelas em forma de **Y**; para outros, porque o seu surgimento desencadeia as chuvas (chover, em grego, é ὕειν). Vide **Híades**, no Livro I da *Eneida*.

Himeneus Lacedemônios (*Lacedaemonios hymenaeos*, v. 328): Referência ao casamento entre Pirro, filho de Aquiles, e Hermíone, filha de Menelau e Helena, casal que reinava sobre a Lacedemônia ou Esparta.

Horas (*Horis*, v. 512): As Horas eram as filhas de Zeus e Thêmis (Hesíodo, *Teogonia*, versos 901-903). Divindades que presidiam as estações e guardavam as portas do Céu, elas chamavam-se Eunomia – a *Boa Lei*; Dike – a *Justiça*, e Irene – a *Paz*.

Hostes Argólicas (*Argolicas hostis*, v. 283): Exércitos argivos, inimigos dos Troianos.

I

Íásio (*Iasius*, v. 168): Filho de Júpiter e Electra, irmão de Corito e de Dárdanos, Íásio foi amado de Ceres, a deusa da agricultura (*Teogonia*, versos 969-971). Ancestral dos Troianos, chamado pelos Penates de *Iasius pater, genus a quo principe nostrum - o pai Íásio, de quem o princípio de nossa raça*. Homero relata a sua morte, fulminado pelo raio de Zeus, enciumado por causa dos amores de Íásio com Deméter/Ceres (*Odisseia*, Canto V, versos 125-128).

Ida (*Idae*, v. 6): O monte Ida situa-se na região da Tróade, tradicionalmente associada à Frígia, embora estejam Troia e o monte Ida mais próximos da Mísia do que da Frígia, na geografia de Estrabão. A origem do nome vem do monte homônimo, em Creta, nome levado por Teucro, saído da ilha para a Tróade.

Ida Frígio (*Phrygiae Idae*, v. 6): Vide **Ida**.

Idaio (*Idaeus*, v. 105; *Idaeum*, v. 112): Referente ao monte Ida de Creta, que dá nome ao seu homônimo da Tróade. Vide **Ida**.

Idomeneu (*Idomeneia*, v. 122; *Idomeneus*, v. 401): Rei de Creta, Idomeneu lutou como aliado dos Aqueus na guerra de Troia. Na volta para seu reino, fora destronado e obrigado a deixar sua pátria. Segundo Heleno, Idomeneu instalou-se na região da Calábria, ocupando os campos Salentinos com soldados (*et Sallentinos obsedit milite campos/Lyctius Idomeneus*, versos 400-401).

Ilha de Circe (*insula Circae*, v. 386): Ilha de Eeia, no Mar Jônio, onde habitava a feiticeira Circe (vide *Odisseia*, Canto X e Canto XII).

Ílíaca, Ílíacos (*Iliacis*, v. 182; *Iliacam*, v. 336; *Iliacos*, v. 603): Referente a Ílion, cidadela troiana ou referente aos Troianos.

Íliades (*Iliades*, v. 65): Mulheres troianas que participam dos funerais de Polidoro.

Ílion (*Ilium*, v. 3; *Ilium*, v. 109): A cidadela que guarda Troia.

Inferno (*inferni*, v. 386): Referência ao lago do Inferno, em Cumas. Heleno alude ao inferno, esclarecendo a Eneias o itinerário que o herói deverá fazer antes de chegar ao Lácio. Por encontrar-se proibido por Juno e pelas Parcas de antecipar esse fato, Heleno nada diz a Eneias da sua descida aos infernos para ir ter com o pai, Anquises. No Livro VI da *Eneida*, Eneias, guiado pela Sibila de Cumas, descerá ao inferno, reino de Plutão.

Intérprete de Febo (*Phoebi interpres*, v. 474): Vide **Heleno**.

Intérprete dos deuses (*interpres diuom*, v. 359): Vide **Heleno**.

Irmãos Éteos (*Aetnaeos fratres*, v. 678): Referência aos Ciclopes, que habitavam a região do Etna, na Sicília. Eneias vê os Ciclopes reunidos no litoral da Sicília, vindos da selva, como irmãos, atraídos pelo grito imenso de Polifemo. Para o herói, trata-se de um concílio horrendo (*concilium horrendum*, verso 679) de que é preciso fugir. Tão alto eles são, que se comparam aos carvalhos e ciprestes das florestas de Júpiter ou dos bosques sagrados de Diana (*quales cum uertice celso/ aeriae quercus aut coniferae cyparissi/ constituerunt, silua alta louis lucusue Dianae*, versos 679-681).

Ítaca (*Ithacae*, v. 272; *Ithaca*, v. 613): Ilha a noroeste do Peloponeso, no Mar Jônio, ao lado da Cefalônia e ao sul de Leucas. Ítaca era o reino de Ulisses.

Ítaco (*Ithacus*, v. 629): Referência a Ulisses, o homem de Ítaca.

Itália (*Italiam*, v. 166; *Italiam*, v. 253; *Italiam*, v. 254; *Italiam*, v. 364; *Italiam*, v. 381; *Italiae*, v. 458; *Italiam*, v. 507; *Italiam*, v. 523 (2); *Italiam*, v. 524; *Italiae*, v. 674): Nome que os Enótrios dão à terra de Hespéria, colonizada por eles. A itáli é a região aonde Eneias deve chegar para fundar as bases de uma nova Troia. Esta indicação se encontra na profecia de Celeno ao herói, quando de sua estada nas Estrófades. Vide **Celeno** e **Harpías**.

Ítalo (*Itali*, v. 396): Ancestral dos Italianos que dá nome à Península Itálica.

Ítalos (*Itala*, v. 185; *Italos*, v. 440): Referentes à Itália e aos descendentes do rei homônimo.

J

Jogos Ilíacos (*Iliacis...Iudis*, v. 280): Jogos em honra a Apolo, instituídos por Eneias, para celebrar os litorais Áccios, que os acolheram após o episódio com as Harpias. Esse episódio do Livro III é a oportunidade de Virgílio dar uma origem bem antiga aos Jogos Áccios (*Actia*), instituídos por Augusto, em honra de Apolo e celebrados a cada cinco anos, depois da fundação de Nicópolis (Cidade da Vitória), em homenagem a sua vitória sobre Marco Antônio, na batalha de Áccio, em 31 a. C. Vide **Litorais Áccios**.

Jônio, Jônias (*Ionio*, v. 211; *Ionios*, v. 671): Mar Jônio, situado a oeste em relação a Troia, onde se encontram as Estrófades. Seu nome deriva de Io, uma das amadas de Zeus, com quem o deus terá Epafo, ancestral dos Argivos (vide Ésquilo, *Prometeu acorrentado*).

Jove (*Iouis*, v. 104; *Iouem*, v. 223; *Ioui*, v. 279; *Iouis*, v. 681): Deus supremo do Olimpo, nascido e criado em Creta, para escapar à devoração do pai (*Teogonia*, versos 468-500). Por isso Virgílio chama a ilha de “Creta, ilha do grande Jove” - *Creta Iouis magni...insula* (verso 104). Jove/Júpiter e outros deuses são evocados por Eneias para tomar parte no butim – o gado das Estrófades. Fugindo das Estrófades, Eneias e seus companheiros chegam aos litorais de Áccio e se purificam em honra de Júpiter, oferecendo sacrifícios aos deuses. Vide **Júpiter**. Vide **Jove**, no Livro I da *Eneida*.

Juno (*Iuno*, v. 380; *Iunonis*, v. 437; *Iunoni*, v. 438; *Iunoni*, v. 547): Deusa-mãe, esposa e irmã de Júpiter, equivalente a Hera na mitologia grega. Na *Eneida*, ela é a divindade que persegue Eneias. Para conseguir suas graças, Eneias deve seguir as instruções de

Heleno, por isso ele queima oferendas em honra à deusa, ao chegar à Itália. Vide **Juno** nos Livros I e II da *Eneida*.

Júpiter (*Iuppiter*, v. 116; *Iuppiter*, v. 171): Zeus para os gregos, maior e mais poderoso dentre todos os deuses. Anquises pede a proteção de Júpiter, no sentido de assistir a sua frota para a chegada em Creta. No verso posterior (171), Júpiter nega a Anquises e aos Troianos, de maneira geral, a estada em Creta - *Dictaea negat tibi Iuppiter arua*. Vide **Jove**. Vide **Júpiter**, nos Livros I e II da *Eneida*.

L

Lacedemônios (*Lacedaemonios*, v. 328): Da Lacedemônia, Esparta, reino de Menelau, situado no Peloponeso.

Lacínia (*Lacinia*, v. 552): Epíteto de Juno. Vide **Deusa Lacínia**.

Lado Hespério (*Hesperium...latus*, v. 418): A costa Hespéria ou ocidental da Itália. Vide **Hespéria**.

Laércios (*Laertia*, v. 272): De Laertes, pai de Ulisses. Vide **Reinos Laércios**.

Lago do Inferno (*inferni lacus*, v. 386): Região perigosa, próxima a Cumas, no litoral italiano, dentre as tantas por que Eneias terá de passar, antes de atingir o Lácio, seu destino, onde deverá estabelecer a sua cidade.

Lâmpada Fêbea (*Phoebae lampadis*, v. 637): Referência ao sol. Trata-se da maneira como Aquemênides define o tamanho do olho do ciclope Polifemo. A alusão se justifica por ser Apolo o condutor do carro do Sol, muitas vezes confundido com o próprio Sol, Hélios. Vide **Ciclope**.

Laomedontíades (*Laomedontiadae*, v. 248): Descendentes de Laomedonte. Eneias e os demais Troianos são tratados de Laomedontíades por Celeno, a harpia. Esta genealogia só pode ser entendida metonimicamente, pois Laomedonte é irmão de Cápis, que gera Anquises, que gera Eneias. Laomedonte, na realidade, gera Príamo, que gera Heitor; porém, na tradição, Laomedonte ficou mais conhecido do que Cápis. Talvez seja uma tentativa de Celeno de imputar a Eneias o duplo erro de Laomedonte: contra Apolo e

Posídon, e contra Hércules, o que resultou na primeira destruição de Troia. Vide **Ascânio**, no Livro I da *Eneida*.

Lêdea (*Ledaeam*, v. 328): Descendente de Leda. Vide **Hermíone**.

Lêdea Hermíone (*Ledaeam Hermionen*, v. 328): Vide **Hermíone**.

Leucatas (*Leucatae*, v. 274): Promontório de Leucatas, ao sul da Ilha de Leucádia (Leukas), no Mar Jônio, acima de Ítaca, em frente à Acarnânia, e onde existia um templo de Apolo.

Líctio (*Lyctius*, v. 401): Relativo a Lictos, cidade de Creta, a sudeste de Cnossos. Monte para onde Zeus/Júpiter foi levado, quando nasceu, de modo a ser protegido contra a devoração do pai. Hesíodo o chama de *região gorda, farta* (πίλος δῆμος, *Teogonia*, verso 477). Vide **Creta**.

Líctio Idomeneu (*Lyctius Idomeneus*, v. 401): Vide **Idomeneu** e **Líctio**.

Licurgo (*Lycurgo*, v. 14): Cruel rei da Trácia que, tendo repudiado o culto a Baco e expulsado as suas nutrizes, foi punido pelo deus (vide *Ilíada*, Canto VI, verso 120 e ss.; *Metamorfoses*, Livro IV, verso 22). No contexto da *Eneida*, Licurgo é referido na chegada de Eneias à Trácia, onde o herói troiano se encontra com o espírito de Polidoro, filho de Príamo, morto por um rei trácio, outro que não Licurgo. Vide **Polidoro**.

Lilibeios (*Lilybeia*, v. 706): Referente ao promontório Lilibeu, na costa ocidental da Sicília, próximo a Drépano, um dos três promontórios que conferem à Sicília o nome de Trinácia. Vide **Trinácia** e **Vaus Lilibeios**.

Limites Ítalos (*finis Italos*, v. 440): A costa italiana, aonde Eneias deve chegar.

Litorais Áccios (*Actia litora*, v. 280): Litorais de Áccio, a noroeste da Arcanânia, parte ocidental da Grécia, onde existia um templo de Apolo. É lá que Eneias, fazendo um pouso na sua viagem para a Itália, celebra esses litorais com os *jogos Íliacos*. Vide **Jogos Íliacos**.

Litorais Creteus (*Cretaeis...oris*, v. 117): Litorais de Creta, aonde Eneias chega, à procura das terras a ele designadas pelos deuses. Vide **Creta**.

Litorais da Hespéria (*Hesperiae...litora*, v. 186): Litorais da Península Itálica, para onde os Teucros devem ir, sob o comando de Eneias. Vide **Hespéria**.

Litorais das Estrófades (*Strophadum...litora*, v. 209): Vide **Estrófades**.

Litorais de Creta (*litora Cretae*, v. 122): Litorais da ilha de Creta, reino de Idomeneu, desertos após o destronamento e expulsão de seu rei. Vide **Creta** e **Idomeneu**.

Litorais do Épiro (*litora Epiri*, v. 292): Vide **Épiro**.

Litorais dos Ciclopes (*Cyclopum...oris*, v. 569): Litorais da Sicília, próximo ao Etna, na parte oriental da ilha, onde habitavam os Ciclopes. Vide **Ciclopes**.

Litorais dos Curetes (*Curetum...oris*, v. 131): Litorais de Creta. Vide **Curetes**.

Litorais Reteios (*Rhoeteas...oras*, v. 108): Litorais que banham o promontório Reteu, na Tróade, sobre o Helesponto ou Estreito de

Dardanelos. A primeira cidade de Troia foi construída por Teucro nesse local. Segundo Virgílio, antes de Teucro, nem Ílion, nem as muralhas de Pérgamo haviam sido construídas, os povos da região habitavam os fundos dos vales (*Nondum Ilium et arces/Pergameae steterant; habitabant uallibus imis*, versos 109-110).

Litoral Ítalo (*Itali...litoris*, v. 396): Litoral da Itália.

Litoral Sículo (*Siculae...orae*, v. 410): Litoral da Sicília. Os Sículos eram povos da Ligúria e do Lácio.

Lócrios (*Locri*, v. 399): Originalmente são os habitantes da Lócrida, reino de Ajax Menor, na Etólia, sobre o Golfo de Corinto. Como a colonização do sul da Itália foi feita pelos Gregos, os Lócrios fudaram Locri, em Bruttium, no extremo sul, já próximo à Sicília. Com toda a parte meridional tomada pelos Gregos (posterior Magna Grécia), Heleno aconselha Eneias a desviar-se dali, na sua rota para o Lácio. Vide **Narícia**.

Loureiro (*lauro*, v. 81; *laurus*, v. 91; *laurus*, v. 360): Árvore consagrada a Apolo. Segundo o mito (Ovídio, *Metamorfoses*, Livro I, versos 452-567), Dafne, para escapar de Apolo dela enamorado, foi transformada pelo pai em um loureiro. O ramo do loureiro simboliza a inspiração poética e a inspiração profética, assim como podemos ver em Hesíodo, quando as Musas transformam o pastor em poeta e substituem o cajado pelo ramo de loureiro florescente (*Teogonia*, versos 26-34). No contexto da *Eneida*, a primeira alusão é ao loureiro sagrado (*sacra...lauro*, verso 81), cujos ramos cingem as têmporas de Ânio, rei-sacerdote de Apolo. A segunda alusão ainda está ligada a esse rei-sacerdote. Diz Virgílio que o loureiro de Apolo (*laurusque dei*, verso 91) treme, em Delos, quando o deus se pronuncia sobre os destinos de Eneias. A terceira referência revela uma prece de Eneias a Heleno, para saber que conduta deve tomar

na sua rota, a partir das suas previsões como intérprete de Apolo, que sente os augúrios e compreende as decisões do deus. Possivelmente trata-se do *laurus siluestris*, conhecido como loureiro dos bosques (*Daphne laureola*, ANDRÉ, 2010). No *Hino Homérico a Apolo*, vemos o loureiro como árvore ligada à manteia, no santuário em Delfos (versos 396-397).

Loureiro de Claros (*Clarii laurus*, v. 360): Referência ao templo de Apolo em Claros, cidade da Jônia, e ao loureiro, árvore consagrada ao deus, conforme o mito da metamorfose de Dafne. Vide **Loureiro e Claros**.

M

Mãe Antiga (*Antiquam...matrem*, v. 96): Referência à Itália. Apolo, pela voz de Ânio, diz a Eneias e aos Troianos que eles devem buscar a Mãe Antiga, onde deverão se estabelecer. Ali, estarão a casa de Eneias, que dominará toda a região, e os filhos de seus filhos e os que nascerão deles (*Antiquam exquirite matrem./ Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris/ et nati natorum et qui nascentur ab illis*, versos 96-98). Sobre a profecia do destino de Eneias como rei, escolhido pelos deuses, tanto quanto o destino de seus descendentes, vejam-se as previsões de Júpiter a Vênus, no Livro I da *Eneida* (versos 254-296) e as previsões de Posídon no Canto XX da *Ilíada* (versos 292-308).

Mãe Cultivadora (*mater cultrix*, v. 111): A grande deusa-mãe Cibele da Anatólia, Ásia Menor, atual Turquia. Cibele é a personificação da potência fertilizadora da natureza, com um grande templo na Frígia e culto extensivo à Lídia, cujos seguidores são os Coribantes. A deusa aparecia representada em cima de um carro, puxado por leões.

Mãe das Nereidas (*Nereidum matri*, v. 74): A mãe das Nereidas é Dóris, casada com Nereu, o velho do mar. As Nereidas são divindades do mar, sendo as duas mais famosas Anfitrite, casada com Netuno/Posídon e Thétis, casada com Peleu, com quem gera Aquiles.

Mais Alto Rei dos Celículas (*superoque...caelicolum regi*, v. 20-21): Júpiter. Em sua chegada à Trácia, primeiro ponto após a sua fuga de Troia, Eneias realiza oferendas a vários deuses. A Júpiter (*superoque...caelicolum regi*), especificamente, ele sacrifica um

touro luzidio de tão gordo (*nitentem...mactabam taurum*, versos 20-21). Vide **Júpiter**.

Manes (*manibus*, v. 63; *manis*, v. 303; *manis*, v. 565): Espírito dos mortos, na religião romana. No contexto da *Eneida*, Eneias, em sua estada no Épiro, erige altares aos Manes, decorados de fitas e de cipreste negro, para os funerais de Polidoro, tanto quanto Andrômaca evoca os Manes de Heitor. Em outra circunstância, em meio ao mar, fugindo de Caríbdis, as ondas elevam e soltam os barcos de Eneias, de modo tão violento que ele supõe chegar aos Manes inferiores (*ad manis imos*, verso 565).

Mavórcia (*Mauortia*, v. 13): Vide **Terra Mavórcia**.

Mégaros (*Megaros*, v. 689): De Mégara, cidade da costa oriental da Sicília.

Melibeu (*Meliboei*, v. 401): Relativo à Melibeia, cidade do litoral nordeste da Tessália, na Grécia continental. Vide **Filoctetes**.

Míconos (*Mycono*, v. 76): Ilha do Mar Egeu, uma das Cíclades, encontra-se mais ao centro do Egeu, pendendo para a Ásia Menor, na altura de Samos, na Jônia.

Minerva (*Mineruae*, v. 531): Deusa da sabedoria, da guerra e das artes, corresponde a Palas Atena no mundo grego. Em chegando à Itália, Eneias avista o templo de Minerva na cidadela que está à entrada do porto, no promontório Salentino, na Calábria. Vide **Palas**.

Mirta (*myrtus*, v. 23): Mirta ou murta é uma árvore pequena ou um arbusto da família das mirtáceas (*myrtus communis*), cujas folhas, ricas em óleo, são usadas como perfume. Há espécies cujos frutos são usados como especiarias e há outras espinhosas (possivelmente

o *ruscus aculeatus*), como a que Eneias encontra sobre o túmulo de Polidoro (*horrida myrtus*). O nome *myrtus*, *myrti* é atestado a partir de Virgílio, pois trata-se de um empréstimo do grego μύρτος, originando inicialmente *murta*, *murtae* e *murtus*, *murti* (ANDRÉ, 2010).

Miseno (*Misenus*, v. 239): Companheiro de Eneias, tocador de trombeta, que dá o sinal para a batalha contra as Harpias. Vide **Miseno**, nos Livros V e VI da *Eneida*.

Moradas da Raça Graia (*Graiugenum domos*, v. 550): Alusão ao sul da Itália, Bruttium, Lucânia e Calábria, regiões do Golfo de Tarento e adjacentes, ocupadas e civilizadas pelos Gregos. Eneias se refere ao local, também, como campos suspeitos (*suspecta...arua*, verso 550).

N

Narícia (*Narycii*, v. 399): Relativo à Náríco ou Narícia, cidade da Lócrida, reino de Ajax Menor, na Etólia, de onde partiram colonos que se estabeleceram na região de Bruttium, no sul da Itália, depois chamada de Magna Grécia. Ali, no litoral sudeste, fundaram uma cidade com o nome de Locri.

Naxos Bacata ou Bacante (*bacchatam...Naxum*, v. 125): Ilha de Naxos, no Mar Egeu, a maior das Cíclades, tida como a ilha de Baco, pois foi nessa ilha, antes conhecida como Dia, que o deus encontrou Ariadne, ali abandonada por Teseu. Nessa ilha desenvolveu-se um culto ao deus. Vide **Bacante ou Bacata**.

Neoptólemo (*Neoptolemi*, v. 333; *Neoptolemi*, v. 469): Vide **Pirro**.

Nereidas (*Nereidum*, v. 74): Ninfas do mar, filhas de Nereu e Dóris. Vide **Mãe das Nereidas**.

Néritos (*Neritos*, v. 271): Montanha escarpada no sudoeste de Ítaca. Virgílio a trata como a *Neritos ardua saxis* – *Néritos, árdua pelas rochas*.

Netúnia (*Neptunia*, v. 3): Referente a Netuno. Vide **Troia Netúnia**.

Netuno (*Neptuno*, v. 74; *Neptuno*, v. 119): Deus do mar, equivalente a Posídon. Anquises, invocando uma boa navegação para chegar a Creta, sacrifica um touro a Netuno e outras vítimas a outros deuses. Vide **Netuno Egeio**.

Netuno Egeio (*Neptuno Aegaeo*, v. 74): Netuno do Mar Egeu. Nome que o deus recebe quando alguma cidade ou ilha no Mar Egeu o cultua. É o caso da ilha de Delos.

Ninfas Agrestes (*Nymphas...agrestis*, v. 34): As Ninfas do campo.

Noite (*nox*, v. 512): Divindade noturna. Na *Teogonia* (versos 123-124), a Noite (Νύξ) é filha do Caos e irmã de Érebo, tendo como filhos Éter e Dia.

Notos (*Noti*, v. 268): Vento Sul, quente e carregado de umidade, relacionado ao Grego Νότος, representado na Torre dos Ventos, em Atenas, como um homem despejando água de uma urna. É o Notos que insufla as velas de Eneias na saída das Estrófades. Vide **Austros**. Vide **Notos** nos Livros I e II da *Eneida*.

O

Oléaros (*Olearum*, v. 126): Ilha do Mar Egeu, uma das Cíclades.

Onda Trinácia (*Trinacria...unda*, v. 384): Referência ao Mar Jônio que banha a costa oriental da Sicília, conhecida como Ilha Trinácia, por seus três grandes promontórios. Vide **Trinácia**.

Ondas Estígias (*Stygiis...undis*, v. 215): A história de Estiges, ninfa filha de Oceano e Téthys, encontra-se na *Teogonia* (versos 383-403; 775-806). Por ter sido a primeira divindade a se colocar ao lado de Zeus contra os Titãs e pôr os filhos – *Zelo, Vitória, Poder e Violência* – à disposição do deus, ele concedeu-lhe como dom supremo ser o grande juramento dos deuses. Virgílio se refere às ondas Estígias, para falar das terríveis Harpias: jamais a cólera divina produziu flagelo tão cruel fora das águas do Estiges.

Ondas Sículas (*Siculis...undis*, v. 696): Ondas da Sicília, mais especificamente do Golfo de Siracusa, sudeste da ilha.

Oráculo de Ortígia (*oraclum Ortygiae*, v. 143): Referência ao rei Ânio, sacerdote de Apolo e rei de Delos. Ortígia era o nome por que Delos era conhecida anteriormente. Vide **Ortígia 1**.

Orestes (*Orestes*, v. 331): Filho de Agamêmnon e Clitemnestra, Orestes, para vingar a morte do pai, morto por Clitemnestra e seu amante Egisto, mata a própria mãe. Perseguido pelas Fúrias, Orestes é levado a julgamento, no Areópago de Atenas, e absolvido (vide *Oresteia* de Ésquilo). No contexto da *Eneida*, Andrômaca narra a Eneias a morte de Neoptólemo: Orestes inflamado pelo ciúme, porque o filho de Aquiles tomou-lhe Hermíone, mata-o.

Órion (*Oriona*, v. 517): Referência à constelação de Órion, próxima à de Touro e presente no céu de verão, cedo da noite, vinda do leste.

Órion foi um caçador que, por tentar estuprar Ártemis/Diana, foi perseguido pela deusa e morto por um escorpião que ela enviou. Ambos são transformados por Zeus em constelações, que não se encontram no mesmo céu, pois a de Órion sempre aparece antes da de Escorpião. O mito do caçador se encontra em Higino (*Fábulas*, CXCIV; *Astronomia*, Livro II, 33) e em Ovídio (*Fastos*, Livro V, versos 493-544). Vide **Órion**, no Livro I da *Eneida*.

Ortígia 1 (*Ortygiae*, v. 124; *Ortygiae*, v. 143; *Ortygiam*, v. 154): Tradicionalmente, dá-se Ortígia como o antigo nome de Delos, significando *codorniz*, pois Leto, mãe de Apolo e Ártemis, era considerada a *mãe das codornizes* (ὄρτυγομήτρα). Ortígia também era o nome de uma das irmãs de Leto. A ilha de Ortígia ou Delos, flutuante até que o deus Apolo a fixa, por ter sido nela o local de seu nascimento, situa-se no Mar Egeu oriental, fazendo parte das Cíclades. No *Hino Homérico a Apolo* (versos 15-16), estabelece-se uma diferença entre Delos e Ortígia, com Ártemis tendo nascido nesta e Apolo naquela. Diz ainda o hino que, dentre todas as terras percorridas por Leto, perseguida por Hera, a única que concorda em receber a futura mãe de Apolo é Delos (vide *Hinos Homéricos – Hino a Apolo*, versos 30-88). Para Virgílio, Apolo fixou Delos em duas das Cíclades, Giaros, a noroeste, e Míconos, a leste (versos 75-77).

Ortígia 2 (*Ortygiam*, v. 694): Ilha flutuante, em frente ao promontório Plemúrio, na Sicília do sudeste. Ela recebe esse nome em homenagem à Ilha de Delos, antiga ortígia, onde nasceu Apolo, e que, na origem, era flutuante até o deus fixá-la. Vide **Ortígia 1**.

P

Pai (*pater*, v. 89): Pai é a maneira como Eneias, em sua chegada a Delos, se dirige a Apolo, pedindo ao deus augúrios indicando onde o seu povo deveria se fixar e pedindo também que o deus arqueiro penetrasse no ânimo dos Troianos (*Da, pater, augurium atque animis inlabere nostris*).

Pai Anquises (*pater Anchises*, v. 9; *pater Anchises*, v. 263; *pater...Anchises*, v. 610): Anquises não é apenas o pai de Eneias. Como o velho herói ainda estava vivo, no flash-back que Eneias faz a Dido, ele permanecia como o pai da nação troiana remanescente, ainda que Eneias tivesse sido escolhido pelos deuses para fundar uma nova Troia. Eneias, no entanto, só será investido na função de pai, de acordo com a concepção da religiosidade latina, depois da morte de Anquises. É por esse motivo que no Livro II, quando se inicia a narrativa de Eneias a Dido, no seu segundo verso, o herói é referido como *pater Aeneas*, e no Livro III, no momento em que se fecha a narrativa em flash-back, no seu verso 716, repete-se essa condição de Eneias como pai da pátria. Vide **Anquises**.

Pai Eneias (*pater Aeneas*, v. 716): Um dos principais epítetos de Eneias, que será o pai da pátria após a morte de seu pai, Anquises. É com esse epíteto que se inicia e se fecha o flash-back que o herói narra a Dido (Livros II e III), pois no tempo presente da narrativa, Anquises já morrera.

Pai Gradivo (*Gradium patrem*, v. 35): Referente ao deus Marte, que anda à frente da batalha. Ernout (2001) afirma que os Latinos derivaram o epíteto de *gradior* - *avançar, andar, marchar* -, mas diz ainda Ernout que se trata de uma aproximação inadmissível por

causa do *a* em *gradius*, formando uma sílaba longa, enquanto o *a* em *gradior*, forma uma sílaba breve.

Pai lásio (*lasius pater*, v. 168): Vide **lásio**.

Pai Maior (*maximus...pater*, v. 107): Referência a Teucro, primeiro ancestral dos Troianos. Vide **Teucro**.

Pai Onipotente (*pater omnipotens*, v. 251): Um dos epítetos de Júpiter. Vide **Jove** e **Júpiter**.

Pai Ótimo (*pater optime*, v. 710): Um dos epítetos de Anquises. Vide **Anquises**.

Palas (*Palladis*, v. 544): Palas Atena, Minerva para os Latinos, deusa da sabedoria, da guerra inteligente, nascida da cabeça de Zeus (*Teogonia*, versos 924-926). Na primeira parada na costa Italiana, tendo a visão do templo de Minerva, Eneias, com a cabeça coberta por um veu frígio, seguindo os conselhos de Heleno, invoca, diante dos altares, os poderes sagrados de Palas das armas sonoras (*numina sancta precamur/Palladis armisonae*, versos 543-544), a primeira deusa a acolher os seus triunfos. Vide **Minerva**.

Palas das Armas Sonoras (*Palladis armisonae*, v. 544): Vide **Palas**.

Palinuro (*Palinurus*, v. 202; *Palinurus*, v. 513; *Palinurus*, v. 562): Piloto de Eneias, que tem dificuldade de enfrentar a tempestade entre Creta e as Estrófades (*Ipse diem noctemque negat discernere caelo/Nec meminisse uiae media Palinurus in unda* – versos 201-202). Palinuro, como piloto, perscruta os céus e vê que é hora de partir da Caônia, no Épiro, em direção à Itália. Vide **Palinuro**, no Livro V da *Eneida*.

Pantágia (*Pantagiae*, v. 689): Riacho perto de Siracusa, na Sicília, também conhecido como Pantácias.

Paquino (*Pachyni*, v. 429; *Pachyni*, v. 699): Um dos três promontórios da Sicília, que lhe dão o nome de Trinácia. O Paquino se situa a sudeste da Sicília, hoje Cabo de Passero. Vide **Trinácia**.

Paquino Trinácio (*Trinacrii...Pachyni*, v. 429): Vide **Paquino**.

Parcas (*Parcae*, v. 379): As Parcas, divindades que encarnam o destino dos homens, são equivalentes às Moiras gregas. São três irmãs, Cloto, Láquesis e Átropos, responsáveis por fiar, distribuir e cortar o fio da vida dos mortais, respectivamente.

Paros (*Parum*, v. 126): Ilha do Mar Egeu, uma das Cíclades, famosa por seu mármore, de tal modo que Virgílio a chama a nívea Paros (*niueam Parum*).

Peloro (*Pelori*, v. 411; *Pelori*, v. 687): Cidade da Sicília, próxima ao Estreito de Messina, onde existe o promontório de Peloro, um dos três promontórios que dão à Sicília o nome de Trinácia. Vide **Trinácia**.

Penates (*penatibus*, v. 12; *penates*, v. 15; *penates*, v. 148; *penatis*, v. 603): Deuses do lar e da cidade, conduzidos por Eneias na fuga de Troia. Eneias tem que levá-los consigo, pois ele deve fundar uma nova Troia, com a anuência dos deuses olímpicos, e não uma cidade qualquer.

Penates da Frígia (*Phrygii penates*, v. 148): Referência aos deuses Penates levados por Eneias da Troia em chamas (*effigies sacrae diuom Phrygiique penates,/quos mecum ab Troia mediisque ex ignibus urbis/extuleram, – as efigies sagradas dos deuses e os Penates frígios,/ que comigo transportara de Troia, retirados em*

meio às chamas da cidade, versos 148-150). Eles aparecem em sonho a Eneias, juntamente com as efigies sagradas dos deuses, para mostrar o caminho que o herói deve seguir, retomando o seu destino – o Lácio – e o futuro glorioso que espera Eneias e os seus descendentes.

Penates Ilíacos (*Iliacos...penatis*, v. 603): Penates Troianos, de Ílion. Vide **Penates**.

Pequena Troia (*paruam Troiam*, v. 349): A cidade construída por Heleno no Épiro como uma imitação da verdadeira Troia. Vide **Heleno**.

Pérgamas (*Pergameis*, v. 476; *Pergameae*, v. 110): Relativas a Pérgamo, cidadela de Troia. Heleno dirigindo-se respeitosamente a Anquises, diz que ele foi duas vezes retirado das ruínas Pérgamas pelo cuidado dos deuses (*cura deum, bis Pergameis erepte ruinis*, verso 476). A primeira, quando da destruição da cidade por Hércules, porque esse herói não recebeu o pagamento devido por Laomedonte, então rei de Troia; a segunda, quando a cidade é destruída pelos Argivos.

Pérgameia (*Pergameam*, v. 133): Nome da cidade construída por Eneias em Creta, tão logo os Troianos chegam àquela paragem. O nome evoca Pérgama, a fortaleza de Troia, e, por extensão, a própria cidade, alegrando a gente de Eneias. Esta é a segunda cidade construída pelo herói, após sua saída de Troia, o que o torna um mito fundador.

Pérgamo (*Pergama*, v. 87; *Pergama*, v. 336; *Pergama*, v. 350): Inicialmente, era a fortaleza de Troia; depois passou a designar a própria Troia. Heleno chama Pérgamo à cidadela que constrói no alto, em Butroto, no Épiro.

Petélia (*Petelia*, v. 402): Pequena cidade da região de Bruttium, no sul da Itália, fundada e circundada de muros por Filoctetes. Petélia se situa no sudoeste de Bruttium, na entrada do Golfo de Tarento, acima de Crotona.

Piedoso Portador do Arco (*pious arquitebens*, v. 75): Um dos epítetos para Apolo, que também pode ser usado para Ártemis. Na passagem destacada, no entanto, o epíteto refere-se ao deus.

Pilritos (*cornu*, v. 649): Fruto do pilriteiro (*cornus mas*), também conhecido como cerejeira brava, cujos frutos duros são a comida de Aquemênides, na ilha dos Ciclopes.

Pirro (*Pyrrhi*, v. 296; *Pyrrhin*, v. 319): Filho de Aquiles. Ao fim da guerra de Troia, tomou Andrômaca, viúva de Heitor, como serva, com quem teve um filho, e a levou para o Épiro, onde reinava. Jovem e soberbo, Pirro casou-se com Hermíone, filha de Menelau e Helena, e deu Andrômaca a Heleno, também seu servo. Pirro é morto por Orestes enciumado com a perda de Hermíone. Além de ser chamado com o mesmo epíteto do pai, Eacida, Pirro recebe o nome de Neoptólemo, o jovem guerreiro. Vide **Pirro** e **Neoptólemo**, no Livro II da *Eneida*.

Plemúrio (*Plemurium*, v. 693): Promontório do Plemúrio ou Plemírio, próximo ao Golfo de Siracusa, hoje Ponta do Gigante. Eneias o chama de *Plemurium undosum*, o Plemúrio undoso.

Polidoro (*Polydorus*, v. 45; *Polydorum*, v. 49; *Polydorum*, v. 55; *Polydoro*, v. 62): Filho de Príamo. Quando Eneias chega à Trácia, testemunha um prodígio horrendo. Procurando cobrir os altares com ramos frondosos, o herói vê estarecido que, de cada arbusto retirado do solo, correm gotas de sangue negro que maculam a terra. Em seguida, ele ouve um lamento choroso, vindo dos

arbustos, que se identifica como Polidoro e que o aconselha a fugir daquelas terras malditas. Polidoro havia sido confiado pelo pai, Príamo, junto com uma grande quantia de ouro, ao rei da Trácia, antigo aliado de Troia, na tentativa de preservar o filho de uma eventual vitória dos Gregos. Quando o destino começou a se inclinar a favor de Agamêmnon, o rei Trácio tornou-se aliado do Atrida, matou Polidoro e se apossou do tesouro, enterrando o rapaz no local onde Eneias o encontrou. Reportando o fato a Anquises e a outros líderes troianos, todos respondem a Eneias que devem partir dali, pois a Trácia tornara-se terra criminosa, onde a hospitalidade foi conspurcada. Antes de partir, Eneias cuida dos funerais de Polidoro, erguendo-lhe um túmulo no alto, erigindo altares para os Manes e realizando os devidos ritos, com a ajuda das mulheres troianas. Virgílio segue a essência da peça trágica *Hécuba*, de Eurípides, na qual o matador de Polidoro é o rei trácio Polimestor (vide o prólogo dessa peça, versos 1-97 e versos 681 e ss). Já na tradição homérica, Polidoro é morto por Aquiles, diante do olhar de Heitor (vide *Ilíada*, Canto XX, versos 407-420).

Polifemo (*Polyphemus*, v. 641; *Polyphemum*, v. 657): Ciclope, filho de Posídon, que devora seis companheiros de Odisseu/Ulisses, tendo seu único olho vazado pela astúcia do herói de Ítaca (vide *Odisséia*, Canto IX). Eneias aporta à ilha dos Ciclopes e chega a ver Polifemo, horrendo, sem forma e desmesurado (*monstrum horrendum, informe, ingens*, verso 658), tocando o rebanho de suas ovelhas (*pastorem Polyphemum*, verso 657) e entrando no mar para lavar a ferida do olho cegado por Ulisses. Como Eneias procura sair depressa do seu alcance, o ciclope ouve o barulho dos remos e dá um grito imenso (*clamorem immensum tollit*, verso 672) que abala o mar e as ondas, faz mugir o Etna nas dobras de suas cavernas e atrai os demais Ciclopes à praia, numa reunião horrenda de se ver (*concilium horrendum*, verso 679). Vide **Ciclopes**.

Portas Escaias (*Scaeae...portae*, v. 351): Portas Escaias ou Portas Ceias são as portas ocidentais de Troia, consideradas as principais.

Porto Ausônio (*Ausonio...portu*, v. 378): Porto da Ausônia, antigo nome da Península Itálica. Vide **Ausônia**.

Povos da Itália (*Italiae populos*, v. 458): Povos com os quais Eneias deverá se defrontar, ao chegar à Península Itálica.

Priameia (*Priameia*, v. 321): De Príamo, descendente de Príamo, rei de Troia. Mais especificamente, uma referência a Polixena. Vide **Virgem Priameia**.

Priamida (*Priamiden*, v. 295; *Priamides*, v. 346): Descendente de Príamo. Vide **Priamida Heleno**.

Priamida Heleno (*Priamiden Helenum*, v. 295; *Priamides...Helenus*, v. 346): O filho de Príamo, Heleno, sacerdote de Apolo, único a se salvar da destruição de Troia pelos Argivos. Vide **Heleno**.

Príamo (*Priami*, v. 1; *Priamus*, v. 50): Rei de Troia, morto por Pirro Neoptólemo, quando da invasão da cidade pelos Gregos. Vide **Príamo**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Profeta (*uatem*, v. 358; *uates*, v. 463; *uates*, v. 712): Referência a Heleno, sacerdote de Apolo. Vide **Heleno**.

Profeta Heleno (*uates Helenus*, v. 712): Vide **Heleno**.

Profetisa (*uatem*, v. 443; *uatem*, v. 456): Referência à Sibila de Cumas, sacerdotisa de Apolo. Em seu antro, tomada pelo delírio (*insanam uatem*, v. 443), ela profetiza os destinos e escreve nas folhas nomes e notas. Vide **Sibila**.

R

Raça dos Ciclopes (*genus...Cyclopum*, v. 675): Referência aos Ciclopes que habitam a região do Etna, na Sicília. Vide **Ciclopes**.

Raça Graia (*Graiugenum*, v. 550): Vide **Morada da Raça Graia**.

Rei dos deuses (*deum rex*, v. 375): Um dos epítetos de Júpiter. Vide **Jove** e **Júpiter**.

Rei Trácio (*Threicio regi*, v. 51): Referência ao rei da Trácia, não denominado, a cujos cuidados Polidoro foi entregue pelo seu pai, Príamo. Vide **Polidoro**.

Reinos Cnóssios (*Gnosia regna*, v. 115): Reino de Creta, conhecida pelo famoso palácio de Cnossos, no Norte da ilha. É para Creta que Anquises julga que os oráculos de Apolo estão enviando os Troianos, que se encontram em Delos.

Reinos Ítalos (*Itala regna*, v. 185): A Península Itálica, para onde os Teucros devem ir sob o comando de Eneias.

Reinos Laércios (*Laertia regna*, v. 272): Referência à ilha de Ítaca, reino de Ulisses, cujo pai, o rei anterior, chamava-se Laertes.

Reteios (*Rhoeteas*, v. 108): Originário de Reteu, promontório na Tróade. Vide **Litorais Reteios**.

S

Sal Ausônio (*salis Ausonii*, v. 385): Alusão à costa ocidental da Itália, banhada pelo Mar Tirreno, para onde Eneias se dirige. Trata-se de uma metonímia, que toma sal por mar, como se encontra na língua grega (ἄλς).

Salentinos (*Sallentinos*, v. 400): Povos da Calábria, região do sul da Itália. O promontório Salentino fica, exatamente, no calcanhar da bota italiana.

Same (*Same*, v. 271): Cidade da ilha Cefalônia, acima de Zacintos, ao lado de Ítaca, no Mar Jônio.

Satúrnia (*Saturnia*, v. 380): Descendente de Saturno, o deus equivalente a Cronos, na mitologia grega. No caso específico, trata-se de uma referência a Juno. Vide **Juno**.

Satúrnia Juno (*Saturnia Iuno*, v. 380): Vide **Juno**.

Selinunte (*Selinus*, v. 705): Cidade da costa sudoeste da Sicília, acima de Agrigento e Heracleia, saudada pelas suas palmeiras abundantes (*palmosa Selinus*).

Sibila (*Sibyllae*, v. 452): A Sibila de Cumas, sacerdotisa de Apolo, que Virgílio chama de profetisa delirante ou inspirada pelo delírio (*insanam uatem*, verso 443). Em seu antro, ela profetiza os destinos e escreve nas folhas nomes e notas. Ela dispunha os versos proféticos em ordem que permaneciam imóveis e jamais alterados. No entanto, se a porta do antro girava e um vento dispersava as folhas, ela deixava-as voar pela caverna e não se inquietava em retomá-las ou reorganizá-las. Os consulentes iam-se sem resposta e

maldiziam o antro da Sibila (*Inconsulti abeunt sedemque odere Sibyllae*, verso 452). Eneias deve, por conselho de Heleno, consultar os oráculos da Sibila. Tendo-os ouvido, Eneias saberá quais são os povos da Itália, as guerras que ele enfrentará e como evitar ou suportar as provações. Tais fatos se realizarão no Livro VI, quando Eneias chega a Cumas e, com o auxílio da Sibila, desce aos Infernos. Venerada por Eneias, ela lhe dará um roteiro feliz (*cursusque dabit uenerata secundos*, verso 460).

Sicânio (*Sicanio*, v. 692): Referente à Sicília. No trecho específico da *Eneida*, diz respeito ao Golfo de Siracusa, na parte oriental da Sicília. Os Sicânios eram povos autóctones do centro da Sicília (DRIDI, 2006, p. 90). Vide **Sicânia**, no Livro I da *Eneida*.

Sículo, Sículas (*Siculo*, v. 410; *Siculo*, v. 418; *Siculis*, v. 696): Referente à Sícula ou Sicília. Eram povos autóctones do leste da Sicília (DRIDI, 2006, p. 90). Vide **Sícula**, no Livro I da *Eneida*.

Símois (*Simoentis*, v. 302): Originalmente, um dos rios que banham a planície de Troia. Virgílio encontra Andrômaca fazendo rituais fúnebres a Heitor, próxima às águas de um falso Símois (*falsi Simoentis ad undam*). Vide **Símois**, no Livro I da *Eneida*.

Simulada Pérgama (*simulata...Pergama*, v. 349-350): Referência a uma simulação da Pérgamo Troiana, construída por Heleno no Épiro.

Sírios (*Sirius*, v. 141): Estrela alfa da constelação do Cão Maior. Aparece logo cedo no verão, no oriente. Associada à morte e à ruína, por causa do grande calor de verão – a canícula –, no Mediterrâneo grego. A peste que grassa em Creta, após um ano de trabalho de Eneias, está associada ao surgimento de Sírios (*tum sterilis exurere Sirius agros,/arebant herbae et uictum seges aegra*

negabat – Era o momento de Sírios queimar os campos estéreis,/as ervas secavam e o cereal doente negava o alimento).

T

Tapsos (*Thapsum*, v. 689): Península da Sicília, perto de Siracusa.

Tarento (*Tarenti*, v. 551): Cidade ocidental da Calábria, sul da Itália, em pleno golfo do mesmo nome. Antiga colônia espartana, fundada, no final do século VIII a. C., por Falanto, descendente de Hércules. Segundo Sérvio (*COMMENTARII IN VIRGILIUM SERVIANI*, 1826), a primeira cidadela de Tarento foi fundada por Taras, filho de Netuno. Vide **Golfo da Tarento de Hércules**.

Tempestade (*Hiemi*, v. 120): Trata-se da personificação da Tempestade ou do Mau Tempo ou do Inverno, um das divindades a quem Anquises sacrifica uma ovelha negra (*nigram...pecudem*), invocando uma boa navegação para chegar a Creta.

Terra da Itália (*tellus Italiae*, v. 673-674): A Itália. Os versos fazem uma referência ao grito de Polifemo por não poder pegar os barcos de Eneias. O seu grito imenso sacode as ondas do mar, ouve-se por toda a Itália e repercute pelos antros do Etna (*clamorem immensum tollit, quo pontus et omnes/contremuere undae, penitusque exterrita tellus/Italiae curuisque immugiit Aetna cauernis*, versos 672-674).

Terra de Ausônia (*Ausoniae tellus*, v. 477): Referência à Itália. Vide **Ausônia**.

Terra Mavórcia (*Terra...Mauortia*, v. 13): Terra de Marte, uma designação para a Trácia.

Terras Ausônias (*terras...Ausonias*, v. 170-171): Referência à Itália. Vide **Ausônia**.

Terras de Ítalo (*terras Itali*, v. 396): A Itália. Vide **Ítalo**.

Teucro (*Teucus*, v. 108): Teucro, segundo a tradição adotada por Virgílio, foi o primeiro dos ancestrais dos Troianos. Era filho do rio Escamandros, que gerou Batieia, cujos descendentes do casamento com Dárdanos resultarão em Príamo e seus filhos. No Livro III da *Eneida* (versos 103-110), veremos Anquises se referindo a Teucro, o Pai Maior, como o primeiro a chegar às planícies de Troia, saído de Creta, para a Ásia Menor, quando nem Ílion nem as cidadelas de Pérgamo existiam, para habitar o fundo dos vales, fundando a primeira civilização que daria origem à Tróade.

Teucros (*Teucrum*, v. 53; *Teucros*, v. 186; *Teucrí*, v. 352; *Teucrí*, v. 601): Denominação dada aos Troianos, cujo patronímico vem de Teucro, seu ancestral. Vide **Teucro**.

Tibre (*Thybrim*, v. 500; *Thybridis*, v. 500): Rio do Lácio, ao longo de cujas margens erguer-se-á a poderosa cidade de Roma.

Timbreu (*Thymbraee*, v. 85): Um dos epítetos de Apolo. Timbra é uma cidade na Tróade, próxima a Ílion, sobre o rio Tímbrios, onde existia um templo de Apolo.

Trácio, Trácios (*Thraces*, v. 14; *Threicio*, v. 51): Habitantes da Trácia, região a noroeste de Troia, primeira parada de Eneias, na sua errância, em busca do Lácio.

Trinácia (*Trinacria*, v. 384; *Trinacria*, v. 440; *Trinacriam*, v. 582): Sicília, ilha dos três cumes, assim chamada por causa dos seus três promontórios – Peloro, Lilibeu e Paquino. Quando Encélado se movimenta, toda a Trinácia treme e o céu se cobre de fumaça.

Trinácio (*Trinacrii*, v. 429; *Trinacria*, v. 554): Relativo à Trinácia, outro nome da Sicília. Vide **Trinácia**.

Triões (*Triones*, v. 516): As duas Ursas, a Maior e a Menor. Júpiter/Zeus apaixonou-se pela bela ninfa Calisto, a mais cara a Ártemis/Diana, dentre todas do seu séquito (Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II, versos 409-531; *Fastos*, Livro II, versos 153-192) e, tomando a forma de Ártemis, amou-a e com ela teve um filho, Arcas (futuro herói epônimo da Arcádia). Ártemis quando descobre a sua gravidez, a expulsa de seu séquito. Hera/Juno, enciumada, transformou Calisto em uma Ursa (a Ursa Maior, Arctos, ἄρκτος, urso, em grego). Ao encontrar-se, quinze anos depois com o filho, Calisto quase é morta por ele. Zeus evita o matricídio, ao transformar Arcas em constelação. Indignada, Hera desce ao mar e pede a Oceano e Téthys que impeçam a Ursa de se banhar em suas águas puras. O seu filho Arcas é transformado em constelação e vira Arcturo (Arcturos ou Arctophylax, guardião da Ursa, em grego), acompanhando de perto a mãe, para não deixá-la se banhar nas águas de Téthys. A palavra *Trião*, *Triões* está associada a *tres hiems*, três invernos, e a *trimus*, de modo a designar o boi de três anos, já destinado ao trabalho no campo. Como as duas constelações da Ursa têm uma parte mais visível que se assemelha a uma carroça, então elas eram chamadas pelos Latinos de *triones*, supondo, assim, os bois que puxam as carroças. As Ursas também são chamadas de *Setentrião* (*septemtrio*, *septemtrionis*), pelo fato de que a parte mais conhecida de cada constelação é formada por sete estrelas. Quando olhamos para a Ursa Maior, para nós do hemisfério sul, visível, vemos as sete estrelas formando uma caçarola com a boca para baixo (ou uma carroça) e com o cabo voltado para a direita. A Ursa Menor, que só pode ser vista no hemisfério norte, pois ela é uma estrela circumpolar, tem o desenho, porém contrário ao da Ursa Maior. Segundo Higino (*Astronomia*, Livro II, 2,1), a Ursa Menor chamava-se *Cynosure*, vivia com os Curetes – os servidores de Júpiter em Creta, quando o deus ainda era criança –, e foi uma

das suas nutrizas. Outra ninfa, *Helice*, teria sido também nutriz de Júpiter. Ambas, como recompensa, foram colocadas no céu pelo deus como constelação, sendo chamadas de *Sete Bois* (*Septentriones*). Aulo Gélio nos dá uma expliação para o termo *Septentriones* (Livro II, 21): *Triones* é um termo rústico designando bois, no sentido de *terriones*, capazes de trabalhar a terra, o que se coaduna com a figura da constelação, parecendo uma carroça (ἄμαξα) a ser puxada por bois jungidos. É a mesma designação que aparece na *Ilíada*, quando da descrição do escudo de Aquiles, na representação do universo: a Ursa (ἄρκτος) é chamada por um segundo nome, Carroça (Canto XVIII, versos 487-489). Vide **Arcturo**. Vide **Triões** no Livro I da *Eneida*.

Troia (*Troia*, v. 3; *Troia*, v. 11; *Troiae*, v. 15; *Troia*, v. 42; *Troiae*, v. 86; *Troiae*, v. 322; *Troia*, v. 340; *Troiam*, v. 349; *Troiam*, v. 462; *Troiam*, v. 497; *Troiam*, v. 505; *Troiam*, v. 595; *Troiam*, v. 614): Reino de Príamo, fundado por Tros, situado à margem do Helesponto, Estreito de Dardanelos, na Ásia Menor, dando passagem para o Mar de Mármara. Vide **Troia**, nos Livros I e II da *Eneida*.

Troia Netúnia (*Neptunia Troia*, v. 3): Segundo a tradição homérica, as muralhas de Troia foram edificadas por Posídon/Netuno com a ajuda de Apolo (vide *Ilíada*, Canto VII, versos 451-453, e Canto XXI, versos 441-449). Por isso mesmo, o deus do mar com o grande tridente sacode os muros e as fundações de Troia, e toda a cidade destrói de alto abaixo, desde os alicerces (vide Livro II da *Eneida*, versos 610-612). Vide **Netuno**, no Livro II da *Eneida*.

Troiano (*Troiano*, v. 335): Troiano, de Troia.

Troias (*Troia*, v. 306; *Troia*, v. 596): Troianas. Em ambas as ocorrências, a expressão se encontra no neutro plural, *arma Troia* – *armas troias ou troianas*.

Troiógena (*Troiugena*, v. 359): Filho de Troia, Troiano, epíteto por que Eneias chama Heleno, filho de Príamo e sacerdote de Apolo. Vide **Heleno**.

U

Ulisses (*Vlix*, v. 273; *Vlix*, v. 613; *Vlixes*, v. 628; *Vlix*, v. 691): Rei de Ítaca, filho de Laertes, o mais astucioso dos guerreiros gregos presentes na guerra de Troia. Eneias e os seus execram Ítaca, a terra nutriz do cruel Ulisses – *et terram altricem saevi exsecramur Vlix* (verso 273). Aquemênides, grego encontrado por Eneias na ilha dos Ciclopes, diz-se companheiros do infeliz Ulisses (*comes infelicis Vlix*, verso 613). Vide **Ulisses** no Livro II da *Eneida*.

Ulisses Ítaco (*Vlixes...Ithacus*, v. 628-629): Ulisses, nascido em Ítaca. Vide **Ulisses**.

V

Vagas Jônias (*Ionios fluctus*, v. 671): Alusão às águas do Mar Jônio, especificamente à parte que banha a costa oriental da Sicília, na altura do monte Etna, habitação dos Ciclopes.

Vaus Lilibeios (*uada...Lilybeia*, v. 706): Vaus do mar da cidade de Lilibeia, no extremo ocidental da Sicília, abaixo de Drépano, com rochedos submersos, de difícil navegação.

Vênus (*Veneris*, v. 475): Deusa do amor, mãe de Eneias. Segundo Heleno, Anquises foi julgado digno da união com Vênus pelos deuses (*Coniugio, Anchisa, Veneris dignitate superbo*, verso 475). Vide **Vênus** nos Livros I e II da *Eneida*.

Virgem (*uirgo*, v. 445): Referência à Sibila de Cumas. Vide **Sibila**.

Virgem Priameia (*Priameia uirgo*, v. 321): Alusão a Polixena. Andrômaca, ao encontrar-se com Eneias, refere-se à felicidade de Polixena, filha virgem de Príamo, condenada a morrer sobre o túmulo de Aquiles, como exigência da alma do herói aos Argivos vencedores em Troia. Tal fato foi dramatizado por Eurípides em *Hécuba*, tragédia encenada por volta de 424 a. C. Altivamente, Polixena prefere o sacrifício à escravidão.

X

Xantos (*Xanthis*, v. 350; *Xanthis*, v. 497): Um dos rios a banhar a planície de Troia, também conhecido como Escamandros. Na construção de sua cidade no Épiro, Heleno constrói uma réplica de Pérgamo, inclusive com uma pequena Troia, às margens de um arroio, cujo nome é o mesmo do rio Troiano – Xantos. Vide **Xantos**, no Livro I da *Eneida*.

Z

Zacintos (*Zacynthos*, v. 270): Grande ilha, coberta de bosques, a noroeste do Peloponeso, no Mar Jônio, em frente à Élide. Virgílio a trata como a *nemorosa Zacynthos*.

Zéfiros (*Zephyris*, v. 120): Vento do Oeste, brando e tépido, relacionado ao grego Ζέφυρος. Na Torre dos Ventos, em Atenas, é Zéfiro que traz as flores primaveris. Para Hesíodo, Zéfiro, juntamente com Bóreas e Notos, é um dos filhos de ânimo poderoso ou violento (Ἴστροαίω δ' Ἡὼς ἀνέμους τέκε καρτεροθύμους, verso 378), gerados por Aurora e Astreu (*Teogonia*, versos 378-382). Para Ovídio, nas *Metamorfoses*, Zéfiro é vento vizinho do poente, de Vésper e dos litorais tépidos (Livro I, versos 63-64). Nessa passagem da *Eneida* (verso 120), os Zéfiros são os ventos favoráveis (*Zephyris felicibus*) à navegação, a quem Anquises sacrifica uma ovelha branca (*pecudem...albam*), invocando uma boa navegação até chegar em Creta. Vide **Zéfiro** nos Livros I e II da *Eneida*.

***Eneida* - Texto em Latim**

Aeneis - Liber III

Postquam res Asiae Priamique euertere gentem
 immeritam uisum superis, ceciditque superbum
 Ilium et omnis humo fumat Neptunia Troia,
 diuersa exsilia et desertas quaerere terras
 auguriis agimur diuom, classemque sub ipsa 5
 Antandro et Phrygiae molimur montibus Idae,
 incerti quo fata ferant, ubi sistere detur,
 contrahimusque uiros. Vix prima inceperat aestas
 et pater Anchises dare fatis uela iubebat,
 litora cum patriae lacrimans portusque relinquo 10
 et campos ubi Troia fuit. Feror exsul in altum
 cum sociis natoque penatibus et magnis dis.
 Terra procul uastis colitur Mauortia campis
 (Thraces arant) acri quondam regnata Lycurgo,
 hospitium antiquom Troiae sociique penates 15
 dum fortuna fuit. Feror huc et litore curuo
 moenia prima loco fatis ingressus iniquis
 Aeneadasque meo nomen de nomine fingo.
 Sacra Dionaeae matri diuisque ferebam
 auspicibus coeptorum operum, superoque nitentem 20
 caelicolum regi mactabam in litore taurum.
 Forte fuit iuxta tumulus, quo cornea summo
 uirgulta et densis hastilibus horrida myrtus.
 Accessi uiridemque ab humo conuellere siluam
 conatus, ramis tegerem ut frondentibus aras, 25
 horrendum et dictu uideo mirabile monstrum.
 Nam quae prima solo raptis radicibus arbos

uellitur, huic atro liquontur sanguine guttae
 et terram tabo maculant. Mihi frigidus horror
 membra quatit gelidusque coit formidine sanguis. 30
 Rursus et alterius lentum conuellere uimen
 insequor et causas penitus temptare latentis:
 ater et alterius sequitur de cortice sanguis.
 Multa mouens animo Nymphas uenerabar agrestis
 Gradiumque patrem, Geticis qui praesidet aruis, 35
 rite secundarent uisus omenque leuarent.
 Tertia sed postquam maiore hastilia nisu
 adgredior genibusque aduersae obluctor harenae,
 (eloquar an sileam ?) gemitus lacrimabilis imo
 auditur tumulo et uox reddita fertur ad auris: 40
 « Quid miserum, Aenea, laceras ? iam parce sepulto,
 parce pias scelerare manus. Non me tibi Troia
 externum tulit aut cruor hic de stipite manat.
 Heu fuge crudelis terras, fuge litus auarum:
 nam Polydorus ego. Hic confixum ferrea textit 45
 telorum seges et iaculis increuit acutis. »
 Tum uero ancipiti mentem formidine pressus
 obstipui steteruntque comae et uox faucibus haesit.
 Hunc Polydorum auri quondam cum pondere magno
 infelix Priamus furtim mandarat alendum 50
 Threicio regi, cum iam diffideret armis
 Dardaniae cingique urbem obsidione uideret.
 Ille, ut opes fractae Teucrum et Fortuna recessit,
 res Agamemnonias uictriciaque arma secutus
 fas omne abrumpit : Polydorum obtruncat, et auro 55
 ui potitur. Quid non mortalia pectora cogis,
 auri sacra fames ? Postquam pauor ossa reliquit,
 delectos populi ad proceres primumque parentem
 monstra deum refero et quae sit sententia posco.

Omnibus idem animus, scelerata excedere terra, 60
 linqui pollutum hospitium et dare classibus Austros.
 Ergo instauramus Polydoro funus et ingens
 aggeritur tumulo tellus ; stant manibus arae,
 caeruleis maestae uittis atraque cupresso,
 et circum Iliades crinem de more solutae; 65
 inferimus tepido spumantia cymbia lacte
 sanguinis et sacri pateras, animamque sepulcro
 condimus et magna supremum uoce ciemus.
 Inde ubi prima fides pelago placataque uenti
 dant maria et lenis crepitans uocat Auster in altum, 70
 deducunt socii nauis et litora complent;
 prouehimur portu terraeque urbesque recedunt.
 Sacra mari colitur medio gratissima tellus
 Nereidum matri et Neptuno Aegaeo,
 quam pius arquitenens oras et litora circum 75
 errantem Mycono e celsa Gyaroque reuinxit,
 immotamque coli dedit et contemnere uentos.
 Huc feror, haec fessos tuto placidissima portu
 accipit ; egressi ueneramur Apollinis urbem.
 Rex Anius, rex idem hominum Phoebique sacerdos, 80
 uittis et sacra redimitus tempora lauro
 occurrit ; ueterem Anchisen agnouit amicum.
 Iungimus hospitio dextras et tecta subimus.
 Templi dei saxo uenerabar structa uetusto :
 « Da propriam, Thymbraee, domum ; da moenia fessis 85
 et genus et mansuram urbem ; serua altera Troiae
 Pergama, reliquias Danaum atque immitis Achilli.
 Quem sequimur ? quoue ire iubes ? ubi ponere sedes ?
 Da, pater, augurium atque animis inlabere nostris. »
 Vix ea fatus eram : tremere omnia uisa repente, 90
 liminaque laurusque dei, totusque moueri

mons circum et mugire adytis cortina reclusis.
Summissi petimus terram et uox fertur ad auris :
« Dardanidae duri, quae uos a stirpe parentum
prima tulit tellus, eadem uos ubere laeto 95
accipiet reduces. Antiquam exquirite matrem.
Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris
et nati natorum et qui nascentur ab illis. »
Haec Phoebus ; mixtoque ingens exorta tumultu
laetitia, et cuncti quae sint ea moenia quaerunt, 100
quo Phoebus uocet errantis iubeatque reuerti.
Tum genitor ueterum uoluens monimenta uirorum
« Audite, o proceres, » ait « et spes discite uestras.
Creta louis magni medio iacet insula ponto,
mons Idaeus ubi et gentis cunabula nostrae. 105
Centum urbes habitant magnas, uberrima regna,
maximus unde pater, si rite audita recordor,
Teucus Rhoeteas primum est aduectus in oras,
optauitque locum regno. Nondum Ilium et arces
Pergameae steterant ; habitabant uallibus imis. 110
Hinc mater cultrix Cybeli Corybantiaque aera
Idaeumque nemus, hinc fida silentia sacris,
et iuncti currum dominae subiere leones.
Ergo agite et diuom ducunt qua iussa sequamur:
placemus uentos et Gnosia regna petamus. 115
Nec longo distant cursu ; modo Iuppiter adsit,
tertia lux classem Cretaeis sistet in oris. »
Sic fatus meritis aris mactauit honores,
taurum Neptuno, taurum tibi, pulcher Apollo,
nigram Hiemi pecudem, Zephyris felicibus albam. 120
Fama uolat pulsum regnis cecidisse paternis
Idomeneia ducem, desertaque litora Cretae,
hoste uacare domum sedesque astare relictas.

Linqumus Ortygiae portus pelagoque uolamus
 bacchatamque iugis Naxun uiridemque Donusam, 125
 Olearom niueamque Parom sparsasque per aequor
 Cycladas et crebris legimus freta concita terris.
 Nauticus exoritur uario certamine clamor :
 hortantur socii Cretam proauosque petamus.
 Prosequitur surgens a puppi uentus euntis, 130
 et tandem antiquis Curetum adlabimur oris.
 Ergo audius muros optatae molior urbis
 Pergameamque uoco, et laetam cognomine gentem
 hortor amare focos arcemque attollere tectis.
 lamque fere sicco subductae litore puppes, 135
 conubiis aruisque nouis operata iuuentus,
 iura domosque dabam, subito cum tabida membris
 corrupto caeli tractu miserandaque uenit
 arboribusque satisque lues et letifer annus.
 Linquebant dulcis animas aut aegra trahebant 140
 corpora ; tum sterilis exurere Sirius agros,
 arebant herbae et uictum seges aegra negabat.
 Rursus ad oraclum Ortygiae Phoebumque remenso
 hortatur pater ire mari ueniamque precari,
 quam fessis finem rebus ferat, unde laborum 145
 temptare auxilium iubeat, quo uertere cursus.
 Nox erat et terris animalia somnus habebat ;
 effigies sacrae diuom Phrygiique penates,
 quos mecum a Troia mediisque ex ignibus urbis
 extuleram, uisi ante oculos astare iacentis 150
 in somnis multo manifesti lumine, qua se
 plena per insertas fundebat luna fenestras ;
 tum sic adfari et curas his demere dictis:
 « Quod tibi delato Ortygiam dicturus Apollo est,
 hic canit et tua nos en ultro ad limina mittit. 155

Nos te Dardania incensa tuaque arma secuti,
 nos tumidum sub te permensi classibus aequor,
 idem uenturos tollemus in astra nepotes
 imperiumque urbi dabimus. Tu moenia magnis
 magna para longumque fugae ne linque laborem. 160
 Mutandae sedes. Non haec tibi litora suasit
 Delius aut Cretae iussit considerare Apollo.
 Est locus, Hesperiam Grai cognomine dicunt,
 terra antiqua, potens armis atque ubere glabrae;
 Oenotri coluere uiri ; nunc fama minores 165
 Italiam dixisse ducis de nomine gentem:
 hae nobis propriae sedes, hinc Dardanus ortus
 lasiusque pater, genus a quo principe nostrum.
 Surge age et haec laetus longaeuo dicta parenti
 haud dubitanda refer : Corythum terrasque requirat 170
 Ausonias ; Dictaea negat tibi Iuppiter arua. »
 Talibus attonitus uisis et uoce deorum
 (nec sopor illud erat, sed coram agnoscere uultus
 uelatasque comas praesentiaque ora uidebar ;
 tum gelidus toto manabat corpore sudor) 175
 corripio e stratis corpus tendoque supinas
 ad caelum cum uoce manus et munera libo
 intemerata focis. Perfecto laetus honore
 Anchisen facio certum remque ordine pando.
 Agnouit prolem ambiguam geminosque parentis, 180
 seque nouo ueterum deceptum errore locorum.
 Tum memorat : « Nate, Iliacis exercite fati,
 sola mihi talis casus Cassandra canebat.
 Nunc repeto haec generi portendere debita nostro
 et saepe Hesperiam, saepe Itala regna uocare. 185
 Sed quis ad Hesperiae uenturos litora Teucros
 crederet ? aut quem tum uates Cassandra moueret ?

Cedamus Phoebō et moniti meliora sequamur. »
 Sic ait, et cuncti dicto paremus ouantes.
 Hanc quoque deserimus sedem paucisque relictis 190
 uela damus uastumque caua trabe currimus aequor.
 Postquam altum tenuere rates nec iam amplius ullae
 apparent terrae, caelum undique et undique pontus,
 tum mihi caeruleus supra caput astitit imber
 noctem hiememque ferens et inhorruit unda tenebris. 195
 Continuo uenti uoluont mare magnaue surgunt
 aequora, dispersi iactamur gurgite uasto ;
 inuoluere diem nimbi et nox umida caelum
 abstulit, ingeminant abruptis nubibus ignes,
 excutimur cursu et caecis erramus in undis. 200
 Ipse diem noctemque negat discernere caelo
 nec meminisse uiae media Palinurus in unda.
 Tris adeo incertos caeca caligine soles
 erramus pelago, totidem sine sidere noctes.
 Quarto terra die primum se attollere tandem 205
 uisa, aperire procul montis ac uoluere fumum.
 Vela cadunt, remis insurgimus, haud mora, nautae
 adnixa torquent spumas et caerula uerrunt.
 Seruatum ex undis Strophadum me litora primum
 excipiunt. Strophades Graio stant nomine dictae 210
 insulae Ionio in magno quas dira Celaeno
 Harpyiaeque colunt aliae, Phineia postquam
 clausa domus mensasque metu liquere priores.
 Tristius haud illis monstrum, nec saeuior ulla
 pestis et ira deum Stygiis sese extulit undis. 215
 Virginei uolucrum uoltus, foedissima uentris
 proluuius uncaeque manus et pallida semper
 ora fame.
 Huc ubi delati portus intrauimus, ecce

laeta boum passim campis armenta uidemus 220
 caprigenumque pecus nullo custode per herbas.
 Irruimus ferro et diuos ipsumque uocamus
 in partem praedamque louem ; tum litore curuo
 exstruimusque toros dapibusque epulamur opimis.
 At subitae horrifico lapsu de montibus adsunt 225
 Harpyiae et magnis quatiunt clangoribus alas,
 diripiuntque dapes contactuque omnia foedant
 immundo ; tum uox taetrum dira inter odorem.
 Rursum in secessu longo sub rupe cauata
 [arboribus clausam circum atque horrentibus umbris] 230
 instruimus mensas arisque reponimus ignem ;
 rursum ex diuerso caeli caecisque latebris
 turba sonans praedam pedibus circumuolat uncis,
 polluit ore dapes. Sociis tunc arma capessant
 edico, et dira bellum cum gente gerendum. 235
 Haud secus ac iussi faciunt tectosque per herbam
 disponunt ensis et scuta latentia condunt.
 Ergo ubi delapsae sonitum per curua dedere
 litora, dat signum specula Misenus ab alta
 aere cauo. Inuadunt socii et noua proelia temptant, 240
 obscenas pelagi ferro foedare uolucris.
 Sed neque uim plumis ullam nec uolnera tergo
 accipiunt, celerique fuga sub sidera lapsae
 semesam praedam et uestigia foeda relinquont.
 Vna in praecelsa consedit rupe Celaeno, 245
 infelix uates, rumpitque hanc pectore uocem :
 « Bellum etiam pro caede boum stratisque iuuenis,
 Laomedontiadae, bellumne inferre paratis
 et patrio Harpyias insontis pellere regno ?
 Accipite ergo animis atque haec mea figite dicta, 250
 quae Phoebo pater omnipotens, mihi Phoebus Apollo

praedixit, uobis Furiarum ego maxima pando.
 Italiam cursu petitis uentisque uocatis :
 ibitis Italiam portusque intrare licebit.
 Sed non ante datam cingetis moenibus urbem 255
 quam uos dira fames nostraeque iniuria caedis
 ambasas subigat malis absumere mensas. »
 Dixit, et in siluam pennis ablata refugit.
 At sociis subita gelidus formidine sanguis
 deriguit ; cecidere animi, nec iam amplius armis, 260
 sed uotis precibusque iubent exposcere pacem,
 siue deae seu sint dirae obscenaeque uolucres.
 Et pater Anchises passis de litore palmis
 numina magna uocat meritosque indicit honores:
 « Di, prohibete minas ; di, talem auertite casum 265
 et placidi seruate pios. » Tum litore funem
 deripere excussosque iubet laxare rudentis.
 Tendunt uela Noti ; fugimus spumantibus undis
 qua cursum uentusque gubernatorque uocabat.
 Iam medio apparet fluctu nemorosa Zacynthos 270
 Dulichiumque Sameque et Neritos ardua saxis.
 Effugimus scopulos Ithacae, Laertia regna,
 et terram altricem saeui exsecramur Vlixii.
 Mox et Leucatae nimbose cacumina montis
 et formidatus nautis aperitur Apollo. 275
 Hunc petimus fessi et paruae succedimus urbi ;
 ancora de prora iacitur, stant litore puppes.
 Ergo insperata tandem tellure potiti
 lustramurque loui uotisque incendimus aras,
 Actiaque Iliacis celebramus litora ludis. 280
 Exercent patrias oleo labente palaestras
 nudati socii : iuuat euasisse tot urbes
 Argolicas mediosque fugam tenuisse per hostis.

Interea magnum sol circumuoluitur annum et glacialis hiems Aquilonibus asperat undas ;	285
aere cauo clipeum, magni gestamen Abantis, postibus aduersis figo et rem carmine signo : AENEAS HAEC DE DANAIIS VICTORIBVS ARMA ; linquere tum portus iubeo et considerare transtris.	
Certatim socii feriunt mare et aequora uerrunt.	290
Protinus aérias Phaeacum abscondimus arces litoraue Epiri legimus portuque subimus Chaonio et celsam Buthroti accedimus urbem. Hic incredibilis rerum fama occupat auris,	
Priamiden Helenum Graias regnare per urbis coniugio Aeacidæ Pyrrhi sceptrisque potitum, et patrio Andromachen iterum cecisisse marito.	295
Obstupui miroque incensum pectus amore compellare uirum et casus cognoscere tantos.	
Progredior portu classis et litora linquens,	300
sollemnis cum forte dapes et tristia dona ante urbem in luco falsi Simoentis ad undam libabat cineri Andromache manisque uocabat Hectoreum ad tumulum, uiridi quem caespite inanem	
et geminas, causam lacrimis, sacrauerat aras.	305
Vt me conspexit uenientem et Troia circum arma amens uidit, magnis exterrita monstros deriguit uisu in medio, calor ossa reliquit, labitur et longo uix tandem tempore fatur :	
« Verane te facies, uerus mihi nuntius adfers, nate dea ? uiuisne ? aut, si lux alma recessit, Hector ubi est ? » Dixit, lacrimasque effudit et omnem impleuit clamore locum. Vix pauca furenti subicio et raris turbatus uocibus hisco :	310
« Viuo equidem uitamque extrema per omnia duco ;	315

ne dubita, nam uera uides.

Heu ! quis te casus deiectam coniuge tanto
excipit, aut quae digna satis fortuna reuisit,
Hectoris Andromache ? Pyrrhin conubia seruas ? »

Deiecit uoltum et demissa uoce locuta est : 320

« O felix una ante alias Priameia uirgo,
hostilem ad tumulum Troiae sub moenibus altis
iussa mori, quae sortitus non pertulit ullos
nec uictoris eri tetigit captiua cubile !

Nos patria incensa diuersa per aequora uectae 325

stirpis Achilleae fastus iuuenemque superbum
seruitio enixae tulimus ; qui deinde secutus
Ledaeam Hermionen Lacedaemoniosque hymenaeos
me famulo famulamque Heleno transmisit habendam.

Ast illum ereptae magno flammatus amore 330

coniugis et scelerum furiis agitatus Orestes
excipit incautum patriasque obtruncat ad aras.

Morte Neoptolemi regnorum reddita cessit
pars Heleno, qui Chaonios cognomine campos
Chaoniamque omnem Troiano a Chaone dixit, 335

Pergamaque Iliacamque iugis hanc addidit arcem.

Sed tibi qui cursum uenti, quae fata dedere ?
aut quisnam ignarum nostris deus appulit oris ?
quid puer Ascanius ? superatne et uescitur aura ?
quem tibi iam Troia— 340

ecqua tamen puero est amissae cura parentis?
ecquid in antiquam uirtutem animosque uirilil
et pater Aeneas et auonculus excitat Hector? »

Talia fundebat lacrimans longosque ciebat 345

incassum fletus, cum sese a moenibus heros
Priamides multis Helenus comitantibus adfert,
agnoscitque suos laetusque ad limina ducit,

et multum lacrimas uerba inter singula fundit.
 Procedo et paruam Troiam simulataque magnis
 Pergama et arentem Xanthi cognomine riuom 350
 agnosco, Scaeeaeque amplector limina portae.
 Nec non et Teucris socia simul urbe fruuntur;
 illos porticibus rex accipiebat in amplis ;
 aulai medio libabant pocula Bacchi
 impositis auro dapibus, paterasque tenebant. 355
 lamque dies alterque dies processit, et aurae
 uela uocant tumidoque inflatur carbasus Austro ;
 his uatem adgredior dictis ac talia quaeso :
 « Troiugena, interpres diuom, qui numina Phoebi,
 qui tripodas, Clarii laurus, qui sidera sentis 360
 et uolucrum linguas et praepetis omina pennae,
 fare age (namque omnem cursum mihi prospera dixit
 religio, et cuncti suaserunt numine diui
 Italiam petere et terras temptare repostas ;
 sola nouom dictuque nefas Harpyia Celaeno 365
 prodigium canit et tristis denuntiat iras
 obscenamque famem), quae prima pericula uito ?
 quidue sequens tantos possim superare labores ? »
 Hic Helenus caesis primum de more iuuenis
 exorat pacem diuom uittasque resoluit 370
 sacrati capitis, meque ad tua limina, Phoebe,
 ipse manu multo suspensum numine ducit,
 atque haec deinde canit diuino ex ore sacerdos :
 « Nate dea (nam te maioribus ire per altum
 auspiciis manifesta fides, sic fata deum rex 375
 sortitur uoluitque uices, is uertitur ordo),
 pauca tibi e multis, quo tutior hospita lustras
 aequora et Ausonio possis considerare portu,
 expediam dictis : prohibent nam cetera Parcae

scire Helenum farique uetat Saturnia luno. 380
 Principio Italiam, quam tu iam rere propinquam
 uicinosque, ignare, paras inuadere portus,
 longa procul longis uia diuidit inuia terris.
 Ante et Trinacria lentandus remus in unda
 et salis Ausonii lustrandum nauibus aequor 385
 infernique lacus Aeaeaeque insula Circae,
 quam tuta possis urbem componere terra.
 Signa tibi dicam, tu condita mente teneto :
 cum tibi sollicito secreti ad fluminis undam
 litoreis ingens inuenta sub ilicibus sus 390
 triginta capitum fetus enixa iacebit,
 alba solo recubans, albi circum ubera nati,
 is locus urbis erit, requies ea certa laborum.
 Nec tu mensarum morsus horresce futuros :
 fata uiam inuenient aderitque uocatus Apollo. 395
 Has autem terras Italique hanc litoris oram,
 proxima quae nostri perfunditur aequoris aestu,
 effuge ; cuncta malis habitantur moenia Graeis.
 Hic et Narycii posuerunt moenia Locri,
 et Sallentinos obsedit milite campos 400
 Lyctius Idomeneus ; hic illa ducis Meliboei
 parua Philoctetae subnixa Petelia muro.
 Quin ubi transmissae steterint trans aequora classes
 et positis aris iam uota in litore solues, 405
 purpureo uelare comas adopertus amictu,
 ne qua inter sanctos ignis in honore deorum
 hostilis facies occurrat et omina turbet.
 Hunc socii morem sacrorum, hunc ipse teneto ;
 hac casti maneant in religione nepotes.
 Ast ubi digressum Siculae te admouerit orae 410
 uentus et angusti rarescent claustra Pelori,

laeua tibi tellus et longo laeua petantur
 aequora circuitu ; dextrum fuge litus et undas.
 haec loca ui quondam et uasta conuolsa ruina
 (tantum aeui longinqua ualet mutare uetustas) 415
 dissiluisse ferunt ; cum protinus utraque tellus
 una foret, uenit medio ui pontus et undis
 Hesperium Siculo latus abscidit, aruaque et urbes
 litore diductas angusto interluit aestu.
 Dextrum Scylla latus, laeuom implacata Charybdis 420
 obsidet, atque imo barathri ter gurgite uastos
 sorbet in abruptum fluctus rursusque sub auras
 erigit alternos et sidera uerberat unda.
 At Scyllam caecis cohibet spelunca latebris
 ora exsertantem et nauis in saxa trahentem. 425
 Prima hominis facies et pulchro pectore uirgo
 pube tenus, postrema immani corpore pistrix
 delphinum caudas utero commissa luporum.
 Praestat Trinacrii metas lustrare Pachyni
 cessantem, longos et circumflectere cursus, 430
 quam semel informem uasto uidisse sub antro
 Scyllam et caeruleis canibus resonantia saxa.
 Praeterea, si qua est Heleno prudentia uati,
 si qua fides, animum si ueris implet Apollo,
 unum illud tibi, nate dea, proque omnibus unum 435
 praedicam et repetens iterumque iterumque monebo :
 lunonis magnae primum prece numen adora,
 lunoni cane uota libens dominamque potentem
 supplicibus supera donis : sic denique uictor
 Trinacria finis Italos mittere relicta. 440
 Huc ubi delatus Cumaeam accesseris urbem
 diuinosque lacus et Auerna sonantia siluis,
 insanam uatem aspicias, quae rupe sub ima

fata canit foliisque notas et nomina mandat.
 Quaecumque in foliis descripsit carmina uirgo 445
 digerit in numerum atque antro seclusa relinquit ;
 illa manent immota locis neque ab ordine cedunt.
 Verum eadem, uerso tenuis cum cardine uentus
 impulit et teneras turbauit ianua frondes,
 numquam deinde cauo uolitantia prendere saxo 450
 nec reuocare situs aut iungere carmina curat :
 inconsulti abeunt sedemque odere Sibyllae.
 Hic tibi ne qua morae fuerint dispendia tanti,
 quamuis increpitent socii et ui cursus in altum
 uela uocet, possisque sinus implere secundos, 455
 quin adeas uatem precibusque oracula poscas
 ipsa canat uocemque uolens atque ora resoluat.
 Illa tibi Italiae populos uenturaque bella
 et quo quemque modo fugiasque ferasque laborem
 expediet, cursusque dabit uenerata secundos. 460
 Haec sunt quae nostra liceat te uoce moneri.
 Vade age et ingentem factis fer ad aethera Troiam. »
 Quae postquam uates sic ore effatus amico est,
 dona dehinc auro grauia secto elephanto
 imperat ad nauis ferri, stipatque carinis 465
 ingens argentum Dodonaeosque lebetas,
 loricam consertam hamis auroque trilicem,
 et conum insignis galeae cristasque comantis,
 arma Neoptolemi ; sunt et sua dona parenti.
 Addit equos, additque duces, 470
 remigium supplet, socios simul instruit armis.
 Interea classem uelis aptare iubebat
 Anchises, fieret uento mora ne qua ferenti.
 Quem Phoebi interpretes multo compellat honore :
 « Coniugio, Anchisa, Veneris dignate superbo, 475

cura deum, bis Pergameis erepte ruinis,
 ecce tibi Ausoniae tellus : hanc arripe uelis.
 Et tamen hanc pelago praeterlabare necesse est :
 Ausoniae pars illa procul quam pandit Apollo.
 Vade » ait « o felix nati pietate. Quid ultra 480
 prouehor et fando surgentis demoror Austros ? »
 Nec minus Andromache digressu maesta supremo
 fert picturatas auri subtemine uestis
 et Phrygiam Ascanio chlamydem (nec cedit honori)
 textilibusque onerat donis, ac talia fatur : 485
 « Accipe et haec, manuum tibi quae monumenta mearum
 sint, puer, et longum Andromachae testentur amorem,
 coniugis Hectoreae. Cape dona extrema tuorum,
 o mihi sola mei super Astyanactis imago.
 Sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat ; 490
 et nunc aequali tecum pubesceret aeuo. »
 Hos ego digrediens lacrimis adfabar obortis :
 « Viuite felices, quibus est fortuna peracta
 iam sua : nos alia ex aliis in fata uocamur.
 Vobis parta quies ; nullum maris aequor arandum, 495
 arua neque Ausoniae semper cedentia retro
 quaerenda. Effigiem Xanthi Troiamque uidetis
 quam uestrae fecere manus, melioribus, opto,
 auspiciis, et quae fuerint minus obuia Graiis.
 Si quando Thybrim uicinaque Thybridis arua 500
 intraro gentique meae data moenia cernam,
 cognatas urbis olim populosque propinquos,
 Epiro Hesperiam (quibus idem Dardanus auctor
 atque idem casus), unam faciemus utramque
 Troiam animis : maneat nostros ea cura nepotes. » 505
 Prouehimur pelago uicina Ceraunia iuxta,
 unde iter Italiam cursusque breuissimus undis.

Sol ruit interea et montes umbrantur opaci ;
 sternimur optatae gremio telluris ad undam
 sortiti remos passimque in litore sicco 510
 corpora curamus, fessos sopor inrigat artus.
 Necdum orbem medium nox Horis acta subibat :
 haud segnis strato surgit Palinurus et omnis
 explorat uentos atque auribus aera captat ;
 sidera cuncta notat tacito labentia caelo, 515
 Arcturum pluuiasque Hyadas geminosque Triones,
 armatumque auro circumspicit Oriona.
 Postquam cuncta uidet caelo constare sereno,
 dat clarum e puppi signum ; nos castra mouemus
 temptamusque uiam et uelorum pandimus alas. 520
 Iamque rubescebat stellis Aurora fugatis
 cum procul obscuros collis humilemque uidemus
 Italiam. Italiam primus conclamat Achates,
 Italiam laeto socii clamore salutant.
 Tum pater Anchises magnum cratera corona 525
 induit impleuitque mero, diuosque uocauit
 stans celsa in puppi :
 « Di maris et terrae tempestatumque potentes,
 ferte uiam uento facilem et spirate secundi. »
 Crebrescunt optatae aurae portusque patescit 530
 iam propior, templumque apparet in arce Mineruae.
 Vela legunt socii et proras ad litora torquent.
 Portus ab euroo fluctu curuatus in arcum,
 obiectae salsa spumant aspergine cautes,
 ipse latet ; gemino demittunt bracchia muro 535
 turriti scopuli refugitque ab litore templum.
 Quattuor hic, primum omen, equos in gramine uidi
 tondentis campum late, candore niuali.
 Et pater Anchises « Bellum, o terra hospita, portas :

bello armantur equi, bellum haec armenta minantur. 540
 Sed tamen idem olim curru succedere sueti
 quadrupedes et frena iugo concordia ferre :
 spes et pacis » ait. Tum numina sancta precamur
 Palladis armisonae, quae prima accepit ouantis,
 et capita ante aras Phrygio uelamur amictu, 545
 praeceptisque Heleni, dederat quae maxima, rite
 lunoni Argiuae iussos adolemus honores.
 Haud mora, continuo perfectis ordine uotis
 cornua uelatarum obuertimus antemnarum,
 Graiugenumque domos suspectaque linquimus arua. 550
 Hinc sinus Herculei (si uera est fama) Tarenti
 cernitur, attollit se diua Lacinia contra,
 Caulonisque arces et nauifragum Scylaceum.
 Tum procul e fluctu Trinacria cernitur Aetna,
 et gemitum ingentem pelagi pulsataque saxa 555
 audimus longe fractasque ad litora uoces,
 exsultantque uada atque aestu miscentur harenae.
 Et pater Anchises « Nimirum hic illa Charybdis ;
 hos Helenus scopulos, haec saxa horrenda canebat.
 Eripite, o socii, pariterque insurgite remis. » 560
 Haud minus ac iussi faciunt, primusque rudentem
 contorsit laeuas proram Palinurus ad undas ;
 laeuan cuncta cohors remis uentisque petiuit.
 Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem 565
 subducta ad Manis imos desedimus unda.
 Ter scopuli clamorem inter caua saxa dedere,
 ter spumam elisam et rorantia uidimus astra.
 Interea fessos uentus cum sole reliquit,
 ignarique uiae Cyclopum adlabimur oris.
 Portus ab accessu uentorum immotus et ingens 570
 ipse ; sed horrificis iuxta tonat Aetna ruinis,

interdumque atram prorumpit ad aethera nubem
turbine fumantem piceo et candente fauilla,
attollitque globos flammaram et sidera lambit,
interdum scopulos auolsaque uiscera montis 575
erigit eructans, liquefactaque saxa sub auras
cum gemitu glomerat fundoque exaestuat imo.
Fama est Enceladi semustum fulmine corpus
urgeri mole hac, ingentemque insuper Aetnam
impositam ruptis flammam exspirare caminis, 580
et, fessum quotiens mutet latus, intremere omnem
murmure Trinacriam et caelum subtexere fumo.
Noctem illam tecti siluis immania monstra
perferimus, nec quae sonitum det causa uidemus.
Nam neque erant astrorum ignes nec lucidus aethra 585
siderea polus, obscuro sed nubila caelo,
et lunam in nimbo nox intempesta tenebat.
Postera iamque dies primo surgebat Eoo
umentemque Aurora polo dimouerat umbram,
cum subito e siluis macie confecta suprema 590
ignoti noua forma uiri miserandaque cultu
procedit supplexque manus ad litora tendit.
Respicimus : dira inluuies immissaque barba,
consertum tegimen spinis ; at cetera Graius,
et quondam patriis ad Troiam missus in armis. 595
Isque ubi Dardanios habitus et Troia uidit
arma procul, paulum aspectu conterritus haesit
continuitque gradum ; mox sese ad litora praiceps
cum fletu precibusque tulit : « Per sidera testor,
per superos atque hoc caeli spirabile lumen, 600
tollite me, Teucri ; quascumque abducite terras :
hoc sat erit. Scio me Danais e classibus unum
et bello Iliacos fateor petiisse penatis.

Pro quo, si sceleris tanta est iniuria nostri,
 spargite me in fluctus uastoque immergite ponto ; 605
 si pereo, hominum manibus periisse iuuabit. »
 Dixerat et genua amplexus genibusque uolutans
 haerebat. Qui sit fari, quo sanguine cretus,
 hortamur, quae deinde agitet fortuna fateri.
 Ipse pater dextram Anchises haud multa moratus 610
 dat iuueni atque animum praesenti pignore firmat.
 Ille haec deposita tandem formidine fatur :
 « Sum patria ex Ithaca, comes infelicis Vlxi,
 nomine Achaemenides, Troiam genitore Adamasto
 paupere (mansissetque utinam fortuna !) profectus. 615
 Hic me, dum trepidi crudelia limina linqunt,
 immemores socii uasto Cyclopi in antro
 deseruere. Domus sanie dapibusque cruentis,
 intus opaca, ingens ; ipse arduus, altaque pulsat
 sidera (di talem terris auertite pestem !) 620
 nec uisu facilis nec dictu adfabilis ulli.
 Visceribus miserorum et sanguine uescitur atro :
 uidi egomet duo de numero cum corpora nostro
 prensa manu magna medio resupinus in antro
 frangeret ad saxum, sanieque aspersa natarent 625
 limina ; uidi atro cum membra fluentia tabo
 manderet et tepidi tremarent sub dentibus artus —
 haud impune quidem, nec talia passus Vlives
 oblitusue sui est Ithacus discrimine tanto.
 Nam simul expletus dapibus uinoque sepultus 630
 ceruicem inflexam posuit, iacuitque per antrum
 immensum saniem eructans et frustra cruento
 per somnum commixta mero, nos magna precati
 numina sortitique uices una undique circum
 fundimur, et telo lumen terebramus acuto 635

ingens quod torua solum sub fronte latebat,
 Argolici clipei aut Phoebae lampadis instar,
 et tandem laeti sociorum ulciscimur umbras.
 Sed fugite, o miseri, fugite atque ab litore funem
 rumpite. 640

Nam qualis quantusque cauo Polyphemus in antro
 lanigeras claudit pecudes atque ubera pressat,
 centum alii curua haec habitant ad litora uolgo
 infandi Cyclopes et altis montibus errant.

Tertia iam lunae se cornua lumine complent
 cum uitam in siluis inter deserta ferarum
 lustra domosque traho, uastosque ab rupe Cyclopas
 prospicio sonitumque pedum uocemque tremesco.

Victum infelicem, bacas lapidosaque corna,
 dant rami, et uolsis pascunt radicibus herbae. 650

Omnia conlustrans hanc primum ad litora classem
 conspexi uenientem. Huic me, quaecumque fuisset,
 addixi : satis est gentem effugisse nefandam.

Vos animam hanc potius quocumque absumite leto. »
 Vix ea fatus erat summo cum monte uidemus
 ipsum inter pecudes uasta se mole mouentem
 pastorem Polyphemum et litora nota petentem,
 monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum.

Trunca manum pinus regit et uestigia firmat ;
 lanigerae comitantur oues ; ea sola uoluptas
 solamenque mali. [de collo fistula pendet]. 660

Postquam altos tetigit fluctus et ad aequora uenit,
 luminis effossi fluidum lauit inde cruorem
 dentibus infrendens gemitu, graditurque per aequor
 iam medium, necdum fluctus latera ardua tinxit. 665

Nos procul inde fugam trepidi celerare recepto
 supplice sic merito tacitique incidere funem,

uertimus et proni certantibus aequora remis.
 Sensit et ad sonitum uocis uestigia torsit.
 Verum ubi nulla datur dextra adfectare potestas 670
 nec potis Ionios fluctus aequare sequendo,
 clamorem immensum tollit, quo pontus et omnes
 intremuere undae penitusque exterrita tellus
 Italiae curuisque immugiit Aetna cauernis.
 At genus e siluis Cyclopum et montibus altis 675
 excitum ruit ad portus et litora complent.
 Cernimus astantis nequiquam lumine toruo
 Aetnaeos fratres caelo capita alta ferentis,
 concilium horrendum : quales cum uertice celso
 aerae quercus aut coniferae cyparissi 680
 constiterunt, silua alta louis lucusue Dianae.
 Praecipitis metus acer agit quocumque rudentis
 excutere et uentis intendere uela secundis.
 Contra iussa monent Heleni, Scyllam atque Charybdim
 inter, utrimque uiam leti discrimine paruo 685
 ni teneam cursus ; certum est dare lintea retro.
 Ecce autem Boreas angusta ab sede Pelori
 missus adest : uiuo praeteruehor ostia saxo
 Pantagiae Megarosque sinus Thapsumque iacentem.
 Talia monstrabat relegens errata retrorsus 690
 litora Achaemenides, comes infelicis Vlxi.
 Sicanio praetenta sinu iacet insula contra
 Plemurium undosum, nomen dixere priores
 Ortygiam. Alpheum fama est huc Elidis amnem
 occultas egisse uias subter mare, qui nunc 695
 ore, Arethusa, tuo Siculis confunditur undis.
 Iussi numina magna loci ueneramur, et inde
 exsupero praepingue solum stagnantis Helori.
 Hinc altas cautes proiectaque saxa Pachyni

radimus, et fatis numquam concessa moueri 700
apparet Camerina procul campique Geloi,
immanisque Gela fluuii cognomine dicta.
Arduus inde Acragas ostentat maxima longe
moenia, magnanimum quondam generator equorum ;
teque datis linquo uentis, palmosa Selinus, 705
et uada dura lego saxis Lilybeia caecis.
Hinc Drepani me portus et inlaetabilis ora
accipit. Hic pelagi tot tempestatibus actus
heu, genitorem, omnis curae casusque leuamen,
amitto Anchisen. Hic me, pater optime, fessum 710
deseris, heu, tantis nequiquam erepte periclis !
Nec uates Helenus, cum multa horrenda moneret,
hos mihi praedixit luctus, non dira Celaeno.
Hic labor extremus, longarum haec meta uiarum.
Hinc me digressum uestris deus appulit oris. » 715
Sic pater Aeneas intentis omnibus unus
fata renarrabat diuom cursusque docebat.
Conticuit tandem factoque hic fine quieuit.

Índice Onomástico

Abas (*Abantis*, v. 286)

Acates (*Achates*, v. 523)

Áccios (*Actia*, v. 280)

Adamasto (*Adamasto*, v. 614)

Agamenônias (*Agamemnonias*, v. 54)

Agrigento (*Acragas*, v. 703)

Alfeu (*Alpheum*, v. 694)

Andrômaca (*Andromachen*, v. 297; *Andromache*, v. 303; *Andromache*, v. 319; *Andromache*, v. 482; *Andromachae*, v. 487)

Ânio (*Anius*, v. 80)

Anquises (*Anchises*, v. 9; *Anchisen*, v. 82; *Anchisen*, v. 179; *Anchises*, v. 263; *Anchises*, v. 473; *Anchisa*, v. 475; *Anchises*, v. 525; *Anchises*, v. 539; *Anchises*, v. 558; *Anchises*, v. 610; *Anchisen*, v. 710)

Antandro (*Antandro*, v. 6)

Antro do Ciclope (*Cyclopis...antro*, v. 617)

Apolo (*Apollinis*, v. 79; *Apollo*, v. 119; *Apollo*, v. 154; *Apollo*, v. 162; *Apollo*, v. 251; *Apollo*, v. 275; *Apollo*, v. 395; *Apollo*, v. 434; *Apollo*, v. 479)

Apolo Délio (*Delius...Apollo*, v. 162)

Apolo Febo (*Phoebus Apollo*, v. 251)

Aquemênides (*Achaemenides*, v. 614; *Achaemenides*, v. 691)

Aquileia (*Achilleae*, v. 326)

- Aquiles** (*Achilli*, v. 87)
- Aquilões** (*Aquilonibus*, v. 285)
- Arcturo** (*Arcturum*, v. 516)
- Aretusa** (*Arethusa*, v. 696)
- Argiva Juno** (*Iunoni Argivae*, v. 547)
- Argólico, Argólicas** (*Argolicas*, v. 283; *Argolici*, v. 637)
- Ascânio** (*Ascanius*, v. 339; *Ascanio*, v. 484)
- Ásia** (*Asiae*, v. 1)
- Astiânax** (*Astyanactis*, v. 489)
- Aurora** (*Aurora*, v. 521; *Aurora*, v. 589)
- Ausônia** (*Ausoniae*, v. 477; *Ausoniae*, v. 479; *Ausoniae*, v. 496)
- Ausônio, Ausônias** (*Ausonias*, v. 171; *Ausonio*, v. 378; *Ausonii*, v. 385)
- Austros** (*Austros*, v. 61; *Auster*, v. 70; *Austro*, v. 357; *Austros*, v. 481)
- Averno** (*Auerna*, v. 442)
- Azinheira** (*ilicibus*, v. 390)
- Bacante ou Bacata** (*bacchatam*, v. 125)
- Baco** (*Bacchi*, v. 354)
- Bebidas de Baco** (*pocula Bacchi*, v. 354)
- Bóreas** (*Boreas*, v. 687)
- Butroto** (*Buthroti*, v. 293)
- Camerina** (*Camerina*, v. 701)
- Campos Caônios** (*Chaonios...Campos*, v. 334)
- Campos Dicteus** (*Dictaea...arua*, v. 171)

Campos Gelos (*campi Geloi*, v. 701)

Campos Salentinos (*Sallentinos...campos*, v. 400)

Caón (*Chaone*, v. 335)

Caônia (*Chaoniam*, v. 335)

Caônio, Caônios (*Chaonio*, v. 293; *Chaonios*, v. 334)

Caríbdis (*Charybdis*, v. 420; *Charybdis*, v. 558; *Charybdim*, v. 684)

Carvalho (*quercus*, v. 680)

Casa Fineia (*Phineia...Domus*, v. 212-213)

Cassandra (*Cassandra*, v. 183; *Cassandra*, v. 187)

Caulônia (*Caulonis*, v. 553)

Celeno (*Celaeno*, v. 211; *Celaeno*, v. 245; *Celaeno*, v. 365; *Celaeno*, v. 713)

Cerâunias (*Ceraunia*, v. 506)

Cibele (*Cybeli*, v. 111)

Cíclades (*Cyclades*, v. 127)

Ciclopes (*Cyclopum*, v. 569; *Cyclopis*, v. 617; *Cyclopes*, v. 644; *Cyclopas*, v. 647; *Cyclopum*, v. 675)

Cidade Cúmea (*Cumaeam...urbem*, v. 441)

Cidade de Apolo (*Apollinis urbem*, v. 79)

Cidadela Ilíaca (*Iliacam...arcem*, v. 336)

Cidadelas da Caulônia (*Caulonis arces*, v. 553)

Cidadelas dos Feácios (*Phaeacum arces*, v. 291)

Cidadelas Pérgamas (*arces Pergameae*, v. 109-110)

Cidades Argólicas (*urbes Argolicas*, v. 282-283)

- Cidades Graias** (*Graias...urbis*, v. 295)
- Cila** (*Scylla*, v. 420; *Scyllam*, v. 424; *Scyllam*, v. 432; *Scyllam*, v. 684)
- Cilaceu** (*Scylaceum*, v. 553)
- Ciprestes** (*cupresso*, v. 64; *cyparissi*, v. 680)
- Ciprestes Coníferos** (*coniferae cyparissi*, v. 680)
- Circe** (*Circae*, v. 386)
- Clâmide Frígia** (*Phrygiam...chlamydem*, v. 484)
- Claros** (*Clarii*, v. 360)
- Cnóssios** (*Gnosia*, v. 115)
- Cônjuge de Vênus** (*Coniugio...Veneris*, v. 475)
- Cônjuge Heitórea** (*coniugis Hectoreae*, v. 488)
- Costa Hespéria** (*Hesperium...latus*, v. 418)
- Coribantes** (*Corybantia*, v. 111)
- Corito** (*Corythum*, v. 170)
- Corniso** (*cornea*, v. 22)
- Creta** (*Creta*, v. 104; *Cretae*, v. 122; *Cretam*, v. 129; *Cretae*, v. 162)
- Creta de Jove** (*Creta Iouis*, v. 104)
- Creteus** (*Cretaeis*, v. 117)
- Cúmea** (*Cumaeam*, v. 441)
- Curetes** (*Curetum*, v. 131)
- Dânaas** (*Danais*, v. 602)
- Dânaos** (*Danaum*, v. 87; *Danais*, v. 288)
- Dardânia** (*Dardania*, v. 156)
- Dardânias, Dardânios** (*Dardaniae*, v. 52; *Dardanios*, v. 596)

Dardânidas (*Dardanidae*, v. 94)

Dárdanos (*Dardanus*, v. 167; *Dardanus*, v. 503)

Délio (*Delius*, v. 162)

Deusa Lacínia (*diua Lacinia*, v. 552)

Deuses Superiores (*superis*, v. 2; *superos*, v. 600)

Diana (*Dianae*, v. 681)

Dicteus (*Dictaea*, v. 171)

Dioneia (*Dionaeae*, v. 19)

Dodônios (*Dodonaeos*, v. 466)

Donusa (*Donusam*, v. 125)

Drépano (*Drepani*, v. 707)

Dulíquio (*Dulichium*, v. 271)

Eacida (*Aeacidae*, v. 296)

Eacida Pirro (*Aeacidae Pyrrhi*, v. 296)

Eeia (*Aeaeae*, v. 386)

Egeio (*Aegaeo*, v. 74)

Élida (*Elidis*, v. 694)

Eloro (*Helori*, v. 698)

Encélado (*Enceladi*, v. 578)

Enéadas (*Aeneadas*, v. 18)

Eneias (*Aenea*, v. 41; *Aeneae*, v. 97; *Aeneas*, v. 288; *Aeneas*, v. 343; *Aeneas*, v. 716) **Enótrios** (*Oenotri*, v. 165)

Eos (*Eoo*, v. 588)

Épiro (*Epiri*, v. 292; *Epiro*, v. 503)

- Escudo Argólico** (*Argolici clipei*, v. 637)
- Espinheiro** (*uirgulta*, v. 23)
- Estígias** (*Stygiis*, v. 215)
- Estirpe Aquileia** (*stirpis Achilleae*, v. 326)
- Estrófades** (*Strophadum*, v. 209; *Strophades*, v. 210)
- Etna** (*Aetna*, v. 554; *Aetna*, v. 571; *Aetnam*, v. 579; *Aetna*, v. 674)
- Etna Trinácrio** (*Trinacria...Aetna*, v. 554)
- Étneos** (*Aetnaeos*, v. 678)
- Êureo** (*euroo*, v. 533)
- Fados Ilíacos** (*Iliacis... fatis*, v. 182)
- Fama** (*Fama*, v. 121; *Fama*, v. 578)
- Feácios** (*Phaeacum*, v. 291)
- Fêbea** (*Phoebeae*, v. 637)
- Febo** (*Phoebi*, v. 80; *Phoebus*, v. 99; *Phoebus*, v. 101; *Phoebum*, v. 143; *Phoebo*, v. 188; *Phoebo*, v. 251; *Phoebus*, v. 251; *Phoebi*, v. 359; *Phoebe*, v. 371; *Phoebi*, v. 474)
- Filho de uma deusa** (*nate dea*, v. 311; *nate dea*, v. 374; *nate dea*, v. 435)
- Filoctetes** (*Philoctetae*, v. 402)
- Fineia** (*Phineia*, v. 212)
- Fortuna** (*Fortuna*, v. 53)
- Frígia** (*Phrygiae*, v. 6)
- Frígio, Frígia** (*Phrygii*, v. 148; *Phrygiam*, v. 484; *Phrygio*, v. 545)
- Fúrias** (*Furiarum*, v. 252)

Genitor (*genitor*, v. 102)

Genitor Anquises (*genitorem...Anchisen*, v. 709-710)

Gela (*Gela*, v. 702)

Gelos (*Geloi*, v. 701)

Getas (*Geticis*, v. 35)

Giaros (*Gyaro*, v. 76)

Golfo da Tarento de Hércules (*sinus Herculei...Tarenti*, v. 551)

Golfos Mégaros (*Megaros sinus*, v. 689)

Golfo Sicânio (*Sicanio...sinu*, v. 692)

Gradivo (*Gradiuom*, v. 35)

Graio, Graios, Graias (*Grai*, v. 163; *Graio*, v. 210; *Graias*, v. 295; *Grais*, v. 398; *Grais*, v. 499; *Graius*, v. 594)

Harpia, Harpias (*Harpyiae*, v. 212; *Harpyiae*, v. 226; *Harpyias*, v. 249; *Harpyia*, v. 365)

Harpia Celeno (*Harpyia Celaeno*, v. 365)

Heitor (*Hector*, v. 312; *Hectoris*, v. 319; *Hector*, v. 343)

Heitóreo, Heitórea (*Hectoreum*, v. 304; *Hectoreae*, v. 488)

Helena (*Helenum*, v. 295; *Helena*, v. 329; *Helena*, v. 334; *Helenus*, v. 346; *Helenus*, v. 369; *Helenum*, v. 380; *Helena*, v. 433; *Heleni*, v. 546; *Helenus*, v. 559; *Heleni*, v. 684; *Helenus*, v. 712)

Hércules (*Herculei*, v. 551)

Hermíone (*Hermionen*, v. 328)

Hespéria (*Hesperiam*, v. 163; *Hesperiam*, v. 185; *Hesperiae*, v. 186; *Hesperiam*, v. 503)

Híades Chuvosas (*pluuias Hyadas*, v. 516)

imeneus Lacedemônios (*Lacedaemonios hymenaeos*, v. 328)

Horas (*Horis*, v. 512)

Hostes Argólicas (*Argolicas hostis*, v. 283)

Iásio (*Iasius*, v. 168)

Ida (*Idae*, v. 6)

Ida Frígio (*Phrygiae Idae*, v. 6): Vide **Ida**.

Idaio (*Idaeus*, v. 105; *Idaeum*, v. 112)

Idomeneu (*Idomenea*, v. 122; *Idomeneus*, v. 401)

Ilha de Circe (*insula Circae*, v. 386)

Ilíaca, Ilíacos (*Iliacis*, v. 182; *Iliacam*, v. 336; *Iliacos*, v. 603)

Ilíades (*Iliades*, v. 65)

Ílion (*Ilium*, v. 3; *Ilium*, v. 109)

Inferno (*inferni*, v. 386)

Intérprete de Febo (*Phoebi interpres*, v. 474)

Intérprete dos deuses (*interpres diuom*, v. 359)

Irmãos Étneos (*Aetnaeos fratres*, v. 678)

Ítaca (*Ithacae*, v. 272; *Ithaca*, v. 613)

Ítaco (*Ithacus*, v. 629)

Itália (*Italiam*, v. 166; *Italiam*, v. 253; *Italiam*, v. 254; *Italiam*, v. 364;

Italiam, v. 381; *Italiae*, v. 458; *Italiam*, v. 507; *Italiam*, v. 523 (2);

Italiam, v. 524; *Italiae*, v. 674)

Ítalo (*Itali*, v. 396)

Ítalos (*Itala*, v. 185; *Italos*, v. 440)

- Jogos Ilíacos** (*Iliacis...Iudis*, v. 280)
- Jônio, Jônias** (*Ionio*, v. 211; *Ionios*, v. 671)
- Jove** (*Iouis*, v. 104; *Iouem*, v. 223; *Ioui*, v. 279; *Iouis*, v. 681)
- Juno** (*Iuno*, v. 380; *Iunonis*, v. 437; *Iunoni*, v. 438; *Iunoni*, v. 547)
- Júpiter** (*Iuppiter*, v. 116; *Iuppiter*, v. 171)
- Lacedemônios** (*Lacedaemonios*, v. 328)
- Lacínia** (*Lacinia*, v. 552)
- Lado Hespérico** (*Hesperium...latus*, v. 418)
- Laércios** (*Laertia*, v. 272)
- Lago do Inferno** (*inferni lacus*, v. 386)
- Lâmpada Fêbea** (*Phoebeae lampadis*, v. 637)
- Laomedontíades** (*Laomedontiadae*, v. 248)
- Lêdea** (*Ledaeam*, v. 328)
- Lêdea Hermíone** (*Ledaeam Hermionen*, v. 328)
- Leucatas** (*Leucatae*, v. 274)
- Líctio** (*Lyctius*, v. 401)
- Líctio Idomeneu** (*Lyctius Idomeneus*, v. 401)
- Licurgo** (*Lycurgo*, v. 14)
- Lilibeios** (*Lilybeia*, v. 706)
- Limites Ítalos** (*finis Italos*, v. 440)
- Litorais Áccios** (*Actia litora*, v. 280)
- Litorais Creteus** (*Cretaeis...oris*, v. 117)
- Litorais da Hespéria** (*Hesperiae...litora*, v. 186)
- Litorais das Estrófades** (*Strophadum...litora*, v. 209)

- Litorais de Creta** (*litora Cretae*, v. 122)
- Litorais do Épiro** (*litora Epiri*, v. 292)
- Litorais dos Ciclopes** (*Cyclopum...oris*, v. 569)
- Litorais dos Curetes** (*Curetum...oris*, v. 131)
- Litorais Reteios** (*Rhoeteas...oras*, v. 108)
- Litoral Ítalo** (*Itali...litoris*, v. 396)
- Litoral Sículo** (*Siculae...orae*, v. 410)
- Lócrios** (*Locri*, v. 399)
- Loureiro** (*lauro*, v. 81; *laurus*, v. 91; *laurus*, v. 360)
- Loureiro de Claros** (*Clarii laurus*, v. 360)
- Mãe Antiga** (*Antiquam...matrem*, v. 96)
- Mãe Cultivadora** (*mater cultrix*, v. 111)
- Mãe das Nereidas** (*Nereidum matri*, v. 74)
- Mais Alto Rei dos Celículas** (*superoque...caelicolum regi*, v. 20-21)
- Manes** (*manibus*, v. 63; *manis*, v. 303; *manis*, v. 565)
- Mavórcia** (*Mauortia*, v. 13)
- Mégaros** (*Megaros*, v. 689)
- Melibeu** (*Meliboei*, v. 401)
- Míconos** (*Mycono*, v. 76)
- Minerva** (*Mineruae*, v. 531)
- Mirta** (*myrtus*, v. 23)
- Miseno** (*Misenus*, v. 239)
- Moradas da Raça Graia** (*Graiugenum domos*, v. 550)
- Narícia** (*Narycii*, v. 399)

Naxos Bacata ou Bacante (*bacchatam...Naxum*, v. 125)

Neoptólemo (*Neoptolemi*, v. 333; *Neoptolemi*, v. 469)

Nereidas (*Nereidum*, v. 74)

Néritos (*Neritos*, v. 271)

Netúnia (*Neptunia*, v. 3)

Netuno (*Neptuno*, v. 74; *Neptuno*, v. 119)

Netuno Egeio (*Neptuno Aegaeo*, v. 74)

Ninfas Agrestes (*Nymphas...agrestis*, v. 34)

Noite (*nox*, v. 512)

Notos (*Noti*, v. 268)

Oléaros (*Olearum*, v. 126)

Onda Trinácia (*Trinacria...unda*, v. 384)

Ondas Estígias (*Stygiis...undis*, v. 215)

Ondas Sículas (*Siculis...undis*, v. 696)

Oráculo de Ortígia (*oraclum Ortygiae*, v. 143)

Orestes (*Orestes*, v. 331)

Órion (*Oriona*, v. 517)

Ortígia 1 (*Ortygiae*, v. 124; *Ortygiae*, v. 143; *Ortygiam*, v. 154)

Ortígia 2 (*Ortygiam*, v. 694)

Pai (*pater*, v. 89)

Pai Anquises (*pater Anchises*, v. 9; *pater Anchises*, v. 263;
pater...Anchises, v. 610)

Pai Eneias (*pater Aeneas*, v. 716)

Pai Gradivo (*Gradiuom patrem*, v. 35)

- Pai Iásio** (*Iasius pater*, v. 168)
- Pai Maior** (*maximus...pater*, v. 107)
- Pai Onipotente** (*pater omnipotens*, v. 251)
- Pai Ótimo** (*pater optime*, v. 710)
- Palas** (*Palladis*, v. 544)
- Palas das Armas Sonoras** (*Palladis armisonae*, v. 544)
- Palinuro** (*Palinurus*, v. 202; *Palinurus*, v. 513; *Palinurus*, v. 562)
- Pantágia** (*Pantagiae*, v. 689)
- Paquino** (*Pachyni*, v. 429; *Pachyni*, v. 699)
- Paquino Trinácio** (*Trinacrii...Pachyni*, v. 429)
- Parcas** (*Parcae*, v. 379)
- Paros** (*Parum*, v. 126)
- Peloro** (*Pelori*, v. 411; *Pelori*, v. 687)
- Penates** (*penatibus*, v. 12; *penates*, v. 15; *penates*, v. 148; *penatis*, v. 603)
- Penates Frígios** (*Phrygii penates*, v. 148)
- Penates Ilíacos** (*Iliacos...penatis*, v. 603)
- Pequena Troia** (*paruam Troiam*, v. 349)
- Pérgamas** (*Pergameis*, v. 476; *Pergameae*, v. 110)
- Pérgameia** (*Pergameam*, v. 133)
- Pérgamo** (*Pergama*, v. 87; *Pergama*, v. 336; *Pergama*, v. 350)
- Petélia** (*Petelia*, v. 402)
- Piedoso Portador do Arco** (*pius arquitebens*, v. 75)
- Pilritos** (*corna*, v. 649)

Pirro (*Pyrrhi*, v. 296; *Pyrrhin*, v. 319)

Plemúrio (*Plemurium*, v. 693)

Polidoro (*Polydorus*, v. 45; *Polydorum*, v. 49; *Polydorum*, v. 55; *Polydoro*, v. 62)

Polifemo (*Polyphemus*, v. 641; *Polyphemum*, v. 657)

Portas Escaias (*Scaeae...portae*, v. 351)

Porto Ausônio (*Ausonio...portu*, v. 378)

Povos da Itália (*Italiae populos*, v. 458)

Priameia (*Priameia*, v. 321)

Priamida (*Priamiden*, v. 295; *Priamides*, v. 346)

Priamida Heleno (*Priamiden Helenum*, v. 295; *Priamides...Helenus*, v. 346)

Príamo (*Priami*, v. 1; *Priamus*, v. 50)

Profeta (*uatem*, v. 358; *uates*, v. 463; *uates*, v. 712)

Profeta Heleno (*uates Helenus*, v. 712)

Profetisa (*uatem*, v. 443; *uatem*, v. 456)

Raça dos Ciclopes (*genus...Cyclopum*, v. 675)

Raça Graia (*Graiugenum*, v. 550)

Rei dos deuses (*deum rex*, v. 375)

Rei Trácio (*Threicio regi*, v. 51)

Reinos Cnóssios (*Gnosia regna*, v. 115)

Reinos Ítalos (*Itala regna*, v. 185)

Reinos Laércios (*Laertia regna*, v. 272)

Reteios (*Rhoeteas*, v. 108)

- Sal Ausônio** (*salis Ausonii*, v. 385)
- Salentinos** (*Sallentinos*, v. 400)
- Same** (*Same*, v. 271)
- Satúrnia** (*Saturnia*, v. 380)
- Satúrnia Juno** (*Saturnia Iuno*, v. 380)
- Selinunte** (*Selinus*, v. 705)
- Sibila** (*Sibyllae*, v. 452)
- Sicânio** (*Sicanio*, v. 692)
- Sículo, Sículas** (*Siculo*, v. 410; *Siculo*, v. 418; *Siculis*, v. 696)
- Símois** (*Simoentis*, v. 302)
- Simulada Pérgama** (*simulata...Pergama*, v. 349-350)
- Sírios** (*Sirius*, v. 141)
- Tapsos** (*Thapsum*, v. 689)
- Tarento** (*Tarenti*, v. 551)
- Tempestade** (*Hiemi*, v. 120)
- Terra da Itália** (*tellus Italiae*, v. 673-674)
- Terra de Ausônia** (*Ausoniae tellus*, v. 477)
- Terra Mavórcia** (*Terra...Mauortia*, v. 13)
- Terras Ausônias** (*terras...Ausonias*, v. 170-171)
- Terras de Ítalo** (*terras Itali*, v. 396)
- Teucro** (*Teucus*, v. 108)
- Teucros** (*Teucrum*, v. 53; *Teucros*, v. 186; *Teucris*, v. 352; *Teucris*, v. 601)
- Tibre** (*Thybrim*, v. 500; *Thybridis*, v. 500)

Timbreu (*Thymbraee*, v. 85)

Trácio, Trácios (*Thraces*, v. 14; *Threicio*, v. 51)

Trinácia (*Trinacria*, v. 384; *Trinacria*, v. 440; *Trinacriam*, v. 582)

Trinácio (*Trinacrii*, v. 429; *Trinacria*, v. 554)

Triões (*Triones*, v. 516)

Troia (*Troia*, v. 3; *Troia*, v. 11; *Troiae*, v. 15; *Troia*, v. 42; *Troiae*, v. 86; *Troiae*, v. 322; *Troia*, v. 340; *Troiam*, v. 349; *Troiam*, v. 462; *Troiam*, v. 497; *Troiam*, v. 505; *Troiam*, v. 595; *Troiam*, v. 614)

Troia Netúnia (*Neptunia Troia*, v. 3)

Troiano (*Troiano*, v. 335)

Troias (*Troia*, v. 306; *Troia*, v. 596)

Troiógena (*Troiugena*, v. 359)

Ulisses (*Vlixix*, v. 273; *Vlixix*, v. 613; *Vlixes*, v. 628; *Vlixix*, v. 691)

Ulisses Ítaco (*Vlixes...Ithacus*, v. 628-629)

Vagas Jônias (*Ionios fluctus*, v. 671)

Vaus Lilibeios (*uada...Lilybeia*, v. 706)

Vênus (*Veneris*, v. 475)

Virgem (*uirgo*, v. 445)

Virgem Priameia (*Priameia uirgo*, v. 321)

Xantos (*Xanthi*, v. 350; *Xanthi*, v. 497)

Zacintos (*Zacynthos*, v. 270)

Zéfiros (*Zephyris*, v. 120)

Referências

ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 v.).

APOLODORO. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text;jsessionid=6F4FB73D4612822ABB851009B42BC0ED?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0021%3Atext%3DLibrary%3Abook%3D2%3Achapter%3D1%3Asection%3D2>.

APOLLODORO. *Biblioteca*; a cura di Marina Cavalli, introduzione, traduzione e note. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2009.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français* (le grand Bailly); rédigé avec le concours de E. Egger. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraîne, avec en appendice, de nouvelles notices de mythologie et religion par L. Séchan. Paris: Hachette, 2000.

CALLIMAQUE. *Les origines, Réponses aux Telchines, Élégies, Épigrammes, lambes et pièces lyriques, Hécélé, Hymnes*; texte établi et traduit par Émile Cahen. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

CARANDINI, Andrea. *Roma, il primo giorno*. Roma; Bari: Laterza & Figli Spa, 2009.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles, mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Édition revue et augmentée. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982.

COLLOUTHOS. *L'enlèvement d'Hélène*; texte établi et traduit par Pierre Orsini. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

COMMENTARII IN VIRGILIUM SERVIANI; SIVE COMMENTARII IN VIRGILIUM, QUI MAURO SERVIO HONORATO TRIBUUNTUR; ad fidem codicum Guelferbytanorum aliorumque recensuit, et potioribus variis lectionibus indicibusque copiosissimis instruxit. Org. H. Albertus Lion (vol. I). Gottingae: Vandenhoek et Ruprecht, 1826.

DELAMARRE, X. *Le vocabulaire indo-européen: lexique étymologique thématique*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1984.

DRIDI, Hédi. *Carthage et le monde punique*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

DUMÉZIL, Georges. *La religion romaine archaïque* (avec un appendice sur la religion des Étrusques). 2e. éd. Paris: Payot, 2000.

DUMÉZIL, Georges. *Mythe et épopée I-II-III*; préface de Joël H. Grisward. Paris: Gallimard, 1995.

ERNOUT, Alfred et MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Ré tirage de la 4e. édition augmentée d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 2001.

ÉSQUILO. *Tragédias: Os persas, Os sete contra Tebas, As suplicantes, Prometeu cadeeiro*; estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EURIPIDE. *Tragédies: Héraclès, Les suppliantes, Ion*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Bacchantes*; texte établie et traduit par Henri Grégoire, avec le concours de Jean Meunier. Paris: Les Belles

Lettres, 2002.

EURIPIDE. *Tragédies: Les Troyennes; Iphigénie en Tauride; Électre*; texte établi et traduit par Léon Parmentier et Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français* (le grand Gaffiot); nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

GANTZ, Timothy. *Mythes de la Grèce archaïque*; traduit par Danièle Auger et Bernadette Leclercq-Neveu. Paris: Belin, 2004.

GÉLIO, Aulo. *Noites Áticas*; tradução de José Rodrigues Seabra Filho, introdução de Bruno Fregni Basseto. Londrina: EDUEL, 2010.

GRAVES, Robert. *O grande livro dos mitos gregos*; tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*; préface de Charles Picard. 15e. éd. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.

HÉRODOTE. *Histoires* (livre I, Clío); texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HÉSIODE. *Théogonie, Les travaux et les jours, Le bouclier*; textes établis et traduits par Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*; tradução e ensaio crítico de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

HINOS HOMÉRICOS; tradução, notas e estudos de Edvanda Bonavinda da Rosa et alii; edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMÈRE. *Hymnes*; texte établi et traduit par Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1936.

HOMÈRE. *Illiade*; texte établi et traduit par Paul Mazon; notes d'Hélène Monsacré. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

HOMÈRE. *Odyssée*; texte établi et traduit par Victor Bérard, notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2001 (3 vol.).

HYGIN. *Fables*; texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HYGIN. *L'astronomie*; texte établi et traduit par André Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

LA GRÈCE ANTIQUE: carte de la Grèce archaïque et classique d'après les textes anciens (Hérodote, Thucydide, Strabon); le monde égéen entre 750 e 330 a. C. Marly-le-Roi: Yves Gretener, 1994.

LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *Dizionario illustrato greco-italiano*; a cura di Q. Cataudella, M. Manfredi, F. di Benedetto. 22 ed. Firenze: Le Monnier, 2008.

LUCRÈCE. *De la nature*; texte établi, traduit et annoté par Alfred Ernout; introduction et notes par Élisabeth de Fontenay. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

MORKOT, Robert. *Atlas de la Grèce antique*; traduit de l'anglais par Carine Chichereau. Paris: Éditions Autrement, 1999.

OVIDE. *Les fastes*; texte établi, traduit et commenté par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003 (2 vol.).

OVIDE. *Les Métamorphoses*; texte établi par Georges Lafaye, émendé, présenté et traduit par Olivier Sers. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

RHODES, Apollonios de. *Argonautiques*; texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 (3 vol.).

- ROBERT, Jean-Noël. *Les étrusques*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- SOFOCLES. *Ajax*; texte établi par Alphonse Dain et traduit par Paul Mazon; introduction et notes par Jean Alaux. Paris: Les Belles Lettres, 2001.
- THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Third edition revised. Edited by Simon Hornblower and Antony Spawforth. New York: Oxford University Press, 2003.
- TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*; texte établi et traduit par Gaston Baillet, introduction et notes de Jean-Noël Robert. Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- VIRGILIO. *Opere*; a cura di Carlo Carena. Torino: UTET Libreria, 2011.
- VIRGILE. *Bucoliques*; texte établi et traduit par E. de Saint-Denis; nouvelle édition revue et augmentée d'un commentaire; cinquième tirage revu, corrigé et augmenté d'un complément bibliographique par Roger Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.
- VIRGILE. *Énéide*; texte établi et traduit par Jacques Perret. Quatrième tirage de l'édition revue et corrigée par R. Lesueur. Paris: Les Belles Lettres, 2006 (3 vol.).
- VIRGILE. *Énéide*; texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Belessort. 7. éd. Paris: Les Belles Lettres, 1952.
- VIRGILE. *Géorgiques*; texte établi et traduit par Eugène de Saint-Denis, introduction et notes de Jakie Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- VIRGÍLIO. *Eneida*; tradução de José Vitorino Barreto Feio (Livros I-VIII) e José Maria da Costa e Silva (Livros IX-XII). Edição organizada por Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VIRGILIO. *Eneida*; traduzione di Luca Canali; introduzione de Ettore Paratore. 15. ed. Milano: Oscar Mondadori, 2004.

Apêndice Iconográfico



A Porca do Lácio e seus leitões. Museus do Vaticano.



Altar aos deuses Manes. Roma, Termas de Diocleciano.



Altar com a cena de Eneias assistindo ao prodígio da porca e dos 30 leitõezinhos. Roma, Museus do Vaticano, final do século I a. C.



Apolo Citaredo. Idade Augústea. Roma, Museu do Palatino.



Apolo Citarredo. Roma, Palazzo Altemps.



Cena de sacrifício (suovitaurlia), na Coluna de Trajano. Roma.



Cila. Bronze do século VI a. C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Eneias chegando ao Lácio. Fachada da Ara Pacis, Idade Augústea.
Roma.



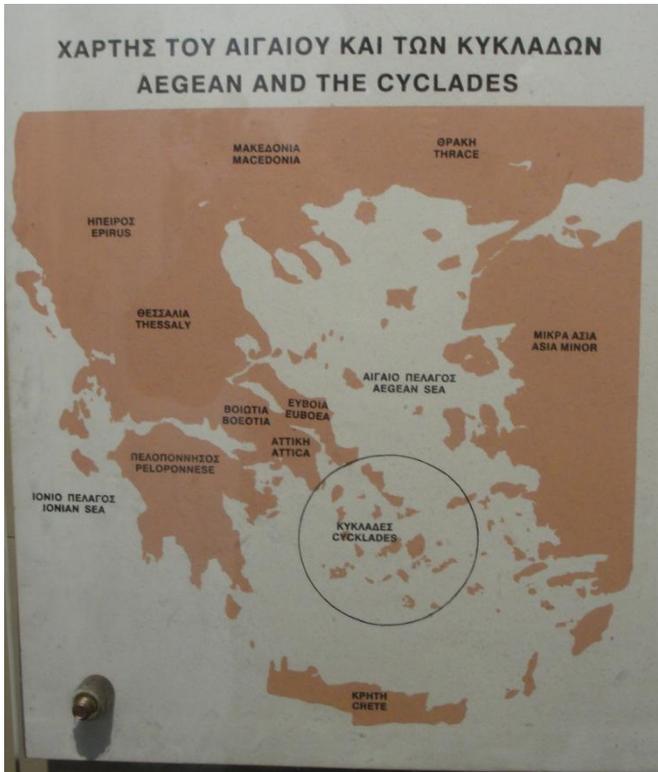
Eneas e porca. Idem.



Grécia, Magna Grécia (Itália) e Sicília, no século VI a. C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Hera. Roma, Palazzo Altemps.



Mapa da Grécia e Ásia Menor, com destaque para as Cíclades.
Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Mapa da Grécia e da Ásia Menor, Troia, Mar Egeu, Mar Jônio e Creta. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Minerva Sentada. Idade Augústea. Roma, Palazzo Massimo.



Netuno. Roma, Piazza del Popolo.



Roma, o Tibre e adjacências. Roma, Termas de Diocleciano.



Sicília, no século VI a. C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.



Sicília. Roma, Termas de Diocleciano.



Torre dos Ventos, Atenas. Notos.



Torre dos Ventos, Atenas. Bóreas.



Torre dos Ventos, Atenas. Euros.



Torre dos Ventos, Atenas. Zéfiro.